

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

VANESSA ADRIANA COLLET

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA EM SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL:
A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM CODA E DAS OCLUSIVAS DENTAIS EM ATAQUE**

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VANESSA ADRIANA COLLET

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA EM SITUAÇÃO DE
CONTATO DIALETAL:
A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM CODA E DAS OCLUSIVAS DENTAIS EM
ATAQUE**

Porto Alegre
2020

VANESSA ADRIANA COLLET

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA EM SITUAÇÃO DE
CONTATO DIALETAL:
A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM CODA E DAS OCLUSIVAS DENTAIS EM
ATAQUE**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Escola de Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Dr.^a Cláudia Regina Brescancini

Porto Alegre

2020

Ficha Catalográfica

C698v Collet, Vanessa Adriana

Variação linguística ao longo da vida em situação de contato dialetal : a variação do rótico em coda e das oclusivas dentais em ataque / Vanessa Adriana Collet . – 2020.

116 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini.

1. Contato Dialetal. 2. Róticos. 3. Oclusivas Dentais. I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Título.

VANESSA ADRIANA COLLET

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA EM SITUAÇÃO DE
CONTATO DIALETAL:
A VARIAÇÃO DO RÓTICO EM CODA E DAS OCLUSIVAS DENTAIS EM
ATAQUE**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Escola de Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini – PUCRS

Profa. Dra. Elisa Battisti – UFRGS

Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva – UESPI

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Inês, e a meu pai, Celso pelo amor incondicional que sempre tiveram para comigo e por serem minha inspiração.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Cláudia Regina Brescancini, pelo exemplo de profissionalismo, pelas riquíssimas contribuições na minha trajetória do mestrado e por acreditar nesta pesquisa.

À CAPES, pela bolsa concedida e por contribuir para a realização de um sonho.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Letras e Educação da PUCRS, por ampliarem meus conhecimentos.

À Prof.^a Dr.^a Elisa Battisti, pelas contribuições no exame de qualificação que me auxiliaram a finalizar a pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Ailma do Nascimento Silva, por aceitar o convite de compor a banca e pelas observações para o aprimoramento do texto.

Às colegas Bruna Lacrout Silveira Viniski (PROBIC/FAPERGS) e Gleísa Alvarez Arrojo (PIBIC/CNPq), bolsistas do VARSUL/PUCRS, que gentilmente auxiliaram nos recortes das gravações.

Ao Felipe, por ser paciente e acreditar nesse sonho junto comigo.

Aos colegas, Aline, Anderson, Renée, Fernanda, Ana Carolina, Vanessa e Roberta, com quem pude conviver nessa trajetória, tornando-a mais alegre.

Aos amigos e familiares que sempre estiveram ao meu lado e que persistem comigo na busca dos meus objetivos.

A Deus, pela vida e por ser sempre meu alicerce.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Ser “caipira” está intimamente relacionado à pureza da alma. O jeito que as palavras se formam não interessa. O que importa é como a mensagem é recebida no coração (COLACI, 2015).

RESUMO

Este trabalho, caracterizado como um estudo de caso, busca investigar a fala de uma mulher adulta, natural de Jundiá-SP, com histórico de migração para São Paulo-SP, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS ao longo de um período de 16 anos, de 1994 a 2010. A amostra em análise é parte do banco de dados VARSUL e apresenta 205 minutos de fala da informante em entrevistas de experiência pessoal, referentes aos anos de 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e de 2010, nas quais figura como entrevistadora. São investigadas, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994), com ênfase no Contato Dialetal (TRUDGILL, 1986; CHAMBERS, 1992; SIEGEL, 2010) e na Mudança Linguística ao Longo da Vida (SANKOFF e BLONDEAU, 2007; BAXTER e CROFT, 2016; SANKOFF, 2018), duas variáveis linguísticas: a produção do rótico em coda e das oclusivas /t,d/ em ataque. Com o auxílio da ferramenta Rbrul (versão 3.6.0) foram identificadas as variáveis linguísticas e sociais condicionadoras da produção da retroflexa e das oclusivas dentais, características da variedade materna da participante. Os resultados estatísticos apontaram, no geral, maior incidência da variante tepe em posição de coda silábica ao longo dos 16 anos, mas com indícios de revitalização da variante retroflexa. Com relação ao condicionamento da variante retroflexa, mostram-se estatisticamente relevantes as variáveis *ano*, *contexto precedente*, *contexto seguinte* e *tonicidade*. No que se refere à /t,d/ em ataque, os resultados estatísticos apontaram predominância da variante africada palato-alveolar, com produção decrescente da variante dental, condicionada estatisticamente por *sonoridade*, *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *status da vogal*, *tonicidade* e *classe de palavra*.

Palavras-chave: Contato Dialetal. Róticos. Oclusivas Dentais.

ABSTRACT

This work, characterized as a case study, seeks to investigate the speech of an adult woman, born in Jundiaí-SP, with a history of migration to São Paulo-SP, Florianópolis-SC and Porto Alegre-RS over a period of 16 years, from 1994 to 2010. The sample under analysis is part of the VARSUL database and presents 205 minutes of informant's speech in personal experience interviews, referring to the years 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 and 2010, in which she figures as an interviewer. Two linguistic variables are investigated in light of the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1994), with emphasis on *Dialects in Contact* (TRUDGILL, 1986; CHAMBERS, 1992; SIEGEL, 2010) and *Linguistic Change across Lifespan* (SANKOFF e BLONDEAU, 2007; BAXTER e CROFT, 2016; SANKOFF, 2018): the production of the rotic in coda position and the plosives / t, d / in onset position. With the aid of the Rbrul tool (version 3.6.0), the linguistic and social variables that condition the production of the retroflex variant and the dental plosive variant, characteristics of the participant's maternal variety, are identified. The statistical results show, in general, a higher incidence of the tap variant in coda position over the 16 years, but with signs of revitalization of the retroflex variant. Regarding the conditioning of the retroflex variant, the variables *year*, *previous context*, *following context* and *stress* are statistically relevant. With regard to / t, d / variable in onset position, the statistical results show the predominance of the palate-alveolar affricate variant, with decreasing production of the dental variant, statistically conditioned by *voicing*, *precedent context*, *following context*, *vowel status*, *stress* and *word class*.

Keywords: Dialects in Contact. Rotics. Dental Plosives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tepe Alveolar - diagrama estático	19
Figura 2 - Aproximante Retroflexa - diagrama estático	20
Figura 3 - Configuração articulatória das dentais.....	27
Figura 4 - Nuvem de palavras referentes à variante retroflexa.....	46
Figura 5 - Mapa que mostra a proximidade de Louveira a Jundiaí	48
Figura 6 – Mapa Político do Brasil – Localização de Jundiaí.....	63
Figura 7 – Mapa Político do Brasil – Localização de São Paulo	65
Figura 8 - Mapa Político do Brasil – Localização e Florianópolis.....	67
Figura 9 – Mapa Político do Brasil – Localização de Porto Alegre	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência Global: variantes do rótico em coda.....	90
Gráfico 2 – Percentagem da Retroflexa em Coda por Ano	93
Gráfico 3- Frequência Global: oclusivas alveolares em ataque	99
Gráfico 4 - Percentagem da dental em ataque	102
Gráfico 5 - Frequência dos clíticos <i>de</i> e <i>te</i>	108
Gráfico 6 - Percentagem retroflexa em coda e oclusivas dentais em ataque.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variantes do rótico em coda e oclusivas em ataque nas localidades de residência da informante.....	61
Quadro 2 - Período de residência e localidade de moradia da Informante.....	71
Quadro 3 - Amostras de Fala da Participante – Dados dos Interlocutores.....	71
Quadro 4 – Ano de Gravação: número de entrevistas realizadas e de ocorrências do /R/ em coda.....	75
Quadro 5 - Ano de Gravação: número de entrevistas realizadas e de ocorrências de /t,d/ em ataque.....	79
Quadro 6 - Variáveis Independentes Sociais - Retroflexa em Coda	87
Quadro 7 - Variáveis Independentes Linguísticas - Retroflexa em Coda	87
Quadro 8 - Variáveis Independentes Sociais - Dental em Ataque	87
Quadro 9 - Variáveis Independentes Linguísticas - Dental em Ataque	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Produção da retroflexa: Ano.....	92
Tabela 2 – Produção da Retroflexa: Escolaridade.....	94
Tabela 3 – Produção de Retroflexa: Contexto Linguístico Precedente	95
Tabela 4 – Produção de Retroflexa: Contexto Linguístico Seguinte.....	97
Tabela 5 - Produção da Retroflexa: Tonicidade	98
Tabela 6 – Produção da dental: Ano.....	101
Tabela 7 - Produção da dental: Sonoridade	103
Tabela 8 – Produção da dental: Contexto Precedente	104
Tabela 9 – Produção da dental: Contexto Seguinte	105
Tabela 10 – Produção da dental: Status da Vogal	106
Tabela 11 – Produção da dental: Tonicidade.....	107
Tabela 12 – Produção da dental: Classe de Palavra	107

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO RÓTICO EM CODA E DE /t,d/ EM ATAQUE	17
2.1 DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS DO PONTO DE VISTA FONÉTICO	17
2.2 DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS DO PONTO DE VISTA FONOLÓGICO	21
2.3 DESCRIÇÃO DE /t,d/ DO PONTO DE VISTA FONÉTICO	27
2.3 DESCRIÇÃO DE /t,d/ DO PONTO DE VISTA FONOLÓGICO	28
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	32
3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	33
3.2 CONTATO DIALETAL E ACOMODAÇÃO	37
3.3 MUDANÇA LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA	42
3.4 DESCRIÇÃO VARIACIONISTA DO RÓTICO EM CODA E DE /t,d/ EM ATAQUE EM LOCALIDADES DO SUDESTE E DO SUL DO BRASIL	44
3.4.1 O rótico em coda	44
3.4.2 /t,d/ em posição de ataque	55
4 METODOLOGIA	62
4.1 AS COMUNIDADES DE RESIDÊNCIA	62
4.1.1 Jundiaí – SP	62
4.1.2 São Paulo – SP	64
4.1.3 Florianópolis – Santa Catarina	66
4.1.3 Porto Alegre – Rio Grande Do Sul	69
4.2 AMOSTRAS DE FALA	70
4.3 AS VARIÁVEIS OPERACIONAIS	73
4.3.1 /R/ em coda	73
4.3.1.1 Variável Dependente	73
4.3.1.2 Variável Independente Social	74
4.3.1.3 Variáveis Independentes Linguísticas	76
4.3.2 /t,d/ em ataque	79
4.3.2.1 Variável Dependente	79
4.3.2.2 Variáveis Independentes Sociais	79
4.3.2.3 Variáveis Independentes Linguísticas	81

4.4 INSTRUMENTOS	85
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	89
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: O RÓTICO EM CODA... 89	89
5.1.1 Frequência global	89
5.1.2 Variáveis selecionadas.....	91
5.1.2.1 Ano.....	91
5.1.2.2 Contexto Precedente	95
5.1.2.3 Contexto Seguinte.....	96
5.1.2.4 Tonicidade.....	97
5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: OCLUSIVAS /t,d/ EM ATAQUE.....	98
5.2.1 Frequência Global	98
5.2.2 Variáveis selecionadas.....	100
5.2.2.1 Ano.....	100
5.2.2.2 Sonoridade	102
5.2.2.3 Contexto Precedente	103
5.2.2.4 Contexto Seguinte.....	105
5.2.2.5 Status da Vogal	106
5.2.2.6 Tonicidade.....	107
5.2.2.7 Classe de Palavra.....	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	113

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa adota os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a partir da perspectiva do Contato Dialetal e da Variação Linguística ao Longo da Vida, com o objetivo de investigar a produção do /R/ em coda, em itens como *porta* e *verde*, e das oclusivas /t,d/ em ataque, como em *time* e *dinheiro*, na fala de uma mulher adulta, natural de Jundiaí-SP, com histórico de migração para São Paulo-SP, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS. Dessa forma, busca-se verificar os condicionamentos linguísticos e sociais referentes às variantes típicas da região de origem da informante, o interior paulista, a saber, a retroflexa e a oclusiva dental, após o contato dialetal com as variedades paulistana, florianopolitana e porto-alegrense ao longo de um período de 16 anos.

A coda /R/ e o ataque /t,d/ constituem variáveis linguísticas adequadas para o estudo que aqui se propõe não só por sua recorrência na língua portuguesa, mas sobretudo por sua relevância para a caracterização variacionista do Português Brasileiro (doravante PB), notadamente pela ampla possibilidade de variantes e pela distribuição regional, etária e sócio-econômica (SILVA et.al., 2012; CALLOU; MORAES; LEITE, 2013).

Os estudos de Labov (1972, 1994), Sankoff (2006), com enfoque na Sociolinguística Variacionista, os de Sankoff e Blondeau (2007), Baxter e Croft (2016), Sankoff (2018), acerca da Variação Linguística ao Longo da Vida, e de Trudgill (1986), Chambers (1992) e Siegel (2010), em relação ao Contato Dialetal, embasam este estudo, ao lado das descrições variacionistas do Português Brasileiro de Oushiro (2015), sobre a variedade paulistana; Carreão (2018), sobre a variedade paulista; Pagotto (2001), sobre a florianopolitana; Botassini (2011), Kamianecy (2002) e Battisti (2014), sobre a porto-alegrense.

A amostra em análise, parte do banco de dados VARSUL, apresenta 205 minutos de fala da informante em entrevistas de experiência pessoal, nas quais figura como entrevistadora em 32 gravações referentes aos anos de 1994, 1995, 2000, 2001 e de 2010. As entrevistas contam com interlocutores tanto florianopolitanos quanto porto-alegrenses, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 76 anos.

Especificamente, tem-se por objetivo identificar, com base em Siegel (2010), qual das situações a seguir se aplica no caso em exame: convergência entre variantes em contato, divergência entre variantes em contato ou preservação da variante materna.

Com relação à variável /R/ em coda, parte-se da hipótese de que a variante retroflexa, menos produzida nas variedades paulistana, florianopolitana e porto-alegrense e alvo de estigma, sobretudo na variedade paulistana, revela taxas mais baixas de produção na fala da informante com relação à variante tepe. Quanto às oclusivas em ataque, espera-se que a variante dental se torne pouco expressiva na fala da informante ao longo do período de investigação, com taxas mais altas durante o período de contato com a variedade florianopolitana, na qual também é praticada, e mais baixas após o início de contato com a variedade porto-alegrense, na qual predomina a variante palatalizada. Tais hipóteses, se confirmadas, revelariam a situação de convergência entre variantes em contato.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, além da introdução. No segundo capítulo são apresentadas as descrições fonética e fonológica dos segmentos em análise. No terceiro capítulo são apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, com foco no Contato Dialetal, na Mudança Linguística ao Longo da Vida e na Teoria da Acomodação. Também estão presentes no terceiro capítulo as descrições de /R/ em coda no português brasileiro e sua realização em São Paulo, capital e interior, em Florianópolis-SC e em Porto Alegre-RS e, após, a descrição das oclusivas /t,d/ em ataque, com foco em suas realizações nas três localidades mencionadas.

A metodologia é exposta no quarto capítulo e apresenta informações referentes à composição da amostra em análise, às variáveis operacionais e, por fim, ao instrumento estatístico adotado para a obtenção dos resultados, descritos e analisados no quinto capítulo, separadamente para o /R/ em coda e para /t,d/ em ataque.

O último capítulo refere-se às considerações finais, com detalhamento dos resultados obtidos.

2 DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO RÓTICO EM CODA E DE /t,d/ EM ATAQUE

Neste capítulo apresenta-se uma descrição do /R/ em coda e de /t,d/ em ataque no PB sob os pontos de vista fonético e fonológico. Desse modo, na seção 2.1 são descritos os diferentes modos e pontos de articulação que compõem a classe dos róticos e a distribuição desses segmentos no PB, com destaque para a aproximante retroflexa e o tepe alveolar, as duas produções mais recorrentes na fala da informante em exame. Em 2.2, os róticos do PB são interpretados fonologicamente, a partir da visão estruturalista (CAMARA JR., 1953; CAMARA JR., 1970), gerativa (LOPEZ, 1979) e da autossegmental (MONARETTO, 1997; ABAURRE; SÂNDALO, 2003). Em 2.3, as variantes de /t,d/ são descritas articulatoriamente e, em 2.4, fonologicamente, com base na interpretação oferecida pela proposta estruturalista (CAMARA JR., 1970), gerativa (Lopez, 1979) e autossegmental (BISOL;HORA, 2014).

2.1 DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS DO PONTO DE VISTA FONÉTICO

Diferentemente das outras classes que, em sua maioria, são definidas por propriedades auditivas ou articulatórias dos sons, a classe dos róticos pode ser identificada por sons representados por um caractere particular da tradição greco-romana, a letra “r” (LADEFOGED e MADDIESON, 1996). Consequentemente, a classe caracteriza-se como heterogênea, sendo constituída, de acordo com Hall (1997), por segmentos da classe aproximante, tepe, trill e fricativa, com pontos de articulação alveolar, retroflexo e uvular.

Conforme os parâmetros que classificam os segmentos consonantais, serão descritos foneticamente, a seguir, de acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), Silva (2003), Cagliari (1981), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), os segmentos que caracterizam, no PB, a classe dos róticos, a saber, as fricativas velares, uvulares e glotais, bem como o trill alveolar, o tepe alveolar e o retroflexo e a aproximante alveolar e retroflexa.

Do ponto de vista articulatório, os sons fricativos são aqueles produzidos com uma corrente de ar turbulenta dentro do trato vocal (LADEFOGED e MADDIESON,

1996). Nessa produção, há um estreitamento do canal bucal, resultando em uma pequena oclusão por parte dos articuladores gerando um ruído de fricção na passagem do ar pelas cavidades supraglotais.

No PB, as fricativas velares [x, ɣ], uvulares [χ, ʁ] e glotais [h, fi] correspondem aos sons de “r” na coda silábica e também no ataque e são comuns nos dialetos do Rio de Janeiro-RJ, Florianópolis-SC e Belo Horizonte-MG (SILVA, 2003). Na produção das fricativas velares, a parte posterior da língua é o articulador ativo e o passivo é o véu palatino, ou seja, o dorso da língua se aproxima da região do palato mole. A fricativa velar desvozeada pode ocorrer tanto em início de palavra, como em raro [x'aro], em início de sílaba precedida de vogal, como em barro [b'axo], também em final de palavra, como em par [p'ax] e em final de sílaba seguida por consoante desvozeada, como em porta [p'ɔxta]. Já a fricativa velar vozeada ocorre em final de sílaba seguida por consoante vozeada em palavras como corda [k'ɔɾda] (SILVA, 2003).

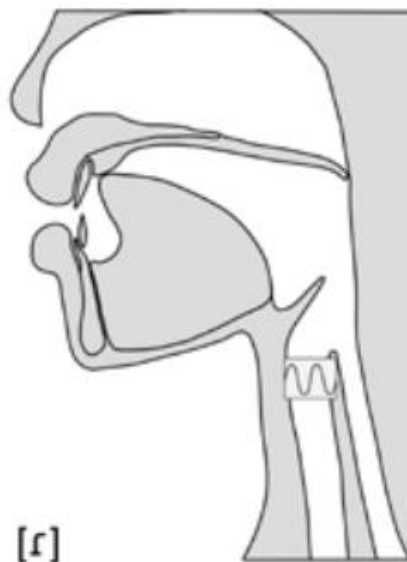
As fricativas uvulares são produzidas com o movimento do dorso da língua em direção à úvula. A ocorrência das fricativas uvulares desvozeadas e vozeadas ocorre nos mesmos ambientes em que as velares, como mencionado no parágrafo anterior; portanto, em início de palavra, como em raro [χ'aro], em início de sílaba precedida de vogal, como em barro [b'axo], e em final de palavra, como, por exemplo, em par [p'ax]. No caso da fricativa uvular vozeada, sua ocorrência se dá em final de sílaba precedendo uma consoante vozeada como em corda [k'ɔɾda].

Quanto às glotais, os articuladores são os músculos ligados à glote e sua produção ocorre na laringe. No que diz respeito ao “r” fricativo glotal, a produção desvozeada e a vozeada ocorrem nos mesmos ambientes em que ocorrem as velares e uvulares, como apresentado anteriormente. Sendo assim, são exemplos raro [h'aro], barro [b'aho], par [p'ah], porta [p'ɔhta] e corda [k'ɔɦda] (SILVA, 2003).

O trill alveolar é representado foneticamente por [r]. Em sua realização há o bloqueio de ar pelas cavidades nasais e a ponta da língua encosta rapidamente várias vezes nos alvéolos. Exemplos desse dão-se em início de palavra, como em rua [r'ua], em início de sílaba que seja precedida por vogal, como em barro [b'aro], e em início de sílaba precedida por consoante, como em Israel [isra'el].

Na classe dos róticos, há ainda o tepe alveolar vozeado, representado por [r]. Na Figura 1 é possível observar a configuração do trato vocal na articulação desse som:

Figura 1 - Tepe Alveolar - diagrama estático



Fonte: SILVA, SEARA, SILVA, RAUBER, CANTONI (2019, p. 28).

Nesse caso, a produção se dá por uma oclusão total e rápida do fluxo de ar na cavidade oral entre a ponta da língua e os alvéolos. Essa oclusão ocorre quando o véu do palato está levantado, impedindo a passagem do ar pelas cavidades nasais. O tepe alveolar ocorre entre vogais, como em **caro** [k'aro], também após consoantes, como em **prato** [pr'ato], bem como em final de sílaba, como em **parte** [p'a rte] ou **calçar** [kal'sar].

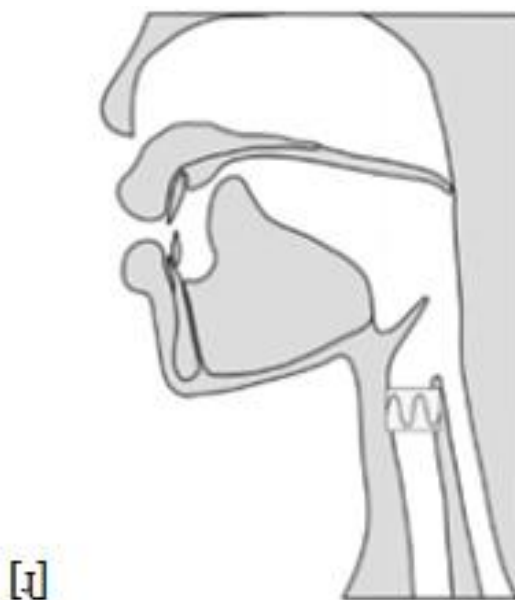
Outro som presente na classe dos róticos é o tepe retroflexo, produzido pelo levantamento e encurvamento da língua em direção ao palato duro. O tepe retroflexo é representado por [ɽ] e, no momento de sua produção, as cavidades nasais estão obstruídas pelo levantamento do véu palatino, não permitindo que o ar passe através dela. O som tepe retroflexo ocorre em palavras como **lar** [l'ar] e **parto** [p'arto], ou seja, em coda silábica.

A aproximante alveolar, representada por [ɹ], é produzida com uma pequena elevação da língua em direção à divisa entre os dentes incisivos superiores e os

alvéolos, resultando em uma constrição local (CAGLIARI, 1981). A aproximante alveolar ocorre em coda silábica, assim como o tepe retroflexo, em palavras como *lar* [l'ar] e *parto* [p'arto].

Por fim, há a aproximante retroflexa, representada pelo diagrama estático a seguir:

Figura 2 - Aproximante Retroflexa - diagrama estático



Fonte: SILVA, RAUBER, SEARA, CANTONI, SILVA (2019, p. 29).

Como é possível observar na Figura 2, a aproximante retroflexa, representada como [ɻ], é produzida com “uma retração da parte da frente da língua, formando um monte com a concentração de um grande volume da massa da língua junto aos dentes molares” (CAGLIARI, 1981, p. 31). É o conhecido *r* caipira e ocorre em palavras como *porta* [p'ɔ.ɻta] e *par* [p'aɻ].

A seção a seguir trata da descrição fonológica dos róticos no PB.

2.2 DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS DO PONTO DE VISTA FONOLÓGICO

A visão estruturalista busca saber quais dos segmentos registrados nas transcrições fonéticas têm o estatuto de fonemas da língua e quais constituem alofones de um mesmo fonema em distribuição complementar (ABAURRE e SANDALO, 2003). De acordo com Camara Jr (1953), à luz da fonologia estruturalista, há somente um fonema rótico, o chamado *R forte* (/r/), que se encontra em contexto pré-vocálico, como em *rato* e *Israel*, e pós-vocálico, como em *carta* e *flor*. Em posição intervocálica, o *R forte* seria resultado de uma geminação, e o *R brando* seria uma variante enfraquecida da geminação. Desse modo, nas palavras do autor:

Podemos admitir que o /r/ pós-vocálico, foneticamente perceptível em *ar roxo*, existe potencialmente em *arrocho*, embora sem realização fonética; a sua presença fonêmica manifesta-se apenas pela manutenção do /r/ seguinte, que ficou fonemicamente não intervocálico (CAMARA JR, 1953).

Uma segunda interpretação de Camara Jr. (1970) considera tanto o *R forte* quanto o *R brando* como fonemas em posição intervocálica com base na noção de oposição fonológica, que distingue *carro* de *caro*, *erra* de *era* e *ferro* de *fero*. Na mesma obra, o autor aponta apenas o *R forte* como a entidade fonológica presente em posição pós-vocálica, o que é questionado por outros fonólogos que entendem ocorrer nessa posição a chamada *neutralização*, ou seja, a perda de contraste entre o *R forte* e o *R brando*, como se verifica na palavra *par* (pa[x]¹ versus pa[r]) em algumas variedades do PB. Nesse caso, a perda do contraste é representada pelo arquifonema /R/ (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015).

Para a Teoria Gerativa de CHOMSKY e HALLE (1968), os níveis de representação fonológica e fonética são relacionados através de regras, que apagam, inserem ou mudam sons em determinados contextos e têm o *traço distintivo* como unidade mínima (MATZENAUER, 2014). À luz desse modelo, Lopez (1979) defende haver somente um fonema rótico no PB: o *R brando*. Em estudo acerca da variedade carioca, um primeiro apontamento feito pela autora em relação aos róticos é o de que, por mais que tanto o *R brando* quanto o *R forte* possam ocorrer em final de palavra (ma[x] ou ma[r]), quando acrescentado um morfema de plural ou derivativo somente o *R brando* ocorre.

¹ Trata-se aqui, na verdade, da neutralização entre o *R forte* e o *R brando*, de modo que qualquer variante de *R forte* poderia ser produzida aqui, a saber, conforme a descrição realizada na seção 2.1.

Para sustentar sua posição, a autora aponta que o ambiente V__V é comum, por exemplo, tanto a *mares* (*mar+es*) quanto a *barro*, sendo, portanto, o fonema o mesmo nos dois casos. Outro argumento utilizado por Lopez (1979) é o de que o *R forte* não assimila a sonoridade da consoante seguinte, como em *carga*, por exemplo, que é pronunciada com uma fricativa velar surda, mesmo diante de uma velar sonora, como em ['kaxga]. Considerando que, com fricativas pós-vocálicas no PB, ocorra a assimilação de sonoridade (as capas [as kapas] e as balas [az balas]), a autora conclui que o fato de a assimilação não ocorrer com os róticos em coda caracteriza uma evidência de que o tepe é a unidade subjacente.

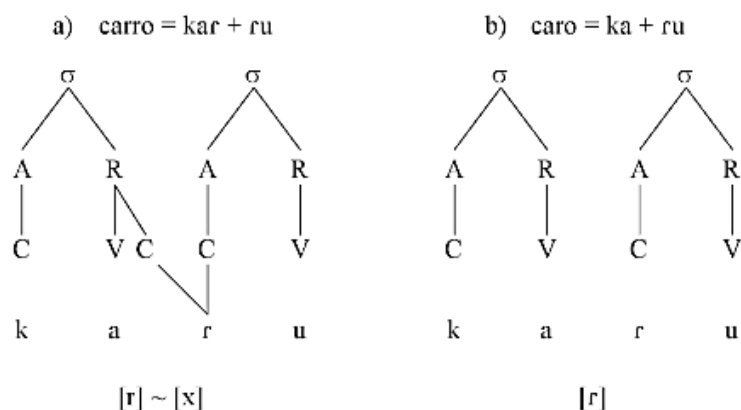
Nos casos de encontros consonantais, também só é possível o *R brando*, como em *branco*, e nos casos de *rr*, como em *carro*. Nesse caso, tem-se fonemicamente um /r/, assim como no primeiro, resultado em uma geminada, ou seja, uma combinação de dois *rr* brandos que corresponderá a um *R forte*. A conclusão da autora é de que [x] é um alofone e que o *R brando* é o único fonema rótico do português brasileiro (LOPEZ, 1979).

Uma terceira interpretação acerca dos róticos é apresentada por Monaretto (1997) à luz da Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), modelo vinculado à abordagem não linear da Fonologia que considera as representações fonológicas como multidimensionais. Opera-se com a noção de autossegmentos, isto é, segmentos autônomos representados em suas próprias camadas, e de linhas de associação, que fazem a ligação entre as diferentes dimensões, ou camadas, das representações (MATZENAUER, 2014). Desdobramentos da fonologia autossegmental, como a Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995) tratam da organização hierárquica dos traços que compõem um segmento. Esses traços passaram a ser descritos por estruturas arbóreas que se desenvolvem a partir de um nó de raiz, que domina o nó laríngeo e o da cavidade oral, cada qual com ramificações que levam aos traços fonéticos terminais.

Assim como para Lopez (1979), para Monaretto (1997) só existe um segmento fonológico em relação aos róticos. Nesse sentido, a autora observa que o contraste fonológico em posição intervocálica faz-se pela presença de dois *R brandos* versus um *R brando*, admitindo-se, portanto, que o *R Forte* é uma geminada (MONARETTO, 1997).

Desse modo, conforme indica o esquema a seguir com relação ao R intervocálico, em *caro* (b), o fonema da subjacência se superficializa, enquanto em *carro* (a), há dois *R brandos*: um em posição final de sílaba, outro em posição inicial, que, em virtude do Princípio do Contorno Obrigatório (doravante OCP), segundo o qual sequências de segmentos idênticos são proibidas, reduzem-se a um só, com ligação dupla, indicando a ocupação de duas posições temporais (MONARETTO, QUEDNAU e HORA, 2014).

(1)

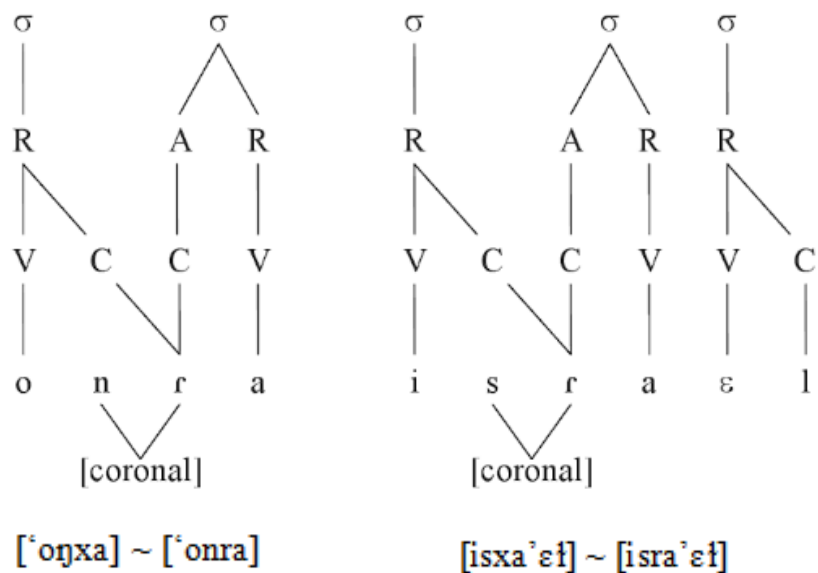


Fonte: MONARETTO, QUEDNAU e DA HORA. (2014, p. 219).

Em (a), há dois *r* fracos que são reduzidos a um só, com ligação dupla, indicando, segundo Monaretto, Quednau e Da Hora (2014), que o *R forte* ocupa duas posições temporais. Já em (b), o *R fraco* é representado pela ramificação simples.

Os casos de *R* precedido por consoante, como em *honra* e *Israel*, também resultam em caráter geminado devido à formação de linhas duplas de associação na camada coronal, como se apresenta a seguir:

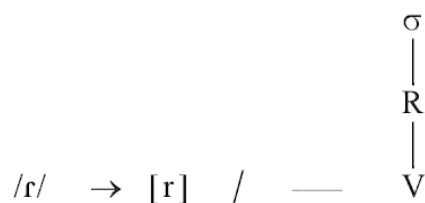
(2)



Fonte: MONARETTO, QUEDNAU e DA HORA. (2014, p. 220).

Quando o rótico encontra-se em início de palavra, há uma regra particular, representada a seguir, de acordo com a qual o R brando se converte em R forte.

(3)



Fonte: MONARETTO, QUEDNAU e DA HORA (2014, p. 220).

A estipulação do R brando em posição pós-vocálica encontra ainda respaldo no Ciclo de Sonoridade (CLEMENTS, 1990), de acordo com Monaretto, Quednau e Hora (2014), a partir da proposta de Bonet e Mascaró (1996). De acordo com a proposta, a sílaba preferida tem um crescimento máximo de soância do início para o núcleo e decréscimo mínimo do núcleo para a coda.

Considerando-se a escala,

(4)

0 1 2 3 4 5
 oclusivas – **r-forte**, fricativas – nasais – laterais – **r-fraco**, glides – vogais

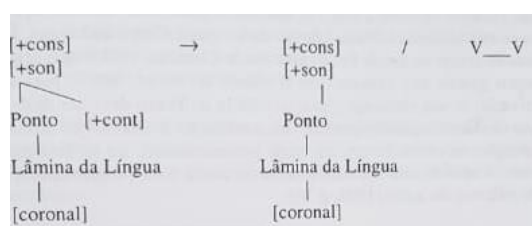
verificam os autores que em posição pós-vocálica, como em *mar*, a queda de soância da vogal para o R brando, de 5 para 4, em comparação à queda de soância da vogal para o R forte, de 5 para 0, aponta o R brando como o elemento mais adequado.

Conclui-se, portanto, com Monaretto, Quednau e Hora (2014), que o R é representado por uma unidade fonológica, o *R brando*, e que pode ser interpretada por *R forte* nos casos de linhas de dupla associação e em início de palavra.

Abaurre e Sandalo (2003) examinam róticos do PB levando em consideração os estudos realizados por Camara Jr (1953), Lopez (1979) e Monaretto (1997), anteriormente citados. As autoras defendem que o elemento subjacente para o R do português é o *R forte*, concordando com a visão de Camara Jr. (1953). Para sustentar essa afirmação, valem-se da Teoria do Articulador (HALLE, VAUX e WOLFE, 2000), modelo que toma a Fonética Articulatória como critério para o estabelecimento de uma hierarquia de traços, de acordo com a qual os traços são organizados em torno dos articuladores, entendidos como músculos do trato vocal responsáveis pela articulação dos fones (LEITE, 2004).

Desse modo, de acordo com (5) a seguir, defendem as autoras que o *R forte* sofre enfraquecimento entre vogais tornando-se um tepe. Esse fenômeno ocorre devido à perda do traço de continuidade, como no caso de *mar azul*, em que um erre em coda se realiza como um tepe entre vogais ou juntura de palavras.

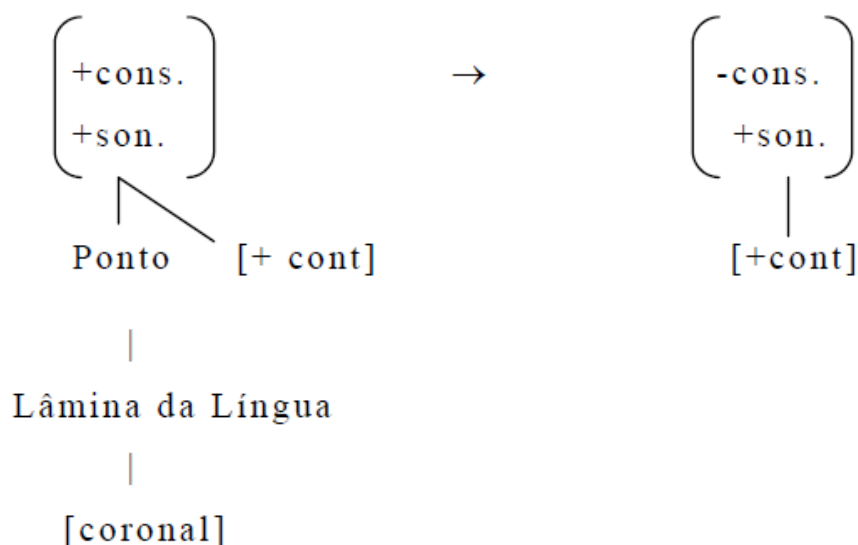
(5)



Fonte: ABAURRE E SANDALO (2003 p. 161).

Em início de palavra, no português brasileiro, o *R forte* é realizado, em sua maioria, pela fricativa glotal, especialmente na variedade carioca, considerada pelas autoras. Esse fenômeno é explicado pela Teoria do Articulador como um processo de debucalização, de acordo com o qual o nódulo de Ponto é desligado e a raiz se altera para [-consonantal]. Isto é, segmentos glotais não contam com nódulo de Ponto e o nódulo da raiz se altera para [-consonantal] devido à obstrução ao traço [+consonantal] ao se desligar do Ponto (ABAURRE e SANDALO, 2003). Leite (2004) propõe a representação do processo de debucalização conforme (6) a seguir.

(6)



Como é possível observar em (6), devido ao desligamento do Ponto, o segmento passou a ser [-consonantal]. Conforme Rennieke (2016), a debucalização é um tipo de redução gestual na qual ocorre o enfraquecimento de gestos articulatorios supraglotais, restando apenas o gesto glotal, sendo o fluxo de ar na glote no caso das fricativas.

Assim, as autoras interpretam o [h] como “efeito de um processo de debucalização do trill alveolar”, sendo uma variante que representa o R forte na maioria dos dialetos do português brasileiro (ABAURRE e SANDALO, 2003).

As outras variantes do R forte são geradas, segundo as autoras, por processos de desligamento e substituição. Desse modo, a fricativa velar pós-vocálica pode ser representada pelo desligamento do traço de ponto e implementação do traço default, que ocasiona uma fricativa [-sonorante]; a fricativa uvular, pela substituição do traço coronal pelo dorsal e a aproximante retroflexa pelo desligamento do traço coronal.

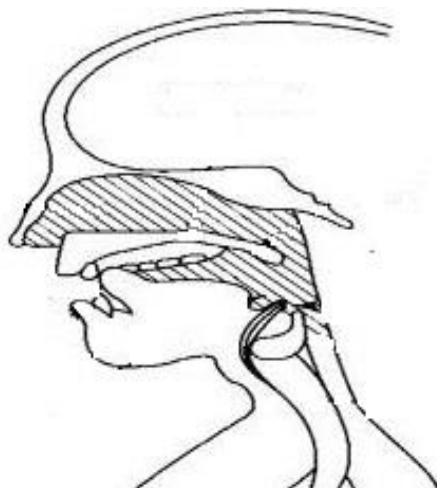
Segue na próxima seção a apresentação da descrição fonética do /t,d/ em ataque no PB.

2.3 DESCRIÇÃO DE /t,d/ DO PONTO DE VISTA FONÉTICO

Também conhecidas por plosivas, as consoantes oclusivas são produzidas com um bloqueio completo à corrente de ar que pode ocorrer ao nível das cordas vocais com o fechamento da glote, ou na cavidade oral, com o acesso às cavidades nasais tapado pelo véu palatino (CAGLIARI, 1981).

Em português, [t] e [d] surgem em posição de ataque silábico e são comumente dentais e não alveolares, em especial no português paulistano (CAGLIARI, 1981). No que diz respeito ao ponto de articulação dental, o articulador ativo é ou o ápice da língua ou a lâmina da língua e como articulador passivo temos os dentes incisivos superiores (SILVA, 2003). Desse modo, ao produzir as oclusivas dentais, a ponta da língua toca a parte de trás dos dentes incisivos (CAGLIARI, 1981), conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 - Configuração articulatória das dentais



Fonte: RIGONATTO (2019) (Adaptado pela autora).

Além das oclusivas dentais, há oclusivas palatalizadas no PB. O processo de palatalização acontece quando a consoante é articulada com um estreitamento secundário dos articuladores na região palatal (CAGLIARI, 1981). As oclusivas palatalizadas ocorrem quando há o levantamento da língua em direção ao palato duro e geralmente ocorrem quando as consoantes são seguidas de [i]. Utiliza-se o diacrítico [j] para indicar que um segmento é palatalizado, neste caso [tʲ] e [dʲ] (SILVA, 2003).

Outro processo que também ocorre com as oclusivas é a africacão. Nesse processo, os articuladores produzem uma obstrução completa à passagem da corrente de ar através da boca, simultaneamente à ocorrência de uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (SILVA, 2003). Conseqüentemente, o som decorrente é representado por uma sequência de consoantes, sendo a primeira uma oclusiva e a segunda, uma fricativa, de mesma sonoridade, de mesmo ponto de articulação ou de ponto de articulação imediato.

No grupo das africadas, há *africadas alveolares*, [ts] e [dz], e *africadas palato-alveolares*, [tʃ] e [dʒ], comumente produzidas no PB na vizinhança contextual de [i] ou [j]. No caso das alveolares, o ruído é próximo das fricativas alveolares [s] e [z], sendo transcritas como [ts] e [dz] (ABAURRE e PAGOTTO, 2002), como em *tia* [ts'ia], *dia* [dz'ia] e *pestiscaria* [petskaria], caso em que a africacão é devida ao enfraquecimento da vogal /i/, conforme afirmam Abaurre e Pagotto (2002).

Quando há uma oclusão total e momentânea do fluxo de ar, simultaneamente a um estreitamento do canal bucal na região pré-palatal, que gera um ruído de fricção, logo após o relaxamento da oclusão, temos uma *africada palato-alveolar*. Esse som ocorre quando o fluxo de ar passa apenas pela cavidade oral, como em *tchau* ['tʃaw], *tia* ['tʃia] e *dia* ['dʒia] ou em *pente* ['pētʃi].

Na próxima seção, apresentaremos a descrição fonológica de /t,d/ em posição de ataque no PB.

2.3 DESCRIÇÃO DE /t,d/ DO PONTO DE VISTA FONOLÓGICO

Camara Jr. (1970), com base na descrição estruturalista da língua portuguesa, aponta quatro fonemas oclusivos que ocupam a posição de ataque silábico tanto em início de palavra quanto no meio da palavra, a saber, /p, b, t, d, k, g /.

Especificamente sobre as oclusivas dentais /t,d/, foco desta seção, o autor aponta a ocorrência da situação de distribuição complementar envolvendo o processo de palatalização (ver seção 2.2 anterior) que caracteriza, no Rio de Janeiro, a realização de /t/ e /d/ antes [i] ou [j], diferentemente de São Paulo, onde a realização é mais dental e “firme” (CAMARA JR., 1970) diante desses segmentos, assim como ocorre, nas duas localidades, para /t,d/ diante das outras vogais, como, por exemplo, em [t]odo e [d]ona. A distribuição complementar desses alofones é expressa pelas formalizações em (7) e (8) a seguir.

$$\begin{array}{l}
 (7) \quad /t/ \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [tʃ]/_ [i] \\ [t]/_ [n.d.a.] \end{array} \right. \\
 (8) \quad /d/ \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [dʒ]/_ [i] \\ [d]/_ [n.d.a.] \end{array} \right.
 \end{array}$$

A possibilidade de palatalização ocorre tanto em contexto de /i/, como em [tʃi]a (*tia*) e [dʒi]a (*dia*), quanto em contexto de /e/ que alçou a [i], como em pen[tʃi] (*pen*) e on[dʒi] (*onde*), caso em que o alçamento vocálico em posição átona *alimenta* o de palatalização de /t,d/. Nos demais ambientes [n.d.a.], a probabilidade de ocorrer a palatalização é menor.

A partir da perspectiva gerativa linear aplicada por Lopez (1979), o processo de palatalização das oclusivas alveolares pode ser explicado pela regra expressa em (9) a seguir, de acordo com a qual consoantes [-contínuo, +anterior, +coronal, -alto, -posterior, -contínuo], isto é, /t,d/, tornam-se [-anterior, +alto, +metátese retardada], ou seja, uma africada, diante de vogal ou glide [+alto, -posterior], isto é, [i, j].

(9)

$$\begin{array}{ccc}
 \text{C} & & \text{V, G} \\
 \left[\begin{array}{c} + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ - \text{ alt} \\ - \text{ post} \\ - \text{ cont} \end{array} \right] & \rightarrow & \left[\begin{array}{c} - \text{ ant} \\ + \text{ alt} \\ + \text{ met ret} \end{array} \right] / \text{---} \left[\begin{array}{c} - \text{ ant} \\ - \text{ cor} \\ + \text{ alt} \\ - \text{ post} \end{array} \right]
 \end{array}$$

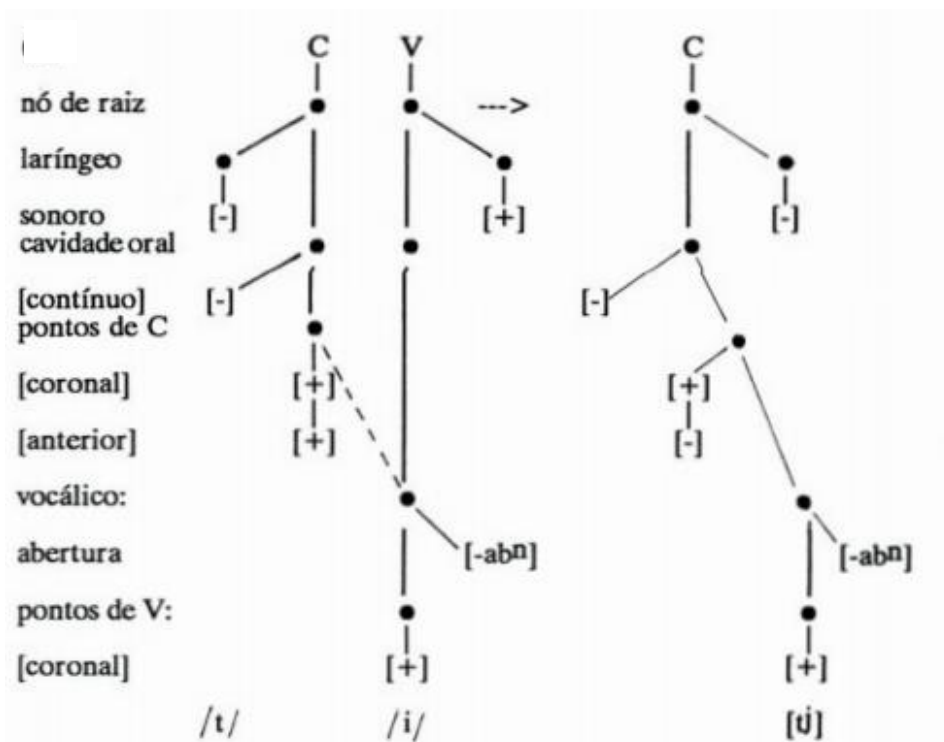
Fonte: MONARETTO, QUEDNAU e DA HORA (2014, p. 228).

Nessa perspectiva, conforme Monaretto, Quednau e Hora (2014), salienta-se a pertinência do traço [coronal] para dentais/alveolares e palato-alveolares e a possibilidade de representação da assimilação espacial entre consoantes e vogais, já que [anterior] e [coronal] são traços tipicamente consonantais.

Na visão autosegmental, especificamente através do modelo da Geometria de Traços, no qual consoantes e vogais compartilham o mesmo conjunto de traços, o processo de palatalização, expresso em dois estágios, consiste no espraçamento do traço [+coronal], dominado pelo nó [vocálico], para a consoante antecedente (HORA e BISOL, 1993).

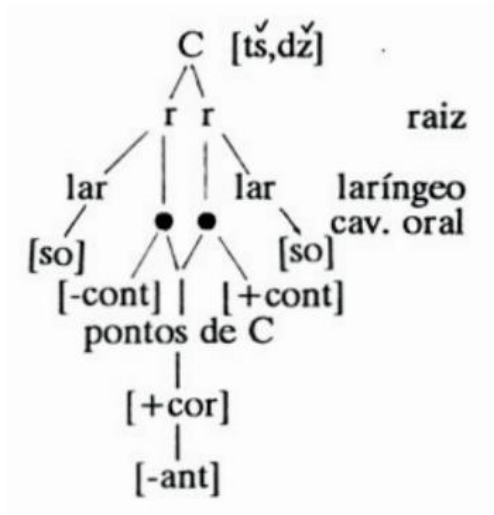
Em (10), tem-se o primeiro estágio do processo, no qual uma articulação secundária é criada pelo espraçamento do traço vocálico com seus dominados para a consoante, conforme expresso pela linha pontilhada. Ao entrar em contato com o nó de ponto de C, o espraçamento opera no vazio primeiramente, pois encontra a linha do traço coronal ocupada, porém tem o efeito de converter o traço [+anterior] em [-anterior], que caracteriza vogais. Esse estágio caracteriza a formação das consoantes [-contínuo] [tʲ, dʲ], classificadas como complexas por possuírem duas articulações, uma consonantal (pontos de C) e outra vocálica (nó vocálico).

(10)



O segundo estágio, representado em (11) a seguir, cria africadas, isto é, o traço secundário é promovido à articulação primária, bifurcando-se em duas raízes (HORA e BISOL, 1993).

(11)



Esse estágio caracteriza a formação dos segmentos [tʃ, dʒ], entendidos como segmentos de contorno por apresentarem dois nós de raiz, um ligado a um segmento não contínuo, a oclusiva, e outro ligado a um segmento contínuo, a fricativa.

Sumariando, nesse capítulo foram apresentadas as descrições fonética e fonológica das variantes do rótico em coda e /t,d/ em ataque. Constatou-se que,

fonologicamente, no PB, o rótico em coda é interpretado por duas maneiras: para alguns autores, o rótico em coda é o *R forte*; para outros, é o *R fraco*. Quanto à descrição fonética dos róticos, levar-se-ão em consideração, nesse estudo, as variantes aproximante retroflexa [ɻ], tepe [r], fricativas glotais [h] e [ɦ]. Em relação às oclusivas em ataque, o processo em destaque é o da palatalização, de acordo com o qual oclusivas dentais tornam-se africadas ou palatalizadas. Sendo assim, as variantes que serão levadas em consideração nesse estudo em relação às oclusivas são as dentais [t] e [d], africadas alveolares [ts] e [dz] e as africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ].

O capítulo seguinte versará sobre a base teórica desta pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A presente pesquisa fundamenta-se na Sociolinguística, a partir da Teoria da Variação Linguística, apresentada na seção 3.1; do Contato Dialetal e Acomodação, sobre a qual se discorre na seção 3.2, e da Mudança Linguística ao Longo da Vida, cujos principais estudos são discutidos na seção 3.3.

3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A Sociolinguística é um ramo multidisciplinar do conhecimento linguístico que se desenvolveu na Antropologia e na Etnografia. A Sociologia e a Dialectologia receberam-na como uma herança epistemológica natural, conferindo-lhe as bases teórica e metodológica para sua constituição como um campo interdisciplinar (CAMPOY, 2014).

Influenciada pelo trabalho nas ciências sociais, a Sociolinguística é uma área da Linguística que se preocupa com o estudo científico das relações entre língua e sociedade. A pesquisa sociolinguística baseia-se na observação do uso das línguas, focando em como os seres humanos utilizam a linguagem verbal em interações sociais em situações cotidianas (CAMPOY, 2014).

Sendo a língua um organismo vivo e estruturado a fim de funcionar eficientemente, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) em *Empirical foundations for a theory of language change*, defendem a ideia de “um modelo de língua que evita os infrutíferos paradoxos com que as teorias da estrutura homogênea têm estorvado a linguística histórica”. Os autores questionam como a língua funciona enquanto a estrutura muda e chegam à conclusão de que se deve romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade, afirmando que a mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Para estudar o processo de mudança de uma língua, faz-se necessário identificar os fatores condicionantes à mudança, sejam de cunho social ou linguístico. Com isso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) levantam questões que auxiliam na compreensão desse processo. Primeiramente, deve-se compreender como e por que ocorre a mudança (questão da transição). Em segundo lugar, compreender como as

mudanças se encaixam nas relações linguísticas e extralinguísticas (questão do encaixamento). A terceira questão levantada refere-se à avaliação das mudanças, apontando efeitos sobre a estrutura e eficiência comunicativa (questão da avaliação). Por fim, há a análise da implementação da mudança, que aborda onde e quando a mesma foi implementada (questão de implementação).

Alguns princípios básicos apresentados pelos autores em relação à mudança linguística fundamentam-se na afirmação de que a mudança se inicia quando a generalização de uma alternância de um grupo da comunidade de fala toma uma direção assumindo uma diferenciação. Essa diferenciação é ordenada e faz parte da estrutura linguística juntamente com os estilos que regem a variação na comunidade de fala. A mudança linguística generalizada envolve períodos de tempo, bem como se reflete por áreas do espaço geográfico e é transmitida como um todo dentro da comunidade. Os autores ainda complementam que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” e ainda afirmam que fatores linguísticos e sociais estão inter-relacionados na mudança linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Sendo a língua um fenômeno social, deve-se analisá-la a partir do contexto social em que se insere o falante. A partir dessa perspectiva de análise da língua, Labov (1972) apresenta em *Sociolinguistic Patterns*, obra fundadora da chamada Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, através de estudos conduzidos sobre a língua inglesa, um método de investigação baseado no conceito de variável (sócio)linguística, definida como um conjunto de formas que ocorrem em um mesmo contexto, condicionadas tanto por elementos linguísticos quanto pelo contexto social, seja do falante, do destinatário, do público, do cenário etc (LABOV, 1972).

As formas em variação podem conviver em um mesmo grupo de falantes por muito tempo, configurando uma situação de variação estável, ou uma delas pode ganhar força, caso em que se observa uma situação de mudança em progresso. Para esse caso, Labov (1972) apresenta duas abordagens de investigação: a do *tempo aparente* e a do *tempo real*. O autor descreve *tempo aparente* a abordagem ao estudo da mudança que considera a diferença geracional quanto ao uso da língua como um indicador de mudança linguística em progresso. Já *tempo real* é a abordagem que compara dados

linguísticos da população em momentos diferentes do tempo. Esta se faz relevante para confirmar resultados obtidos na análise em *tempo aparente*.

Labov (1972) afirma que estudos de tempo aparente podem subestimar a taxa real de alteração da variável, uma vez que os falantes mais antigos mostram uma tendência limitada à mudança na comunidade, participando em pequena parte das mudanças que ocorrem ao seu redor (LABOV, 1994).

Para concluir a respeito da mudança linguística e seus diferentes estudos, Sankoff (2006) afirma que

[...] estudos de tendência e painel da última década confirmaram a validade e a utilidade do tempo aparente como uma poderosa ferramenta conceitual para a identificação da mudança linguística em andamento. Longe de nos enganar sobre a existência de mudança, o tempo aparente geralmente subestima a taxa da mesma. Embora o campo continue a ser surpreendido pela luz que a tendência e os estudos de painel podem lançar sobre o mecanismo de mudança de linguagem, especialmente quando ele se cruza com o tempo de vida do falante, nossa metodologia sincrônica atual é uma lente poderosa para interpretar o passado (SANKOFF, 2006. p. 14, tradução nossa)².

O método variacionista para o estudo da variação e mudança linguística baseia-se na análise da fala mais natural possível, obtida a partir de gravações de entrevista de experiência pessoal conduzidas por meio de questões que propiciem a fala mais próxima ao vernáculo. É nesse contexto da coleta de dados que surge o efeito do chamado *Paradoxo do Observador* (LABOV 1972): embora se pretenda obter o vernáculo, a entrevista de experiência pessoal gravada cria uma situação pouco natural para tanto.

Uma vez que o objetivo da pesquisa linguística em uma comunidade é descobrir como os indivíduos falam quando não estão sendo observados, uma maneira de fazer com que não se sintam constrangidos é a adoção de procedimentos que desviem sua atenção, permitindo que falem naturalmente (LABOV, 1972). Um dos procedimentos é fazer intervalos e pausas que façam com que esses indivíduos pensem não estarem sendo entrevistados ou até mesmo envolvê-los em pensamentos que recriem fortes emoções. Uma pergunta que Labov (1972) sugere ao entrevistador para auxiliar nesse

² “[...] trend and panel studies of the past decade “have confirmed the validity and usefulness of apparent time as a powerful conceptual tool for the identification of language change in progress. Far from misleading us about the existence of change, apparent time generally underestimates the rate of change. Though the field will continue to be surprised by the light that trend and panel studies can shed on the mechanism of language change, especially as it intersects with speaker lifespans, our present synchronic methodology is a powerful lens for interpreting the past”.

processo e recriar fortes emoções é: “Você já esteve em alguma situação na qual você corria risco de vida?”. Sendo uma pergunta que exige sim ou não como resposta, deve-se complementar com “O que houve?”.

Um dos primeiros estudos realizados por Labov, valendo-se do método variacionista, tratou da estratificação do (r) nas lojas de departamento de Nova Iorque, em itens como *fourth* e *floor*, na década de sessenta. A hipótese inicial, baseada em entrevistas preliminares, era a de que “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)” (LABOV, 1972). Porém, o autor concluiu ser melhor construir um teste que buscasse um caso de estratificação dentro de um mesmo grupo ocupacional: os vendedores de grandes lojas de departamento de Nova Iorque, diferenciadas pela classe social de seus clientes.

A hipótese acerca desse grupo, fundamentada no diferente prestígio desfrutado pelas variantes em competição, sendo a pronúncia do *r* em coda a inovadora, em oposição ao apagamento, prevê que vendedores da loja de status mais alto vão apresentar valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar valores mais baixos (LABOV, 1972).

Nesse estudo, o entrevistador aproximava-se do informante no papel de cliente e pedia informações sobre um departamento específico da loja, que no caso ficava no quarto andar, por exemplo. A resposta era sempre *Fourth floor* (LABOV, 1972). O entrevistador tinha como estratégia de coleta provocar a necessidade de uma segunda resposta ao mostrar falta de entendimento quanto ao andar indicado pelo entrevistado, o que gerou ocorrências produzidas em estilo enfático. O registro da coleta deu-se por meio de anotações feitas pelo pesquisador após a interação com o vendedor sem que esse soubesse.

Foram realizadas 264 entrevistas e 6,5 horas de coleta, nas quais os eventos de fala tiveram significado social distinto para os dois participantes. Para o informante, a troca verbal foi uma interação vendedor-cliente; para o entrevistador, foi uma maneira de provocar as formas desejadas, na ordem desejada e com o contraste estilístico desejado (LABOV, 1972).

Os resultados confirmaram a hipótese de que o *r* mostrou-se como um diferenciador social, pois espelhou os padrões de estratificação social que eram vigentes em Nova Iorque naquela época. Revelaram ainda o condicionamento da variável idade, já que, na loja da classe alta, os funcionários mais jovens e adultos apresentaram taxas mais altas de produção do rótico do que os mais velhos. Na loja da classe média, esse padrão inverteu-se levemente, já que os funcionários adultos e idosos apresentaram taxas mais altas, revelando mais sensibilidade quanto à estratificação em progresso na comunidade. Na loja de classe mais baixa, não houve diferença significativa nas taxas de produção do *r*, indicando certo afastamento desse grupo do processo em andamento.

O que se mostrou nesse estudo é que entrevistas rápidas e anônimas que resultem em amostras de ocorrências pouco extensas podem ser uma fonte muito rica de informação sobre uma comunidade de fala e sua estrutura sociolinguística (LABOV, 1972)³.

A seguir, apresentaremos estudos realizados sobre contato dialetal e acomodação.

3.2 CONTATO DIALETAL E ACOMODAÇÃO

Estudos acerca das línguas em contato debruçaram-se sobre processos motivados pelo contato linguístico resultante de bilinguismo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Desse modo, segundo Trudgill (1986), é previsto que falantes de diferentes línguas que estão em contato socialmente tenham suas competências de falantes individuais transformadas linguisticamente.

A fim de investigar a relação causal entre contato linguístico e mudança linguística, Trudgill (1986) passou a estudar dialetos em contato. Para o autor, contato dialetal refere-se ao contato entre variedades que são mutuamente inteligíveis em determinado grau e que exercem efeito umas sobre as outras.

O autor ainda acrescenta que, quando dois falantes de diferentes variedades de uma mesma língua que são inteligíveis entre si entram em contato e conversam, os itens

³ Apesar da eficácia do método nos anos 1960, atualmente não poderia ser adotado, já que, por razões éticas, o entrevistado não só tem que estar ciente de que sua fala está sendo observada/analísada para a composição de um estudo, como também deve autorizar, por escrito, a coleta de dados.

podem ser transferidos de uma das variedades para outra. Para exemplificar essa afirmação, aponta o caso de uma conversa entre um indivíduo falante do inglês americano e outro do inglês britânico. Quando o americano refere-se à calçada como *sidewalk*, que corresponde à *pavement* no inglês britânico, o indivíduo britânico passaria a utilizar *sidewalk*, e vice-versa.

A fim de “explicar o porquê de falantes modificarem sua linguagem na presença de outros, e examinar o efeito dessas modificações, Giles desenvolveu a Teoria da Acomodação” (TRUDGILL, 1986, p. 02, tradução nossa), de acordo com a qual o processo de acomodação da fala opera a partir do princípio de que um indivíduo pode induzir outro a avaliá-lo de forma mais favorável reduzindo dessemelhanças entre ambos. Sendo assim, o fator social está em jogo nesse processo de acomodação (GILES; TAYLOR; BOURHIS, 1973).

Ao mesmo tempo em que esse processo deve ser visto como um conjunto organizado de alternativas, também é contextualmente complexo e onipresente aos interlocutores em conversas face a face. Segundo Giles, Coupland e Coupland (1991), a principal característica da acomodação é a abertura a preocupações contextuais micro e macro dentro de um quadro teórico e interpretativo.

Ademais, Giles, Coupland e Coupland (1991) apontam que esse processo pode ser tanto objetivo quanto subjetivo. Quando a acomodação é objetiva, há convergência ou divergência. Já quando a acomodação é subjetiva, consideram-se as crenças dos falantes sobre se estão convergindo ou divergindo de seus interlocutores.

Em relação à convergência, o autor ainda reitera que quão maior for a necessidade de aprovação do orador por parte de outras pessoas, maior será o grau de convergência, seja pelo alto status social do destinatário, pela probabilidade de interações futuras ou até pela aprovação social em si (GILES, COUPLAND e COUPLAND, 1991).

Quando ocorre a divergência, o falante exprime o desejo de enfatizar a distinção entre ele e seu interlocutor. Outro objetivo da divergência pode ser uma tentativa de atrair o interlocutor e assim assumir uma postura comunicativa mais eficaz (GILES e OGAY, 2007).

Para Trudgill (1986), a proposta de Giles abordava somente a acomodação de curto prazo. Com isso, o autor afirma que

[...] a acomodação também pode ocorrer entre sotaques que diferem regionalmente e não socialmente, e pode ocorrer tanto a longo quanto a curto prazo. Em contatos de longo prazo, quem acomoda a quem é menos problemático, pois na maioria dos casos nos quais esse fenômeno pode ser observado, estamos lidando com contato entre falantes de diferentes variedades regionais e com indivíduos regionalmente móveis ou com grupos minoritários que acomodam, a longo prazo, com uma maioria não móvel com a qual passaram a residir (TRUDGILL, 1986, p. 03, tradução nossa)⁴.

O mesmo autor afirma que a análise linguística permite quantificar o grau da acomodação linguística, examinar os traços linguísticos que estão mudando nesse processo, estudar como a acomodação se dá, bem como seus limites (TRUDGILL, 1986).

Geograficamente, há dois fatores que podem explicar o processo de acomodação: o demográfico, o qual se refere aos tamanhos populacionais das comunidades envolvidas em uma interação, e o geográfico, que diz respeito às distâncias entre diferentes centros (TRUDGILL, 1986).

O autor ainda justifica que o fator geográfico se torna relevante porque pessoas entram em contato mais frequentemente com outras que vivem perto e menos com quem vive mais longe. Já o demográfico é relevante porque quanto mais populosa uma cidade, mais provável de um indivíduo de outro lugar entrar em contato com um falante da grande cidade.

Em relação à difusão geográfica, Trudgill (1986) argumenta que

[...] a difusão geográfica das formas linguísticas ocorre, em grande parte, quando a interação face a face entre falantes de diferentes áreas acontece com frequência suficiente para que a acomodação se torne permanente e em

⁴ [...] that accommodation can also take place between accents that differ regionally rather than socially, and that it can occur in the long term as well as in the short term. In long-term contacts, who accommodates to who is less problematical, since, in most cases where this phenomenon can be observed, we are dealing with contact between speakers of different regional varieties, and with regionally mobile individuals or minority groups who accommodate, in the long term, to a non-mobile majority that they have come to live amongst.

grande escala para um número considerável de falantes (TRUDGILL, 1986, p. 42).⁵

Para o autor, as consequências da difusão de formas linguísticas de um dialeto para outro podem ser o desenvolvimento de formas interdialetais como formas intermediárias, hipercorreções e hiperdialeatismos (TRUDGILL, 1986).

Segundo Trudgill (1986), hiperdialeatismos ou hiperadaptação correspondem à hipercorreção. Essa consiste nas tentativas de adoção de uma variedade de maior prestígio, que, por meio de uma generalização em excesso, leva à produção de formas que, na verdade, não ocorrem na variedade de prestígio alvo.

Sobre a acomodação, Trudgill (1986) afirma que a mesma ocorre em interação face a face e que se limita a isso. Para reforçar seu argumento, o autor afirma que a mídia, como programas de televisão ou rádio, não poderia influenciar a fala dos indivíduos, pois não há conversa entre os mesmos. O que ocorre é imitação e cópia, e não acomodação.

No processo de acomodação,

falantes podem reduzir dessemelhanças na pronúncia com outros falantes: a) alternando sua própria variante com as dos outros falantes; b) utilizando a variante de outro falante em algumas palavras e não em outras (transferência/mistura de dialetos); c) usando pronúncias intermediárias entre as duas que estão em contato (aproximação/ dialetos falsificados) (TRUDGILL, 1986, p. 62, tradução nossa)⁶.

Quando um indivíduo passa a residir em outra região, o mesmo adquire características do novo dialeto com variados graus de proficiência (CHAMBERS, 1992). Em um de seus estudos com jovens canadenses que se mudaram para o sul da Inglaterra, Chambers identificou oito princípios para a aquisição dialetal.

⁵ [...] geographical diffusion of linguistic forms takes place, for the most part, when face-to-face interaction between speakers from different areas happens sufficiently frequently for accommodation to become permanent, and on a sufficiently large scale for considerable numbers of speakers to be involved.

⁶ “Speakers may reduce pronunciation dissimilarities with other speakers (a) by alternating their own variant of a form with that of the other speakers; (b) by using the other speakers’ variant in some words but not others (transfer/mixed dialects); and (c) by using pronunciations intermediate between those of the two accents in contact (approximation/fudged dialects)”.

O primeiro princípio apontado pelo autor com base em sua pesquisa, é o de que as substituições lexicais são adquiridas mais rapidamente do que a pronúncia e as variantes fonológicas (CHAMBERS, 1992). Conforme seus resultados, as substituições lexicais não sofrem mudança de significado.

Outro princípio apresentado por Chambers (1992) é o de que as substituições lexicais progredem rapidamente no início do contato dialetal e depois diminuem. O que se pôde observar é que as substituições ocorrem com maior frequência nos dois primeiros anos e que se palavras não forem substituídas nesse período, poderão permanecer inalteradas.

O terceiro princípio da aquisição dialetal é que regras fonológicas simples progredem mais rapidamente do que regras fonológicas complexas. O autor define regra fonológica simples como processos automáticos que não admitem exceções. Regras fonológicas complexas são definidas como regras que têm exceções, formas variantes ou que em seu *output* tenham um fonema adicional. O exemplo utilizado pelo autor para uma regra fonológica simples é a *T-voicing*, e o exemplo para uma regra complexa é a *Vowel-Backing*⁷ (CHAMBERS, 1992).

O quarto princípio é que a aquisição de regras complexas divide a população entre adquirentes precoces e tardios. O que difere ambos é a idade na qual se mudaram para a nova região de residência. Assim como na aquisição de uma segunda língua, na aquisição de um novo dialeto o fator idade é relevante. O quinto princípio apoia-se na afirmação de que a variabilidade do adquirente é resultado tanto de regras categóricas, quanto de regras variáveis. Essa variabilidade pode se dar tanto no nível fonológico, quanto no nível lexical, como nos casos de substituição (CHAMBERS, 1992).

O sexto princípio para a aquisição dialetal apresentado por Chambers (1992) diz respeito a inovações fonológicas da língua como variantes de pronúncia. Para o autor, se as inovações fonológicas na língua atuam como variantes de pronúncia, ambas as categorias passam a ser uma única.

O sétimo princípio é fundamentado pela afirmação de que a eliminação de regras antigas ocorre mais rapidamente do que a aquisição de novas regras. Ou seja, o

⁷ *T-voicing* é uma regra na qual *t* passa a ser produzido como *d*. *Vowel-Backing* refere-se ao alongamento da vogal *a* antes de fricativas desvozeadas, como em *bath*, *laugh* e *class* (CHAMBERS, 1992, p. 682).

indivíduo passa a deixar de fazer uso de regras de sua região de origem mais facilmente em comparação à aquisição das regras do novo local de residência (CHAMBERS, 1992).

Por fim, o oitavo princípio apresentado por Chambers (1992) é em relação à ortografia. A representação ortográfica colide com a aquisição de dialetos de maneira significativa, pois pode influenciar a relação fonema-letra no caso em que o sistema fonológico apresenta diferenças entre os dialetos (CHAMBERS, 1992).

Sendo assim, na interação face-a-face, segundo Siegel (2010), o indivíduo pode ajustar sua fala a fim de ficar o mais semelhante possível com a de seus interlocutores, de modo que possa ganhar aprovação ou expressar solidariedade (convergência). O indivíduo também pode ajustar sua fala para diferir-se de seus interlocutores, a fim de expressar reprovção ou estabelecer uma distância social (divergência). Ou pode também o indivíduo não ajustar sua fala (permanência).

A seção a seguir tratará da mudança linguística ao longo da vida na fala de um indivíduo.

3.3 MUDANÇA LINGUÍSTICA AO LONGO DA VIDA

A fala de um indivíduo pode mudar quando em contato com outra variedade, seja por questões sociais ou regionais, quando ocorre uma mudança linguística na comunidade na qual esse indivíduo cresceu, ou por questões biológicas. Porém, na ausência de pressões sociais que resultem em mudança linguística, pode haver também um estado de inércia (SANKOFF, 2018).

Quando criança, o indivíduo se encontra em um ambiente linguístico mais homogêneo, no qual há o contato com o dialeto da família e da comunidade em que vive. No momento em que este indivíduo passa a frequentar a escola, descobre características de uma linguagem padrão que ainda não havia tido contato em casa. Em casos em que se muda com sua família para outras localidades, a mudança linguística também pode ocorrer de acordo com o dialeto da nova região de residência (SANKOFF, 2018). Na adolescência, no entanto, o indivíduo tende a estabilizar sua fala (BAXTER e CROFT, 2016).

Em relação à mudança linguística ao longo da vida, Mackenzie (2017) analisou o discurso de um único falante em dois momentos (aos 30 anos e aos 80) a fim de explicar como as representações mentais de falantes mudam ao longo de suas vidas. A mudança em estudo se refere à perda na pronúncia em inglês de [r] como uma realização de /ɹ/, como em *far away*, por exemplo (MACKENZIE, 2017, tradução nossa). A condução da análise levou ao levantamento de três questionamentos: primeiramente, a autora destaca a pergunta “o que”, que diz respeito à que tipo de mudança na vida é possível. Depois, a autora destaca a pergunta “por que”, que se refere a o que causa mudanças linguísticas. Por fim, a autora destaca “como”, referindo-se aos meios linguísticos pelos quais a mudança é efetuada.

Na visão de Baxter e Croft (2016), a abordagem variacionista poderia dar conta das mudanças na fala individual como assume ocorrer na comunidade de fala: por força da influência de fatores sociais. Sendo assim, segundo os autores, devido a diferentes fatores sociais, internos à linguagem e outros, o comportamento linguístico de um falante é variável e muda com o tempo em resposta aos padrões de variação do comportamento linguístico a que está exposto.

Outros fatores, como a idade, também influenciam na mudança linguística do indivíduo, não somente quando este passa a viver em outra região geográfica. Portanto, o indivíduo, com o passar dos anos, pode mudar seu jeito de falar. A fim de investigar essa hipótese, Sankoff e Blondeau (2007) examinaram uma amostra constituída por 32 indivíduos, 16 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, a fim de verificar se houve mudança do *r* apical para o dorsal no francês de Montreal. Os participantes da pesquisa foram entrevistados em 1971 e em 1984. Nas entrevistas de 1971, interlocutores mais jovens (abaixo de trinta e cinco anos de idade) produziram com maior frequência o *r* dorsal em comparação com interlocutores mais velhos (acima de cinquenta e oito anos de idade). Em 1984, os interlocutores pertencentes à faixa etária mais jovem mantiveram seus resultados e os interlocutores mais velhos aumentaram a produção do *r* dorsal. Os autores concluíram que um indivíduo pode mudar sua fala em algum período da vida seja devido à idade ou pela direção de uma mudança em progresso na comunidade.

Para Sankoff (2018), foi por meio de estudos longitudinais que se estabeleceu que a maleabilidade diminuída no final da vida anda de mãos dadas com a retenção de

padrões adquiridos anteriormente pelo envelhecimento dos falantes. No que se refere à variação individual, esta se direciona a uma mudança ativa entre os falantes mais jovens de sua comunidade.

Passamos agora para a descrição variacionista do rótico em coda e /t,d/ em ataque.

3.4 DESCRIÇÃO VARIACIONISTA DO RÓTICO EM CODA E DE /t,d/ EM ATAQUE EM LOCALIDADES DO SUDESTE E DO SUL DO BRASIL

3.4.1 O rótico em coda

3.4.1.1 São Paulo-SP e interior do estado

A variante retroflexa é uma das principais características do dialeto caipira, típico do falar do interior paulista. Segundo Amaral (1955), o dialeto tem seu marco na história da antiga província de São Paulo, na qual grande parte das pessoas o utilizava, porém era considerado desprestigiado e malvisto por pessoas de melhor poder aquisitivo.

Para o mesmo autor, com o aumento da população, “os genuínos caipiras, os roceiros, começaram a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas” (AMARAL, 1955). Sendo assim, o dialeto caipira foi desaparecendo, permanecendo apenas em algumas localidades.

Leite (2004), inspirada pelas observações coletadas junto aos estudantes da UNICAMP oriundos do interior de São Paulo, que revelavam uma avaliação negativa da pronúncia da variante retroflexa, considerando-a “feia”, “carregada”, “puxada”, e por suas próprias observações com relação às chacotas a que seus usuários eram alvo, realizou um estudo no qual buscou identificar e analisar as atitudes linguísticas de estudantes oriundos do interior paulista, a partir da hipótese de que estavam acobertando a pronúncia estigmatizada.

Após a condução de entrevistas com oito estudantes da Unicamp, naturais de São José do Rio Preto-SP, sendo quatro ingressantes e quatro graduandos, Leite (2004) concluiu que os participantes que estavam finalizando o curso realizaram com maior frequência as variantes aproximante alveolar [ɹ]. Já os recém-chegados do interior paulista realizaram em maior número a aproximante retroflexa [ɻ]. Para a autora, o aumento das ocorrências da aproximante alveolar deve-se ao interesse do falante em amenizar sua pronúncia, distanciando-se da variante mais estigmatizada, a aproximante retroflexa.

A análise conduzida por Leite (2004) não considera esse aumento um caso de mudança linguística. Trata-se de um determinado grupo de informantes diante de uma situação específica em que avaliam positivamente uma forma prestigiosa e a realizam ou, ao menos, esforçam-se para realizá-la.

Oushiro (2015), em sua tese de doutorado, também analisa a avaliação, produção e percepção da variável sociolinguística (r) em coda silábica com o objetivo de “analisar a expressão de identidades sociais através de usos linguísticos” (OUSHIRO, 2014). A pesquisa de Oushiro contou com 4 participantes paulistanos que não admitiam que houvesse a variante retroflexa em sua fala.

Os 4 participantes, dois homens e duas mulheres, tiveram sua fala gravada por cerca de 30 minutos em entrevistas sociolinguísticas. A coleta dos dados de percepção deu-se por meio de questionários aplicados a 185 ouvintes residentes em São Paulo capital.

A entrevista ocorreu por meio de um roteiro e, após, foi aplicada uma tarefa de leitura de palavras, na qual o documentador perguntava ao informante como um carioca e uma pessoa do interior do estado as pronunciariam (OUSHIRO, 2015). Em todas as realizações de (-r) empregou-se o retroflexo. Foi também apresentada aos informantes a frase “a porta tá aberta”, na qual os sons de *r* foram pronunciados com retroflexos. A partir das avaliações feitas pelos participantes, criou-se uma lista de palavras, na qual “salta aos olhos a principal noção associada ao retroflexo: interior” (OUSHIRO, 2015), conforme se verifica na nuvem de palavras apresentada pela autora, reproduzida na Figura 4, a seguir:

Figura 4 - Nuvem de palavras referentes à variante retroflexa



Fonte: OUSHIRO (2015, p. 98)

Devido à vasta diversidade de culturas presentes na cidade de São Paulo, não há como definir a retroflexa como variante pertencente à variedade da cidade (OUSHIRO, 2015). Em suas entrevistas com paulistanos, a variante que se destacou foi o tepe, principalmente na conversação, em comparação com depoimento, leitura de texto de jornal ou lista de palavras. A retroflexa foi a segunda variante mais presente na conversação.

A investigação sobre o condicionamento à retroflexão conduzido pela autora considerou seis variáveis sociolinguísticas. Primeiramente, com relação à variável *contexto precedente*, vogais [-alto] mostraram-se relevantes, como em *reforma* e *perto*. Para a variável *classe de palavra*, verbos proporcionaram a retroflexão, como na palavra *carpir*. Quanto à variável *tonicidade*, retroflexas foram produzidas, principalmente, em sílaba tônica, como em *porta*. Para a variável *contexto fônico seguinte*, segmentos [+coronal] proporcionaram a retroflexão, como em *perto*. No que diz respeito à *posição da sílaba*, a retroflexa mostrou-se com taxas mais altas em posição final, como, por exemplo, em *mar*. Por fim, no que se refere à *sonoridade do contexto seguinte*, a retroflexa mostrou-se mais presente antecedendo segmentos [+voz], como em *pergunta*.

Em relação às variáveis extralinguísticas, Oushiro (2015) constatou a relevância estatística das variáveis *classe social*, *região de residência*, *mobilidade geográfica*, *nível de escolaridade* e *sexo/gênero*. Segundo a autora, indivíduos do sexo masculino pertencentes a uma classe social mais baixa, residentes em um bairro mais periférico,

com mobilidade geográfica baixa e tendo somente ensino médio tendem a produzir, com maior frequência, a variante retroflexa.

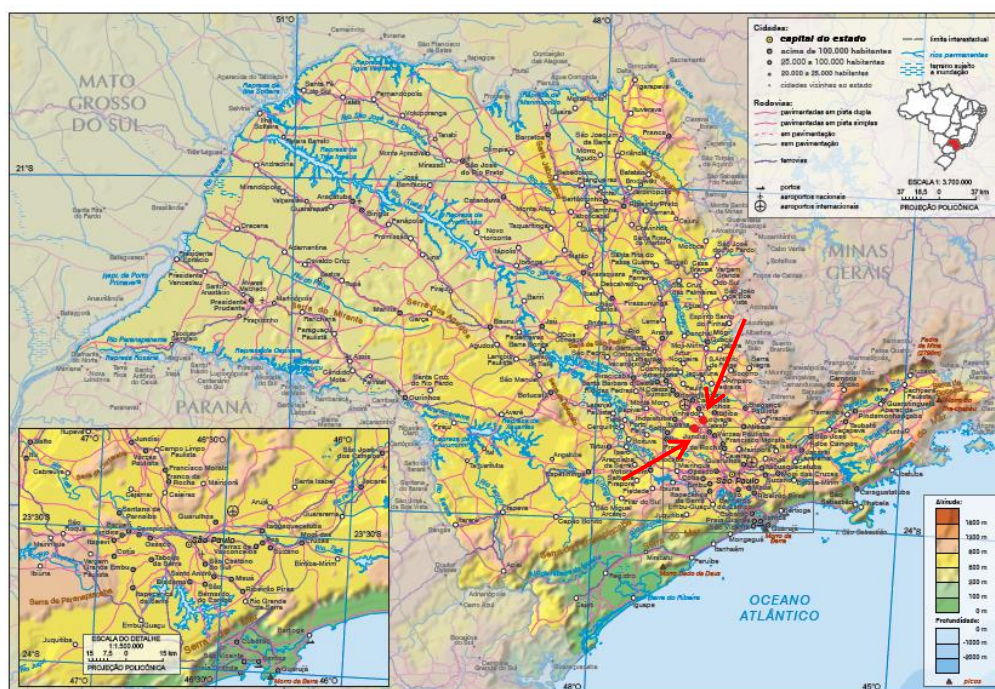
Para a autora, as múltiplas variantes do rótico em São Paulo estabelecem relações para além dos pares “estigma/prestígio” e “padrão/não padrão”. Isso quer dizer que essas variantes devem ser vistas como formas *default*, isto é, formas determinadas que estabelecem outras identidades sociais. A forma *default* para as classes sociais mais altas em São Paulo é o *tepe* e para as mais baixas o *tepe* e a *retroflexa* indistintamente. Uma participante descreveu o *tepe* como *default* das “patys”, meninas pertencentes à classe alta, e o *retroflexo*, como *default* da periferia (OUSHIRO, 2015).

Em análise acerca do sujeito caipira, Plaza (2019) menciona que o estereótipo foi construído no final do século XIX, época do início do processo de industrialização em São Paulo. Nesse período, ocorreu a abolição da escravatura e a chegada de muitos imigrantes italianos à capital em busca de trabalho e, em decorrência disso, preferia-se a mão de obra dos europeus ao invés da dos chamados caipiras (caboclos, mulatos, brancos e negros).

Ainda de acordo com a autora, a principal característica do caipira atribuída pela elite brasileira e pela imprensa era a de preguiçoso e isso fez com que passassem a ser desvalorizados no mercado de trabalho. No período em que São Paulo tornou-se metrópole, a dicotomia capital (paulistanos) versus interior (caipiras) surgiu, tendo sido fortalecida pela imprensa da época por meio da difusão, por meio de cartas aos jornais paulistanos, da definição de caipira como “homem selvagem do campo” (PLAZA 2019).

Em um estudo mais recente, Carreão (2018) analisou o rótico em posição de coda silábica no município de Louveira, localizado no interior de São Paulo e próximo de Jundiaí-SP, cidade de origem da participante deste estudo. Na Figura 5 a seguir, é possível constatar a proximidade dos dois municípios, que possuem 15 km de distância:

Figura 5 - Mapa que mostra a proximidade de Louveira a Jundiá



Fonte: Adaptado de IBGE (2020)

A amostra coletada por Carreão (2018) foi constituída por dois grupos: controle e entrevista. O primeiro foi constituído por 19 entrevistas disponibilizadas pelo Museu Digital da Câmara de Louveira, as quais contêm amostras de fala de habitantes mais antigos da cidade. A faixa etária dos falantes varia de 61 a 90 anos. O segundo grupo foi constituído por 25 entrevistas realizadas especificamente para o estudo de Carreão, com indivíduos, entre 18 e 60 anos, nascidos em Louveira-SP ou que tivessem mudado até os cinco anos de idade para lá.

De modo geral, os dados que compõem o Grupo de Controle por Carreão (2018) revelaram que de 516 ocorrências com a presença de *r*, 385 foram produzidos como retroflexas (75%) e as restantes, como tepe. As variáveis linguísticas controladas pelo autor foram: *posição na palavra*, *classe morfológica*, *contexto fônico anterior*, *contexto fônico posterior* e *tonicidade*.

Em relação à *posição na palavra*, Carreão (2018) comprovou que há maior retroflexão quando *o r* se encontra em posição final. No que diz respeito à *classe morfológica*, comprovou-se que a variante retroflexa tende a ser mais frequente em verbos (morfemas infinitivos). Referente ao *contexto fônico anterior*, vogais centrais

geram maior produção de retroflexo, bem como pausa no *contexto fônico posterior* e, quanto à tonicidade, sílabas tônicas.

Quanto às variáveis extralinguísticas, o retroflexo foi produzido com mais frequência por mulheres. Para a variável *faixa etária* houve maior produção para a faixa etária de 61 a 75 anos. Já quanto à *escolaridade*, participantes com ensino fundamental apresentaram maior produção, bem como os residentes em uma região mais central da cidade (CARREÃO, 2018).

Na análise dos dados referentes ao Grupo Entrevistas, Carreão (2018) comprovou, a partir de 3.600 dados, a predominância da variante retroflexa na fala dos louveirenses, com um total de 3.138 ocorrências (87%).

A distribuição dos dados em relação às variáveis linguísticas no Grupo Entrevistas comprovou que há maior realização da retroflexão em posição medial da palavra. Em relação à classe de palavras, a maior taxa de retroflexão deu-se em advérbios, em contexto fônico anterior representado por vogal posterior baixa, em contexto fônico posterior [+coronal] e em sílaba tônica.

Os resultados referentes às variáveis extralinguísticas nessa análise mostraram que os homens também produziram a variante retroflexa com a mesma frequência que as mulheres. Os resultados para a variável faixa etária indicam o padrão típico da situação de variação estável, visto que as faixas mais jovem e mais velha apresentam taxas aproximadas e a faixa intermediária, uma taxa um pouco inferior. Informantes com ensino médio completo tenderam a produzir mais retroflexão do que os que possuem ensino superior/técnico, assim como informantes da região mais central da cidade e de ascendência italiana.

Ao observar os estudos de Oushiro (2015) e de Carreão (2018), é possível constatar que a variante retroflexa é predominante e estável em Louveira-SP, tanto entre homens quanto em mulheres, mas perde para a variante tepe na capital, sendo mais presente na fala dos homens da periferia. Quanto aos condicionadores linguísticos propiciadores à produção da variante retroflexa foram compatíveis entre as amostras o contexto tônico, as vogais [-alto] e o contexto seguinte [+coronal], especificamente entre a amostra de fala paulistana e a amostra entrevista paulista.

Partindo dos resultados das pesquisas até então apresentadas, que mostram a variante retroflexa como a produção mais comum na região onde a informante, cuja fala é foco deste estudo, nasceu e viveu até os 19 anos, a saber, Jundiaí-SP, interior paulista, espera-se encontrar, devido ao histórico de residência em São Paulo-SP, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS, redução da taxa de produção da variante retroflexa, que compete com o tepe na classe mais baixa paulistana, sendo mais presente na fala da periferia, e que é pouco expressiva nas localidades do sul do Brasil.

Na seção a seguir, verificaremos o comportamento do rótico em coda na cidade de Florianópolis-SC, onde a informante em análise neste estudo residiu de 1993 a 2003.

3.4.1.2 Florianópolis - SC

Em Santa Catarina, especificamente na ilha de Florianópolis, a variante retroflexa não é usual. Nessa região, devido à colonização açoriana, era comum o trill por volta dos séculos XVII e XVIII (BRENNER, 2005). Conforme apontado por Brenner (2005), com o passar dos anos e com a influência do Rio de Janeiro, o rótico em coda passou a ser realizado como [x] e como [χ], sendo assim até os dias atuais.

Em sua tese de doutorado, Monaretto (1997) utilizou dados do banco VARSUL para analisar as variantes de róticos em Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS. A amostra foi composta por 12 participantes das três cidades em estudo. As variáveis linguísticas analisadas foram: *posição na sílaba*, *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *acento* e *velocidade da fala*. As variáveis extralinguísticas selecionadas foram *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *grupo geográfico*.

Em relação a Florianópolis-SC, os resultados apontaram a predominância da “vibrante posterior” na coda silábica. Os resultados referentes às variáveis linguísticas apontaram que o contexto precedente favorável à produção da vibrante posterior é a vogal labial, como, por exemplo, em *porta*. Em relação ao contexto seguinte, a consoante coronal, como em *carta*, mostrou-se condicionadora. Quanto à variável *velocidade*, os resultados mostraram que a vibrante posterior ocorreu com mais frequência em ritmo moderado. Por fim, em relação à variável *acento*, os resultados

mostraram que a vibrante posterior ocorreu com maior frequência em sílaba acentuada, como em *carta* (MONARETTO, 1997).

As variáveis extralinguísticas selecionadas por Monaretto (1997) mostraram que a vibrante posterior faz-se mais presente na fala de mulheres (variável sexo), na fala de indivíduos entre 25 a 50 anos (faixa etária) e com ensino médio completo (escolaridade).

Em outro estudo, a fim de traçar uma visão geral do rótico no português do sul do Brasil, baseando-se em estudos já realizados e em dados do VARSUL, Monaretto (2010) concluiu que 84% dos informantes de Santa Catarina produzem o tepe na coda em interior de palavra, bem como na coda ao final da palavra.

Na cidade de Florianópolis, mais especificamente, constatou-se que a variante predominante em coda é a fricativa velar. Em Blumenau, cidade que não possui uma considerável distância de Florianópolis, a variante predominante em coda silábica é o tepe.

Conclui-se com essa análise, portanto, que a variante [x] é realizada na capital catarinense possivelmente devido à relação dos habitantes da cidade com os barqueiros que conviveram com cariocas nas idas e vindas ao Rio de Janeiro-RJ devido à atividade pesqueira, assim como apresentado em Brenner (2005).

Já Silva (2008), com um total de 1.118 dados, investigou, em Florianópolis-SC, a produção do rótico de acordo com a sua posição na palavra. Os resultados mostraram que quando em final de palavra, tanto em nomes quanto em verbos no infinitivo, ocorreu o seu apagamento, como em *faze*∅. Já quando em final de sílaba interna, como em *porta*, a maior produção foi da fricativa glotal surda, como em *pohta*. Em relação especificamente à tonicidade, Silva (2008) apresenta em seus resultados a prevalência da fricativa glotal surda em sílaba átona e o apagamento do rótico em sílaba tônica.

As variáveis extralinguísticas investigadas foram *grau de escolaridade* e *faixa etária*. Pôde-se observar que tanto o apagamento quanto a produção da fricativa glotal igualaram-se pelos graus de escolaridade. A autora afirma que

(...) não houve nenhuma diferença de desempenho entre os informantes das séries iniciais e do ensino superior quanto a essa regra. Esse resultado não

confirma o que alguns estudos atestam sobre o período escolar. Talvez, uma hipótese é a de que a escola incentivaria o uso dessas variantes, por serem mais prestigiadas. Assim, quanto mais tempo o falante frequentar a escola, mais conservará a variável preenchida, pois reconhecerá a presença desse elemento fônico ao final de vocábulo (SILVA, 2008, p. 22).

Em relação à faixa etária, Silva (2008) observa que em todas as realizações houve predominância do apagamento do R, seguido da fricativa glotal nas faixas de 15-40 e 41-70. Informantes acima de 70 anos produziram com maior frequência o tepe.

Silva (2008, p. 24) conclui que:

à medida que os mais jovens aplicam a regra de apagamento [ø], os mais velhos seguem a manutenção das formas. Para as demais formas, notamos que, de modo geral, a fricativa glotal [h] é a mais recorrente entre os falantes da cidade de Florianópolis, entretanto observamos ainda que o tepe alveolar [r] é a variável mais frequente na fala dos informantes acima de 70 anos.

Conforme os dados do ALiB⁸, a variante do rótico em coda com maior produção em Florianópolis-SC é a fricativa glotal [h], com 76% a 99% de frequência. As variantes fricativa velar, retroflexa e tepe ocorrem apenas de 1 a 25% dos casos. Os vocábulos analisados foram: *torneira*, *gordura*, *fervendo*, *árvore*, *borboleta*, *tarde*, *catorze*, *pernambucano*, *certo*, *perdão*, *perfume*, *dormindo*, *perdida*, *perguntar* e *esquerdo* (CARDOSO; MOTA; AGUILERA; ARAGÃO; ISQUEREDO; RAZKY; MARGOTTI, 2014).

Como é possível observar nos resultados referentes à produção do rótico em coda em Florianópolis-SC, constata-se que a variante retroflexa é pouco expressiva na capital de Santa Catarina e também no Estado. Sendo assim, em contato com essa variedade, a informante em exame no estudo em tela, por hipótese, divergeria quanto ao uso da variante predominante local, mantendo seu padrão de variação entre tepe e retroflexa.

A seguir, apresentaremos a realização do rótico em coda na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, onde a informante fixou residência a partir de 2003, com estadas frequentes a partir de 1998.

⁸ Sigla referente à Atlas Linguístico do Brasil.

3.4.1.3 Porto Alegre - RS

Diferentemente das localidades anteriormente citadas, o rótico em coda na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, realiza-se predominantemente por meio do tepe, conforme aponta Botassini (2011), a partir de um estudo realizado com oito informantes nascidos na capital sul-rio-grandense, filhos de pais da região metropolitana, divididos igualmente por sexo, faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e por grau de escolaridade.

Por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALiB foram obtidos os dados para análise, dos quais 29 palavras foram selecionadas, a saber: *prateleira, torneira, varrer, gordura, colher* (substantivo), *liquidificador, fervendo, botar, árvore, montar, borboleta, tarde, catorze, trabalhar, rasgar, Pernambuco, certo, perdão, mulher, braguilha, perfume, beijar, dormindo, perdida, encontrar, perguntar, sair, esquerdo*.

A taxa obtida para a variante tepe em posição de coda, segundo a autora, foi de 69,1%, seguida por uma porcentagem mais baixa de apagamento, de 12,7%, de 10,9% referente ao trill alveolar, de 5% em relação a produção da glotal, e por uma pequena taxa de realização da retroflexa, de apenas 2,3%.

Assim como mencionado na seção anterior, Monaretto (1997) realizou um estudo acerca do *r* em coda na região sul do Brasil utilizando dados do banco VARSUL, com 12 participantes de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Quanto à variedade porto-alegrense, a autora constatou que a variante predominante do rótico em coda na capital sul rio-grandense é o tepe (MONARETTO, 1997).

Os resultados referentes às variáveis linguísticas apontaram que, em relação ao contexto precedente, o fator favorecedor à produção do tepe em coda é a vogal coronal oral, como por exemplo, *verde*. Em relação à variável contexto seguinte, o fator propiciador ao tepe é consoante coronal, como *carta*. Quanto à variável velocidade da fala, o ritmo moderado propicia a produção do tepe. Para a variável acento, o fator favorecedor à produção do tepe é a sílaba acentuada, como em *porta* (MONARETTO, 1997).

Quanto às variáveis extralinguísticas, a variável sexo mostrou que a produção do tepe ocorre mais frequentemente na fala de mulheres, na fala de indivíduos de 25 a 50 anos e em indivíduos com ensino médio (MONARETTO, 1997).

Botassini (2011) também realizou um estudo acerca dos róticos na cidade de Porto Alegre-RS. As variáveis linguísticas consideradas pela autora foram posição do rótico na palavra (coda silábica interna ou externa) e classe gramatical (nome ou verbo) (BOTASSINI, 2011).

Os resultados mostraram que, em relação à posição na palavra, o tepe ocorre com maior frequência em posição interna da palavra e, quanto à classe gramatical, a produção de tepe se dá com maior frequência em nomes. Os resultados referentes às variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e grau de escolaridade) mostraram que o tepe é produzido com mais frequência por indivíduos de 18 a 30 anos e com ensino fundamental. A variável sexo não se mostrou relevante à produção do tepe pois os pesos relativos ficaram próximos à neutralidade (BOTASSINI, 2011).

Em relação aos dados do ALiB (2014), a variante predominante do *r* em coda em Porto Alegre é o tepe, com 76 a 99% de realizações. Apenas 1 a 25% de realizações foram de fricativa velar (ALiB, 2014). Assim como apresentado na seção anterior, os vocábulos analisados foram: *torneira*, *gordura*, *fervendo*, *árvore*, *borboleta*, *tarde*, *catorze*, *pernambucano*, *certo*, *perdão*, *perfume*, *dormindo*, *perdida*, *perguntar* e *esquerdo* (CARDOSO; MOTA; AGUILERA; ARAGÃO; ISQUEREDO; RAZKY; MARGOTTI, 2014).

Assim como em São Paulo-SP, a variante predominante do rótico em coda em Porto Alegre-RS é o tepe. Desse modo, espera-se que a informante cuja fala se analisa neste trabalho apresente taxas mais altas de produção dessa variante, após o período de contato com a variedade porto-alegrense, e taxas mais baixas de produção da variante retroflexa.

Passemos agora para a descrição variacionista de /t,d/ em ataque.

3.4.2 /t,d/ em posição de ataque

3.4.2.1 São Paulo-SP e interior

Diferentemente do interior paulista, como será apresentado nesta seção, a variante predominante de /t,d/ em São Paulo-SP, de acordo com o Atlas Linguístico do Brasil (ALIB, 2014), é a africada palato-alveolar ([tʃ] e [dʒ]) diante de [i], tanto nos casos de /i/, verificado nos vocábulos *tio*, *estilingue*, *liquidificador*, quanto do alçamento de /e/, como em *noite*, *tarde*, *prateleira* e *desvio*.

À luz da perspectiva variacionista, Abaurre e Pagotto (2002), a partir de dados do NURC da década de 1970, examinaram a palatalização de oclusivas alveolares em São Paulo em uma amostra composta por oito informantes de três faixas etárias diferentes (de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante), a partir de trinta inquéritos, com 10 minutos cada, contendo somente a ocorrência de /t,d/ diante de [i]. Os resultados indicaram a predominância da variante palatalizada no falar paulista, principalmente na faixa etária mais jovem.

Carreão (2018) também analisou as oclusivas em posição de ataque em Louveira-SP, cidade próxima a Jundiaí-SP, no mesmo estudo apresentado na seção 3.4.1 deste trabalho, no qual duas amostras foram consideradas, a saber, a referente ao Grupo Controle (idosos) e a referente ao Grupo Entrevista.

Os resultados da análise do Grupo Controle revelaram que a variante dental apareceu em 435 ocorrências de 1.155, resultando em 38% de frequência (CARREÃO, 2018). As variáveis linguísticas consideradas no estudo pelo autor foram *vozeamento*, *classe morfológica*, *contexto fônico anterior*, *contexto fônico posterior*, *tonicidade*, *status da vogal e posição na palavra*.

Quanto ao vozeamento, Carreão (2018) comprovou que há maior produção da dental em oclusivas vozeadas como em *dia*. Quanto à variável classe morfológica, a produção da dental ocorreu predominantemente em preposições, como em *de* e *desde*. Para o contexto fônico anterior houve maior produção da dental após pausa ou ausência de contexto anterior. Em relação ao contexto fônico posterior, a produção da oclusiva dental ocorreu preferencialmente antes de ditongo, como em *tio* e *pediu*. Com relação à tonicidade, ocorreu com mais frequência em sílabas tônicas, como em *tinha* e *pedi*, e em

posição inicial na palavra, como em *time* e *dinheiro*. O status da vogal propiciador à produção da oclusiva dental é o fonético, como em *gente* e *pode*, quando a vogal é candidata ao alçamento. (CARREÃO, 2018).

Em relação às variáveis extralinguísticas no Grupo Controle, Carreão (2018) considerou *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *região*. Para a variável *sexo*, os resultados revelaram que a produção da oclusiva dental é mais frequente em indivíduos do sexo masculino e na faixa etária entre 76 a 90 anos em relação à faixa 61 a 75 anos. No que diz respeito à variável *escolaridade*, indivíduos com ensino fundamental tendem a produzir com maior frequência a oclusiva dental, assim como os moradores da região central da cidade (CARREÃO, 2018).

Os resultados obtidos por Carreão (2018) referentes ao Grupo de Entrevista revelaram que a dental apareceu em 1.365 ocorrências de um total e 7.288, totalizando apenas 19%. As variáveis linguísticas consideradas para o Grupo de Entrevistas foram as mesmas que as do Grupo Controle (CARREÃO, 2018).

Quanto às variáveis linguísticas, a produção da dental tende a ocorrer com maior frequência com oclusivas vozeadas, como em *dia*. Em relação à variável *classe morfológica*, a produção da dental apresentou maior frequência em numerais, como em *vinte* e *sétimo*. Para a variável *contexto fônico anterior*, o fator propiciador à produção da oclusiva dental foi pausa e, para a variável *contexto fônico posterior*, a vogal [i], como em *tiro* e *disso*. Em relação à variável tonicidade, ocorreu com maior frequência em sílaba tônica, como em *tinha* e *pedi*, em vogal de status fonético, como em *gente* e *pode* e em posição inicial da palavra, como em *time* e *dinheiro* (CARREÃO, 2018).

Os resultados referentes às variáveis extralinguísticas apontaram que a variante dental ocorre com maior frequência na fala de indivíduos do sexo masculino e na fala de indivíduos com idade entre 46 e 60 anos, em comparação à faixa de 30 a 45 e à faixa de 18 a 29, apontando para uma situação clara de mudança e progresso, indicativa da perda de força da variante em relação à variante africada. Quanto à variável *escolaridade*, as taxas de produção da oclusiva dental mostraram-se iguais tanto para o fator ensino médio quanto para o fator superior/técnico. Quanto à variável *região*, a variante dental ocorreu com maior frequência na fala de indivíduos pertencentes à região central do município de Louveira-SP.

Na análise do Grupo de Entrevistas, foram consideradas também as variáveis extralinguísticas *ascendência, opinião sobre sotaque e renda*. Acerca da *ascendência*, indivíduos de ascendência italiana produziram com maior frequência a dental, mais presente também na fala de indivíduos que acreditam que a fala louveirense não tem sotaque e na fala de indivíduos com maior renda (CARREÃO, 2018).

Albano (1999), em estudo realizado à luz da Fonologia Articulatória (BROWMAN e GOLDSTEIN, 1989), e com base em amostra de fala da cidade de Jundiaí-SP, local de nascimento e residência da informante, cuja fala se examina neste estudo, até a idade adulta, aponta casos em que sujeitos não-palatalizadores acabam palatalizando em contextos em que há o segmento /s/ antes de /t/ e /d/, como, por exemplo, nas palavras *linguística, místico, dístico, eucarístico*. Para a autora,

[...] este parece ser um caso típico de mudança linguística em curso: sujeitos relativamente conservadores só apresentam o processo em ambientes muito propícios. Uma outra indicação de que a mudança está em curso em grupos não-africadores é a diferença entre o /t/ da pretônica e o /t/ da tônica da palavra *titia* em sujeitos da faixa etária mais jovem da cidade de Jundiaí, no Estado de São Paulo, onde a palatalização parece estar apenas começando a se difundir (ALBANO, 1999, p.34).

A diferença que a autora apresenta em relação à palavra *titia* diz respeito ao prolongamento do ruído do segundo /t/, aumentando a fricção. Sendo assim, pode-se supor, diante desses resultados, uma situação de mudança em progresso na cidade de Jundiaí, em que a variante palatalizada de /t/ e /d/ parece iniciar seu percurso de crescimento entre os mais jovens. Em relação à participante, presume-se que a mesma produza com menor frequência a variante dental devido ao contato com o dialeto paulistano, aumentando, possivelmente, a produção de oclusivas palatalizadas.

A seguir serão apresentados estudos já realizados acerca das oclusivas alveolares em ataque em Florianópolis-SP, local onde o informante residiu por nove anos.

3.4.2.2 Florianópolis-SC

Diferentemente do interior de São Paulo, a realização de /t,d/ em Florianópolis-SC se dá, predominantemente, de duas maneiras: [t] e [d]; [ts] e [dz]. Pagotto (2001), a

partir de uma amostra de 8.573 ocorrências, concluiu que a realização mais frequente na localidade é a africada não palatal, seguida da não africada, destacando-se a primeira, pois é o meio termo entre a mais recente realização (africada palato-alveolar) e a mais antiga (dental). Em contextos como *tímida*, *parede*, *batida* e *dica*, a realização ocorre da seguinte maneira:

Tímida → ['tsimida]

Parede → [pa'redzi]. Neste caso, /e/ → [i]

Batida → [ba'tsida]

Dica → ['dzica]

Com os resultados obtidos de natureza articulatória, Pagotto (2001) concluiu que as consoantes surdas sofrem mais africacão que as sonoras, como, por exemplo, em *time*, e que o contexto antecedente se faz relevante, especialmente se as consoantes fricativas forem levadas em consideração, como em *vestido*.

Em relação aos fatores de natureza estrutural, concluiu-se que a posição da variável na palavra e a posição da variável em relação ao acento influenciam para a africacão. Para Pagotto (2001), os participantes demonstraram maior probabilidade de produzir africadas em posição medial na palavra, como por exemplo, em *pedido*, e em sílaba pós-tônica, como em *Cândido*.

As oclusivas africadas são predominantes na variedade Florianopolitana, mas a palatalização se encontra em ascensão, segundo Pagotto (2001). São condicionadores do processo de palatalização na cidade de Florianópolis-SC: localidade, pois nos centros urbanos a palatalização é mais comum do que na região rural; idade, devido aos jovens palatalizarem mais do que os adultos acima dos 24 anos; escolaridade, por haver menos africacão por parte de quem possui um grau mais alto de escolaridade; e sexo, em razão de as mulheres terem começado a palatalizar antes dos homens. O autor ainda destacou que a consoante sonora /d/ palataliza mais do que a consoante não sonora /t/ (PAGOTTO, 2001).

Kamianecy (2002) realizou um estudo acerca da realização de /t,d/ com foco no processo de palatalização. A amostra de seu estudo é constituída por 16 entrevistas do banco de dados VARSUL com informantes das cidades de Florianópolis-SC e de Porto Alegre-RS.

As variáveis extralinguísticas selecionadas no estudo de Kamianecky (2002) foram: *grupo geográfico, sexo, idade e escolaridade*. Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas: *tipo de vogal alto, tonicidade e contexto linguístico precedente*.

Em relação à variável *tipo de vogal alto*, os entrevistados residentes em Florianópolis-SC apresentaram taxas mais altas de palatalização diante de vogais [alto] não derivadas, como, por exemplo, em *partida*, em comparação às vogais [alto] derivadas. Quanto à tonicidade, a palatalização mostrou-se mais presente em sílabas tônicas, como em *time* (KAMIANECKY, 2002). Já no que se refere ao contexto precedente, os entrevistados palatalizaram com maior frequência após a presença de *lateral*, como em *cultiva* e *altiva* (KAMIANECKY, 2002).

A produção palatalizada de /t,d/ em Florianópolis-SC também é apontada no Atlas Linguístico do Brasil (2014) como predominante, com 75% das realizações. Os vocábulos utilizados na pesquisa foram: *tio, estilingue, liquidificador, noite, tarde, prateleira* e *desvio* (ALIB, 2014).

Devido ao período de residência da informante em exame neste estudo na cidade de Florianópolis-SC, pode-se supor que a produção das oclusivas dentais, sua variante materna, seja reduzida, uma vez que a variante predominante de /t,d/ em Florianópolis é a africada alveolar e que a palatalização está se fazendo cada vez mais presente na variedade florianopolitana.

Na próxima seção, serão destacados estudos acerca da realização das oclusivas alveolares na capital do estado do Rio Grande do Sul, onde a informante cuja fala está em análise neste estudo passou a residir a partir de 2003.

3.4.2.3 Porto Alegre-RS

Segundo Abaurre e Pagotto (2002), a palatalização é a variante com maior grau de realização na cidade de Porto Alegre-RS, comparada as outras duas variantes: [t, d] e [ts, ds]. Segundo Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012), a palatalização tem se expandido no Brasil, principalmente devido a situações de línguas em contato.

Para Battisti (2014), a variedade presente na capital gaúcha é fortemente marcada pela palatalização das oclusivas alveolares, se comparada a outras cidades do

estado do Rio Grande do Sul. Para muitas pessoas isso ocorre devido ao prestígio atribuído a quem mora na capital do estado. Pessoas de outras cidades do Rio Grande do Sul costumam, por brincadeira, salientar esse traço da variedade porto-alegrense no sintagma *leite quente*, produzindo “*lei[tʃ]i quen[tʃ]i*” (BATTISTI, 2014).

Esse estudo é composto por três análises de palatalização de /t,d/ em Porto Alegre. A amostra da primeira análise é constituída por dados do NURC, com entrevistas realizadas apenas com participantes com nível superior nos anos setenta, e revela a taxa de 40% de aplicação de palatalização. As outras duas análises foram realizadas a partir de amostras obtidas de entrevistas com participantes de diferentes escolaridades, resultando em 90% de aplicação da regra (BATTISTI, 2014).

Segundo a autora, Porto Alegre apresenta alta porcentagem de realização de palatalização se comparada com outras cidades do Estado. A sílaba tônica mostra-se como condicionadora, embora a sílaba átona também seja relevante como fator propiciador à palatalização. Em relação aos condicionadores sociais, sexo e idade são relevantes: em homens, a proporção é menor em comparação a mulheres e, em relação à idade, a palatalização se deu, com maior proporção, no grupo dos jovens (BATTISTI, 2014).

Outro estudo acerca da realização da produção de /t,d/, realizado por Kamianecy (2002), aponta que a palatalização ocorre com maior frequência quando a vogal [+alto] seguinte é derivada, como, por exemplo, em *leit[i]*, embora a palatalização tenha se mostrado presente tanto diante de vogal derivada quanto de não-derivada.

A autora também analisou a palatalização de /t,d/ com base na variável *tonicidade*, sendo a variante recorrente tanto em sílaba tônica quanto em átona, com uma pequena vantagem para essa posição acentual, como, por exemplo, na palavra *diária*. No que diz respeito ao contexto precedente, foram contextos favorecedores da palatalização em Porto Alegre-RS a *lateral*, como em *balde*, a *contínua coronal*, como em *poste*, a *vogal nasal*, como em *dente* e a ausência de contexto precedente.

Diante dos resultados apresentados para a capital do estado do Rio Grande do Sul, presume-se que a taxa de produção das oclusivas dentais seja baixa nos anos de residência em Porto Alegre-RS da informante em exame neste estudo, devido não só ao

contato com a variedade porto-alegrense, tipicamente palatalizadora de /t,d/, mas também em decorrência do contato com as variedades paulistana e florianopolitana, nas quais a produção da oclusiva dental não é predominante.

Sumariando, este capítulo, ao revisitar a Teoria da Variação Linguística, com foco no Contato Dialectal e na Mudança Linguística ao Longo da Vida, registrou que a mudança linguística pressupõe uma situação de variação linguística, passível de observação tanto na comunidade quanto no indivíduo, motivada por elementos tanto sociais quanto do próprio sistema linguístico, dentre esses o contato entre variedades de uma mesma língua. Desse modo, busca-se verificar nesta pesquisa se a variedade expressa pela informante em exame, após constante contato com três variedades diferentes do PB ao longo de 16 anos de sua vida, convergiu para as variedades em contato, divergiu delas ou manteve-se fiel à sua variedade materna, levando em consideração as variantes predominantes do rótico em coda e de /t,d/ em ataque nas localidades de residência, como se apresenta no Quadro 1 a seguir. Com base em Carreão (2018), que aponta a retroflexa em coda como predominante em Louveira-SP, cidade próxima a Jundiá-SP, e a variante dental de /t,d/ em ataque como predominante na faixa etária de 46 a 60 anos dessa localidade, pressupõe-se que a informante em exame nesse estudo, que se insere atualmente nessa faixa etária, não manteria suas variantes maternas, por influência do contato com outras variedades, mas sim apresentaria, ao longo de 16 anos, redução da produção da variante retroflexa em coda e da variante dental no ataque.

Quadro 1 - Variantes do rótico em coda e oclusivas em ataque nas localidades de residência da informante

LOCALIDADE	/R/ EM CODA	/t,d/ EM ATAQUE
SÃO PAULO – SP	[r] – (Oushiro, 2015)	[tʃ, dʒ] - (Carreão, 2018)
FLORIANÓPOLIS – SC	[h] – (Silva, 2008)	[ts, dz] - (Pagotto, 2001)
PORTO ALEGRE – RS	[r] – (Botassini, 2011)	[tʃ, dʒ] – (Battisti, 2014)

Fonte: A autora (2020)

O capítulo seguinte versará sobre a metodologia adotada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo será abordado o método adotado para o desenvolvimento deste trabalho. Primeiramente, em 4.1, serão apresentadas as comunidades onde a informante, cuja fala está em exame, residiu ao longo de sua vida, do nascimento, em 1968, até 2010. Após, em 4.2, será detalhada a amostra de fala da informante considerada neste estudo, que compreende um período de 16 anos de sua vida adulta e, em 4.3, serão apresentadas as variáveis operacionais para a análise dos processos variáveis de retroflexão do rótico em coda e de produção da variante dental das oclusivas em ataque. Em 4.4 é descrito o instrumento de suporte estatístico utilizado.

4.1 AS COMUNIDADES DE RESIDÊNCIA

Nesta seção serão abordados aspectos referentes à localização, colonização e desenvolvimento de Jundiaí-SP, São Paulo-SP, Florianópolis-SC e Porto Alegre - RS, localidades de residência da informante cuja fala é analisada neste trabalho.

4.1.1 Jundiaí – SP

Jundiaí, localizada a -23.1865 de latitude, -46.45 de longitude, 23°11'11" Sul, 46° 53'4" Oeste, com altitude de 745 metros⁹, é uma cidade do interior do estado de São Paulo, localizada a 60 Km da capital. De acordo com o Censo de 2010 (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população é de 370.126 habitantes, estimando-se para o ano de 2018 aproximadamente 414.810 pessoas. A seguir, na Figura 6, pode-se ver a localização de Jundiaí no mapa do Brasil:

⁹ DB. **Geografia de Jundiaí**. Disponível em: < <https://pt.db-city.com/Brasil--S%C3%A3o-Paulo--Jundia%C3%AD>>.

Figura 6 – Mapa Político do Brasil – Localização de Jundiá



Fonte: Adaptado de IBGE (2020)

Habitada por indígenas até o século 17, a região de Jundiá tinha como principal cultivo o da mandioca e do milho. Em meados de 1615 chegaram colonizadores portugueses fugidos de São Paulo por motivos políticos. Estes afugentaram os grupos indígenas que se embrenharam na mata. Seu nome tem origem tupi e se dá da junção de ‘jundiá’, que significa ‘bagre’, e ‘y’ que significa ‘rio’¹⁰.

Sua origem está diretamente ligada ao movimento bandeirante, pois a região era ocupada pela antiga Capitania de São Vicente. Durante esse período de colonização, a mão de obra local era baseada na escravidão indígena. Na segunda metade do século 19 intensificou-se a produção cafeeira e, com isso, o número de africanos aumentou na localidade. Outra atividade agrícola de destaque era a produção da cana-de-açúcar para a fabricação de aguardente.

¹⁰ PREFEITURA DE JUNDIAÍ. **História**. Disponível em: < <https://jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/>>.

Por volta de 1887, chegaram os imigrantes italianos. Como meio de subsistência, as famílias trabalhavam cultivando terras e muitos grupos conseguiram comprar lotes, montaram armazéns e organizaram diferentes culturas, como a do milho, feijão, arroz, batata, legumes, frutas e especialmente a da uva. A chegada e fixação dos italianos na região deu-se mais facilmente com o auxílio da ferrovia que ligava Santos à São Paulo e Jundiaí. Esses trouxeram a cultura da uva Isabel. Mais tarde, em 1934, foi criada a Festa da Uva devido à grande produção de uvas de mesa, variedade que melhor se adaptou ao solo da região de Jundiaí.

Atualmente, 75% da população jundiaense é descendente de imigrantes italianos, constituindo uma das maiores colônias italianas do Brasil¹¹. Jundiaí é considerada a 7ª cidade mais bem administrada entre os 155 municípios brasileiros com população acima de 100 mil habitantes¹². Ademais, possui um forte setor industrial, grande potencial econômico e um dos maiores parques industriais da América Latina e, segundo dados da ONU (Organização das Nações Unidas), foi a 11ª melhor cidade do Brasil em termos de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

4.1.2 São Paulo – SP

Localizada à -23.5489 de latitude, -46.6388 de longitude, 23° 32' 56" Sul e 46° 38' 20" Oeste, a capital do estado de São Paulo está a 745 metros acima do nível do mar. A população do último censo (2010) é de 11.253.503 habitantes, com estimativa de 12.252.023 para o ano de 2019. No mapa a seguir, expresso na Figura 7, pode-se observar a localização do município de São Paulo no mapa do Brasil.

¹¹ TRIBUNA DE JUNDIAÍ. **Jundiaí.** Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/cidades/jundiai/jundiai-364-anos-a-verdadeira-historia-da-nossa-cidade/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

¹² TRIBUNA DE JUNDIAÍ. **Economia.** Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/videos/jundiai-o-brasil-que-deu-certo-economia-maxima-e-investimento-no-cidadao/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Figura 7 – Mapa Político do Brasil – Localização de São Paulo



Fonte: Adaptado de IBGE (2020)

Sua história iniciou-se por volta do ano de 1553, época em que os padres jesuítas buscavam um lugar para catequizar os índios e encontraram o planalto de Piratininga. De acordo com os registros, era “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas e tinha ares frios e temperados como os de Espanha”¹³.

No dia 25 de janeiro de 1554, os padres celebraram uma missa em um colégio que construíram próximo aos rios Tamanduateí e Anhangabaú, data na qual o aniversário da cidade é celebrado, sendo primeiramente nomeada por São Paulo de Piratininga. Após 157 anos, o nome mudou para São Paulo, uma decisão tomada pelo rei de Portugal.

São Paulo ainda era, nessa época, o ponto de partida das expedições que tinham como objetivo a busca de minerais preciosos e aprisionamento de índios para trabalho escravo. Após 116 anos ganhou sua primeira Faculdade de Direito e tornou-se o núcleo intelectual e político do país e, com a cafeicultura, também o núcleo econômico no século XIX.

Muitos imigrantes chegaram à cidade em meados de 1890, constituindo metade da população total. No século XX, houve o florescimento das instituições educacionais, a criação da Universidade de São Paulo, grandes intervenções urbanísticas e a expansão das indústrias trazendo muitas pessoas de diferentes estados do Brasil em busca de uma vida melhor.

Atualmente é o centro financeiro da América Latina e considerada um ambiente de tolerância e respeito à diversidade de credos, etnias, orientações sexuais e tribos (IBGE, 2014)¹³. É considerada a cidade mais populosa do Brasil¹⁴, com o maior PIB (Produto Interno Bruto) e, conseqüentemente, uma das cidades que mais geram mais riqueza¹⁵ no país.

4.1.3 Florianópolis – Santa Catarina

A capital do estado de Santa Catarina localiza-se a -27.5969 de latitude, -48.5495 de longitude, 27°35'49" Sul e 48°32'58" Oeste e ocupa a ilha de Santa Catarina e parte do continente. Segundo o Censo de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população é de 421.240 habitantes, com estimativa, para o ano de 2018, de 492.977. No mapa a seguir, na Figura 8, é possível observar a localização da capital de Santa Catarina.

¹³ IBGE. **História**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/historico>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

¹⁴ G1. **São Paulo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/29/cidade-de-sao-paulo-tem-122-milhoes-de-habitantes-e-e-a-mais-populosa-do-pais.ghtml>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

¹⁵ ESTADÃO. **Economia e Negócios**. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,sete-municipios-detinham-25-do-pib-em-2017-sao-paulo-era-responsavel-por-mais-de-10,70003124859>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

Figura 8 - Mapa Político do Brasil – Localização e Florianópolis



Fonte: Adaptado de IBGE (2020)

Habitada inicialmente por índios tupis-guaranis, a região tinha como meio de subsistência a pesca e a coleta de moluscos, além da agricultura. Há indícios da presença dos tupis guaranis em sítios arqueológicos e sambaquis que datam 4.800 a.C.

No início do século XVI, embarcações que rumavam à Bacia do Prata aportavam na Ilha para abastecerem-se de água e víveres. Após, por volta de 1675, o bandeirante Francisco Dias Velho e sua família iniciaram a povoação na ilha catarinense fundando Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) (IBGE, 2017)¹⁶.

A partir de 1737, começaram a ser erguidas fortalezas para defender o território devido à ocupação militar. Com isso, a agricultura e a indústria manufatureira de algodão e linho tiveram prosperidade, bem como a confecção artesanal da farinha de mandioca e das rendas de bilro.

Dez anos depois, estabeleceu-se a primeira colônia de portugueses açorianos às margens da Lagoa da Conceição. Devido ao crescimento da população no arquipélago

¹⁶ IBGE. **História**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/historico>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

de Açores, crises de carestia ocasionadas por falta de terras tornaram a situação insuportável para muitos habitantes do arquipélago. Para aliviar a superpopulação das ilhas, em 1746, foi solicitada a permissão para emigração para as possessões portuguesas além mar por parte de uma representação açoriana.

O deslocamento dos súditos foi autorizado pela coroa portuguesa, sendo escolhidos os seguintes destinos: a Ilha do Desterro (Florianópolis) e a região das Missões Jesuíticas. Em 1747 foi estabelecido o edital com as condições de migração para a Ilha do Desterro, com descrição das vantagens oferecidas aos colonos; porém, na chegada à Ilha do Desterro, em 1748, os primeiros imigrantes não encontraram nada do que fora prometido a eles, como utensílios agrícolas, vestimentas, auxílio de custo, farinha, animais e uma propriedade de terra. Uma parte dos imigrantes instalou-se na Ilha do Desterro e outra parte seguiu para as Missões Jesuíticas para fixar moradia (COMISSOLI, 2009).

Em 1823, a Ilha do Desterro, como era chamada a localidade, tornou-se “cidade” e Capital da Província de Santa Catarina e, setenta e dois anos depois, foi determinada a mudança do nome para Florianópolis em homenagem a Floriano Peixoto, devido à vitória das forças comandadas por ele na Segunda Revolta da Armada.

Atualmente, Florianópolis é a capital brasileira com maior índice de desenvolvimento econômico¹⁷. É a cidade com o maior número de praias de Santa Catarina (mais de cem¹⁸). A economia de Florianópolis concentra-se em cinco setores principais, sendo estes a construção civil, o comércio, o turismo, a tecnologia e serviços profissionais, os quais trazem riquezas para a cidade, além de estimular a vinda de pessoas de outras localidades do Brasil e mesmo do exterior, gerando mão-de-obra¹⁹.

¹⁷ NSC. **Florianópolis**. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/florianopolis-e-a-capital-com-melhor-desenvolvimento-economico-aponta-pesquisa>> . Acesso em 12 de novembro de 2019.

¹⁸ CLICRBS. **Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/praias-sc/capa-interna,860,0,0,0,Florianopolis.html>> . Acesso em 12 de novembro de 2019.

¹⁹ CLICRBS. **Redescobrimo Floripa**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/floripa-285/19,0,3229636,Cinco-setores-movimentam-a-economia.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

4.1.3 Porto Alegre – Rio Grande Do Sul

Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, localiza-se a -30.0277 de latitude, -51.2287 e longitude, $30^{\circ}1'40''$ Sul e $51^{\circ}13'43''$ Oeste. De acordo com o Censo de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população é de 1.409.351 habitantes, com uma estimativa de 1.479.101 habitantes para o ano de 2018. A seguir, na Figura 9, pode-se observar a localização de Porto Alegre na região sul do Brasil.

Figura 9 – Mapa Político do Brasil – Localização de Porto Alegre



Fonte: Adaptado de IBGE (2020)

Como mencionado na seção 4.1.2, uma parte dos açorianos, que não fixou residência em Florianópolis, seguiu viagem para as Missões Jesuíticas conforme o acordo feito no Tratado de Madri em 1750. Em 1752, de Rio Grande, os açorianos partiam para Viamão, e de lá, deveriam seguir até Rio Pardo; porém, devido à Guerra Guaranítica, que ocorria, na época, na região das Missões, e a indefinição na

demarcação do Tratado de Madri, a travessia dos açorianos foi interrompida e, por fim, o grupo de imigrantes acabou alojando-se nas povoações ao longo do caminho (COMISSOLI, 2009). Dentre essas povoações havia o Porto de Viamão, primeira denominação Porto Alegre (IBGE, 2017).²⁰

A data oficial de fundação de Porto Alegre é 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, nome alterado para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre um ano depois. Aproximadamente 50 anos depois, a capital passou a receber imigrantes do mundo todo, especialmente alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses. Foi cenário da Guerra dos Farrapos, revolta pela independência contra o Império Português no século XIX, que ficou gravada na história do estado, sendo cantada em hino, homenageada em nomes de ruas e parques, lembrada em feriado estadual e comemorada em desfiles anuais.

A cidade retomou seu desenvolvimento após o fim da revolta, desenvolvendo-se, principalmente, nas atividades portuárias e dos estaleiros. É berço de grandes escritores e vem a cada dia mais desenvolvendo atividades sociais, intelectuais, culturais e políticas. Atualmente abriga diferentes nacionalidades e apresenta ampla diversidade de atividades econômicas. Em relação à economia, Porto Alegre ocupa a segunda posição da região sul, estando atrás apenas de Curitiba²¹, e está na sexta posição do PIB (Produto Interno Bruto) nacional.

4.2 AMOSTRAS DE FALA

Foram consideradas nesta pesquisa amostras de fala de um indivíduo adulto do gênero feminino, com nível superior completo, obtidas entre 1994 e 2010. Desde seu nascimento, ocorrido em 1968, até 2010, a informante residiu em quatro localidades diferentes do Brasil, conforme apresenta o Quadro 2 a seguir:

²⁰ IBGE. **História**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/historico>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

²¹ CORREIO DO POVO. **Porto Alegre**. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/porto-alegre-%C3%A9-a-6%C2%AA-maior-economia-do-brasil-aponta-ibge-1.249421>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

Quadro 2 - Período de residência e localidade de moradia da Informante

Período	Localidade
1968 – 1988	Jundiaí – SP
1988 – 1993	São Paulo – SP
1993 – 2003	Florianópolis – SC
1999 – 2003	Passou a frequentar Porto Alegre com períodos curtos de residência.
2003 – atualmente	Porto Alegre – RS

Fonte: A autora (2019)

Como é possível observar no Quadro 2, até seus vinte anos de idade a informante residiu em sua cidade natal, Jundiaí – SP. Dos vinte aos vinte e cinco anos residiu na capital paulista, São Paulo, e após, passou a residir em Florianópolis, permanecendo na cidade dos 25 aos 35 anos de idade. Neste período frequentou Porto Alegre e, dos seus 35 anos até hoje, reside na capital rio-grandense.

As amostras de fala da informante foram obtidas em interações com 32 interlocutores, moradores de Florianópolis-SC e de Porto Alegre - RS, em situação de entrevista de experiência pessoal, nas quais a informante exercia o papel de entrevistadora. As gravações, todas em formato digital, são parte do banco de dados VARSUL e atingiram um total de 205 minutos de fala gravada.

Em média, cada entrevista totalizou 60 minutos de duração, sendo 30 entrevistas realizadas em Florianópolis e 2 em Porto Alegre. No Quadro 3 a seguir constam informações sobre os interlocutores que participaram das entrevistas com a informante, a saber, o ano da entrevista, localidade de origem e residência, idade do interlocutor e escolaridade, e também o tempo de duração da fala da informante em cada entrevista:

Quadro 3 - Amostras de Fala da Participante – Dados dos Interlocutores

Ano	Interlocutor	Localidade de origem	Idade	Escolaridade	Tempo de fala da informante
1994	NI – F	Florianópolis	76	0 a 4	5 min. 28 s.
1994	SI – F	Florianópolis	21	9 acima	14 min. 57 s.

1994	W – M	Florianópolis	54	9 acima	11 min. 29 s.
1995	G – F	Florianópolis	42	9 acima	5 min 21 s.
1995	D – F	Florianópolis	15	5 a 8	10 min. 22 s.
1995	R – M	Florianópolis	15	5 a 8	6 min. 39 s.
1995	LA – F	Florianópolis	24	0 a 4	4 min. 35 s.
1995	L – M	Florianópolis	28	0 a 4	1 min. 38 s.
1995	LU – F	Florianópolis	28	0 a 4	4 min. 32 s.
1995	MA – F	Florianópolis	66	5 a 8	4 min. 28 s.
1995	ME – M	Florianópolis	27	5 a 8	1 min. 43 s.
1995	GE – F	Florianópolis	49	5 a 8	6 min. 15 s.
1995	JO – M	Florianópolis	27	5 a 8	2 min. 24 s.
1995	MA – M	Florianópolis	25	0 a 4	11 min. 3 s.
1995	M – F	Florianópolis	52	0 a 4	5 min. 13 s.
1995	OS –M	Florianópolis	64	0 a 4	3 min. 8 s.
1995	RO – F	Florianópolis	15	0 a 4	4 min. 22 s.
1995	AL – M	Florianópolis	56	0 a 4	7 min. 41 s.
1995	CA – M	Florianópolis	27	9 acima	3 min. 4 s.
1995	C – F	Florianópolis	47	5 a 8	5 min. 4 s.
1996	MA – F	Florianópolis	31	5 a 8	5 min. 29 s.
2000	OD – F	Florianópolis	83	0 a 4	8 min. 34 s.
2001	RE – M	Florianópolis	40	9 acima	3 min. 7 s.
2010	DÉ – F	Porto Alegre	22	9 acima	5 min. 49 s.
2010	DE – F	Florianópolis	43	5 a 8	5 min. 18 s.
2010	E – M	Florianópolis	37	9 acima	3 min. 32 s.
2010	F – F	Florianópolis	48	9 acima	10 min. 29s.
2010	G – M	Florianópolis	20	9 acima	7 min. 19 s.
2010	N – F	Florianópolis	69	0 a 4	6 min. 30 s.
2010	R – F	Porto Alegre	21	9 acima	8 min. 25 s.
2010	S – F	Florianópolis	17	9 acima	11 min. 21 s.
2010	T – F	Florianópolis	14	5 a 8	11 min. 47 s.

Os trechos das entrevistas nos quais se verifica a fala da informante (entrevistadora) foram recortados, com o auxílio do software Ocenaudio (versão 3.5.4), para a criação de arquivos distintos. Foram criadas planilhas em Excel para o registro das ocorrências com rótico em coda e com oclusivas dentais em ataque, candidatas aos processos em análise, para posterior codificação (ver 4.3 a seguir). Por fim, os dados foram submetidos ao programa *Rbrul* para a realização da regressão logística (ver 4.3 a seguir).

Nesta etapa da pesquisa foram obtidos 696 ocorrências de rótico em coda, sendo 57 excluídas por apresentarem contexto seguinte vocálico, como em *mar azul*, no qual se observa a produção categórica de tepe por ressilabação, conforme apontado no Capítulo 2 (seção 2.2). Já em relação às oclusivas dentais, foram obtidas 1.736 ocorrências. Nesse caso, nenhuma ocorrência foi excluída.

As variáveis que nortearam o estudo realizado são apresentadas a seguir.

4.3 AS VARIÁVEIS OPERACIONAIS

Esta seção divide-se em duas partes. A primeira apresentará as variáveis sociais e linguísticas referentes ao exame do rótico em coda, e a segunda apresentará as variáveis que guiarão o estudo acerca das oclusivas dentais.

4.3.1 /R/ em coda

4.3.1.1 Variável Dependente

Foi considerada como variável dependente a produção retroflexa em coda silábica, devido ao fato de ser essa variante a predominante na região de origem da informante e, portanto, possivelmente a predominante em sua variedade materna, conforme atesta Carreão (2018) sobre a localidade vizinha de Louveira-SP (Capítulo 3, seção 3.4.1.1). Prevê-se que as variantes em competição com a retroflexa, de acordo com a literatura variacionista sobre o tema (Capítulo 3, seção 3.4), sejam o apagamento,

como em faze[\emptyset] para *fazer*; o *tepe*, como em faze[r]; as fricativas velares ou glotais, como em faze[x]/fazer[h] *tudo* e faze[γ]/faze[h] *doce*.

Parte-se da hipótese de que a variante retroflexa praticamente desapareceu da fala da informante, convergindo com a variante *tepe*, a mais prestigiosa no grupo social do qual passou a fazer parte em seus anos de moradia em São Paulo-SP, onde cursou a universidade. É previsto que o contato com as variedades florianopolitana e porto-alegrense, nas quais a presença da retroflexão em coda é pouco expressiva, contribuíram para esse processo ao longo do tempo.

Como já mencionado no Capítulo 3, seção 3.4.1.2, a variante predominante de *r* em coda em Florianópolis-SC é a glotal, como em ['kahta] para *carta*, resultado apresentado por Monaretto (2010), Silva (2008) e Cardoso; Mota; Aguilera; Aragão; Isqueredo; Razky; Margotti (2014). Já em Porto Alegre, a variante predominante é o *tepe*, assim como apresentado por Botassini (2011), Monaretto (1997) e Cardoso; Mota; Aguilera; Aragão; Isqueredo; Razky; Margotti (2014), como, por exemplo, em ['karta].

4.3.1.2 Variável Independente Social

Ano da Gravação

Esta variável contribui para a observação da situação de mudança linguística em progresso na fala da informante. São fatores dessa variável os anos em que foram realizadas as entrevistas de experiência pessoal que forneceram as ocorrências para a composição da amostra final em análise, a saber, 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2010, como mostra o Quadro 4 a seguir, onde é especificado o número de entrevistas realizadas em cada ano pela informante e o número de ocorrências de /R/ em coda coletado por ano.

Quadro 4 – Ano de Gravação: número de entrevistas realizadas e de ocorrências do /R/ em coda

Ano	Número de entrevistas realizadas	Número de ocorrências de /R/ em coda
1994	3	83
1995	17	339
1996	1	22
2000	1	13
2001	1	4
2010	9	235

Fonte: A autora (2019)

O que se observa no Quadro 4 é que, em determinados anos, o número de entrevistas foi maior em comparação a outros, bem como o número de ocorrências de *r* em coda. No ano de 1994, três entrevistas foram realizadas, e dessas foram registradas 83 ocorrências de *r* em coda. Em 1995, o número de entrevistas subiu para 17, e conseqüentemente, o número de ocorrências, totalizando 339. Em 1996 foi realizada apenas uma entrevista, resultando em 22 ocorrências. Em 2000 também foi realizada apenas uma entrevista, totalizando 13 ocorrências de *r* em coda e, em 2001, ano em que foi realizada também uma entrevista, apenas 4 ocorrências foram encontradas. Em 2010, o número de entrevistas subiu para 9, totalizando 235 ocorrências. Desse modo, a amostra referente à descrição do rótico em coda conta com um total de 696 ocorrências.

Acredita-se que a variante retroflexa apresentará taxas decrescentes de produção na fala da informante de 1994 a 2010 devido ao contato com a variedade paulista, na qual o tepe é a variante predominante em coda, com a variedade florianopolitana, na qual predomina a fricativa glotal, e com a variedade porto-alegrense, na qual, assim como em São Paulo-SP, o tepe é predominante em coda.

Escolaridade do interlocutor

Retomando a afirmação de Giles; Coupland; Coupland (1991), apresentada no Capítulo 3 (seção 3.2), de que quão maior a necessidade de aprovação do orador por

parte de outras pessoas, maior o grau de convergência, acredita-se que a produção da variante retroflexa pela informante em análise, que desempenha o papel de entrevistadora nas gravações que serviram de fonte para a composição das amostras de fala examinadas, pode ter sido influenciada pela escolaridade dos entrevistados. Sendo assim, são esperadas taxas mais baixas de retroflexão em coda quando a interlocução se deu com entrevistados mais escolarizados.

Para o exame dessa hipótese, a variável foi subdividida em três fatores: *0 a 4 anos* (11 entrevistados); *5 a 8 anos* (10 entrevistados); *9 anos ou mais* (11 entrevistados).

4.3.1.3 Variáveis Independentes Linguísticas

Contexto Linguístico Precedente

Uma vez que o fenômeno em análise é a produção do rótico em coda silábica, a variável Contexto Precedente é composta somente por vogais. Para a análise, a variável contexto precedente foi dividida nos seguintes segmentos:

[i] – irmãos, partir

[e] – perder, terminar

[ɛ] – aberta, Guilherme

[a] – parte, argentino

[ɔ] – maiorzinho, esporte

[o] – portuguesa, gorda

[u] – turma, curso

A hipótese levantada acerca dessa variável é a de que a informante tende a produzir com maior frequência a variante retroflexa nos casos de vogal [-alto, +baixo]

no contexto precedente, como em *ref[ɔ]rma* e *p[ɛ]rto*, assim como apontado por Oushiro (2015), e vogal central, como apresentado por Carreão (2018).

Contexto Linguístico Seguinte

Assim como já mencionado na seção 4.2, o rótico seguido de vogal sempre será tepe; logo, compõem esta variável segmentos consonantais, em contexto imediato ao rótico ou não, e também a ausência de material fônico. Os fatores propostos são:

[b] – mar brincando, sentir bem	[z] – barzinho, catorze
[k] – porque, barco	[v] – serviço, reservado
[t] – certo, importa	[ʒ] – surgiu, cirurgia
[m] – normal, armação	[s] – personagem, terço
[n] – internada, inverno	[tʃ] – parte, curtir
[g] – perguntar, larga	[dʒ] – tarde, gordinho
[d] – perdeu, verdade	[ts] – artista, esporte
[f] – surfa, por fora	[p] – corpo, vir pra

Em relação ao contexto seguinte, tem-se como hipótese que a retroflexão ocorre preferencialmente diante de consoante [+coronal], como em *per[t]o*, *ter[s]eiro*, *por [s]ima*, *abrir [t]rês*, com base nos estudos feitos acerca da variante retroflexa por Oushiro (2015) e Carreão (2018). O autor ainda constatou que o fator pausa também propicia a retroflexão (CARREÃO, 2018).

Classe de Palavra

Como citado no Capítulo 3, seção 3.4.1.1, de acordo com Carreão (2018), a retroflexão do rótico está mais presente em verbos (morfema infinitivo) e em advérbios. Sendo assim, a inclusão da variável Classe de Palavra neste estudo tem por objetivo investigar essa tendência. Os fatores que compõem a variável são:

- a) nome - vergonha, mulher
- b) verbo - guardar, marcou
- c) clíticos - por

Tonicidade

A tonicidade da sílaba em que ocorre *o r* pode exercer papel na produção da variante retroflexa, conforme apontou Oushiro (2015) e Carreão (2018), de acordo com os quais as sílabas tônicas favoreceram essa produção. Desse modo, os fatores analisados na presente pesquisa para esta variável são:

- a) átona - sertaneja, irmãs
- b) tônica - forte, humor

Posição da Sílaba na Palavra

Assim como na variável anterior, a inclusão dessa variável deu-se com base em trabalhos já realizados acerca da produção do rótico em coda silábica. Segundo Carreão (2018) e Oushiro (2015), há maior retroflexão quando a vibrante se encontra em final de palavra. Em Carreão (2018), as ocorrências que apresentaram apagamento foram desconsideradas, pois eram todas verbos. Sendo assim, os fatores em análise são:

- a) coda medial - tarde, serviço
- b) coda final - morar, câncer

4.3.2 /t,d/ em ataque

4.3.2.1 Variável Dependente

Como apresentado previamente no Capítulo 2 (seção 2.4.2.1), a realização dental das oclusivas é uma marca da fala do interior paulista. Sendo assim, foi tomada como variável dependente neste estudo a produção dental ([t, d]) das oclusivas em ataque. São consideradas variantes a produção africada *palato-alveolar* ([tʃia, dzia]), africada *alveolar* ([tsia, dzia]) e *oclusiva palatalizada* ([tʃia, dʃia]).

4.3.2.2 Variáveis Independentes Sociais

Esta variável contribui para a observação da situação de mudança linguística em progresso na fala da informante. Até então foram coletados dados dos anos de 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2010, como mostra o Quadro 5 a seguir, com relação ao número de ocorrências:

Quadro 5 - Ano de Gravação: número de entrevistas realizadas e de ocorrências de /t,d/ em ataque

Ano	Número de entrevistas realizadas	Número de ocorrências de /t,d/ em ataque
1994	3	164
1995	17	777
1996	1	21
2000	1	59
2001	1	27
2010	9	688

Fonte: a autora (2019)

O que se observa no Quadro 5 é que, assim como no Quadro 4, o número de ocorrências depende do número de entrevistas que foram realizadas, ou seja, quanto mais entrevistas, maior o número de ocorrências de oclusivas dentais na fala da informante. No ano de 1994, foram realizadas três entrevistas, e dessas foram registradas 164 ocorrências de oclusivas dentais em ataque. Em 1995 foram realizadas 17 entrevistas, e o número de ocorrências de oclusivas dentais foi 777. Em 1996 foi realizada apenas uma entrevista, resultando em 21 ocorrências. Em 2000 também foi realizada apenas uma entrevista, totalizando 59 ocorrências de oclusivas dentais, e em 2001, ano em que foi realizada também uma entrevista, foram registradas 27 ocorrências. Em 2010, o número de entrevistas subiu para 9, totalizando 688 ocorrências. O total de ocorrências obtidas de 1994 a 2010 foi de 1.736.

Parte-se da hipótese de que, ao longo de 16 anos, a variante dental tornou-se pouco expressiva na fala da informante, com taxas mais altas durante o período de contato com a variedade florianopolitana e mais baixas após o início de contato mais intenso com a variedade porto-alegrense.

Escolaridade

Assim como no caso do *r* em coda, acredita-se também que a escolaridade do entrevistado possa ter influenciado a fala da informante. Conforme Siegel (2010), o controle da fala quando a interlocução se dá com indivíduos mais escolarizados pode ter como efeito a redução de divergências entre variedades.

Sendo assim, espera-se que a informante tenha produzido com menos frequência a variante dental quando a interlocução se deu com entrevistados com maior nível de escolaridade.

4.3.2.3 Variáveis Independentes Linguísticas

Sonoridade da Consoante Alvo

Para identificar, primeiramente, as oclusivas dentais, tomamos por base a variável sonoridade, pois, segundo Pagotto (2001), as consoantes [+voz] em Florianópolis-SC apresentam maior tendência a serem produzidas com oclusivas dentais. No estudo de Carreão (2018) acerca do falar louveirense, o fator [+voz] também se mostrou como mais propiciador à produção da oclusiva dental. Os dois fatores presentes nesta variável são:

a) [+voz] – [d]ia

b) [-voz] – [t]ia

Contexto Linguístico Precedente

A fim de identificar a influência do segmento que antecede a variável em estudo no processo de variação, foram considerados os seguintes fatores na codificação:

[s] - assiste

[ẽ] – sentido

[z] - fez direito

[ĩ] – vinte

[aũ] - não tinha

[õ] – onde

[eĩ] – pretende

[ɛ] – sete

[aw] - Cláudia

[oj] – noite

[e] – de dinheiro

[ã] – durante

[i] – convite

[a] – vontade	Pausa / Ausência de Contexto Linguístico Precedente
[o] – motivo	Ah (pausa) tipo Dizem
[ɔ] – pode	
[u] – mude	
[r] – curte	

A hipótese acerca dessa variável é de que contextos consonantais e vocálicos favorecem a produção da oclusiva dental com exceção do /s/ (ALBANO, 1999; PAGOTTO, 2001). Conforme Carreão (2018), *pausa* ou *ausência* de contexto precedente é relevante à produção dessa variante.

Contexto Linguístico Seguinte à Vogal

Com base em estudos acerca da realização das oclusivas alveolares, a variável *Contexto Linguístico Seguinte à Vogal* mostrou-se relevante, podendo influenciar na produção das oclusivas em posição de ataque. Seguem abaixo os fatores que compõem essa variável:

[p] – de política, te procurar	[tʃ] – bastante tipo
[b] – vestibular, de bruxa	[ɲ] – tinha , dinheiro
[m] – diminuiu , divertimento	[k] – prática , de casa
[f] – de fora , pretende fazer	[g] – de graça , antigamente

[v] – tiveram, divertir	[x] - amizade rápido
[t] – acredita, título	[ã] – de andar, adianta
[d] – de dar, entidade	[e] – de estudo, de etiqueta
[n] – de novo, argentino	[ɛ] – antigamente era, gente é
[s] – disso, espiritismo	[a] – te atraí, sentia
[z] – dizem, batizou	[o] – de olhar, de ônibus
[l] – estilo, de luto	[u] – de uma, pediu
[ʒ] – de gente, de jogar	[q] – ausência de contexto seguinte.
[dʒ] – impede de, te diz	

Sobre essa variável, espera-se que a informante tenda a produzir oclusivas dentais quando estas forem seguidas por palatais e alveolares (PAGOTTO, 2001).

Status da Vogal

Para Carreão (2018), esta variável mostrou-se relevante, pois vogais de status fonético tendem a propiciar a produção da oclusiva dental, e vogais de status fonológico, a africacão. Os fatores que a compõem são:

- a) Fonético – leit[i] para leit/e/
- b) Fonológico – t[i]nha para t/i/nha

Posição da Sílabla na Palavra

Para Pagotto (2001), a produção da oclusiva dental ocorreu com maior frequência em posição final da palavra. Porém, no estudo de Carreão (2018), a posição inicial propiciou essa variante. São fatores da variável:

- a) Inicial – **tipo**
- b) Medial – **pedido**
- c) Final – **parte**

Tonicidade

Sendo uma variável relevante à produção da oclusiva dental nos estudos nas localidades em que a informante residiu, a selecionamos a fim de verificar se a tonicidade propicia a produção da dental nessa pesquisa. Para Carreão (2018), a produção da oclusiva dental ocorre com maior frequência em sílaba tônica. Já os estudos de Albano (1999) e Pagotto (2001) mostram que oclusivas dentais ocorrem com mais frequência em sílabas átonas. Os fatores que compõem essa variável são:

- a) Átona (ex.: curte, participar);
- b) Tônica (ex.: partir, decidiu).

A hipótese acerca dessa variável é a de que a informante produza a oclusiva dental com maior frequência em palavras na qual a oclusiva se encontra em sílaba átona.

Classe de Palavra

Assim como a tonicidade, a variável Classe de Palavra mostrou-se relevante em estudos acerca das oclusivas alveolares em posição de ataque. Para Carreão (2018), a produção da oclusiva dental é mais frequente em preposições, como *desde* e *ante*, e em numerais, como *vinte* e *sétimo*. Já para Pagotto (2001), a produção da dental ocorreu com mais frequência em advérbios, como *bastante*. Caracterizamos essa variável por três fatores:

- a) Nome e advérbio (ex.: divertimento, dia);
- b) Verbo (ex.: sentir, diz);
- c) Clítico (ex.: te, de).

4.4 INSTRUMENTOS

Para que fosse possível codificar as ocorrências identificadas, foi necessário, primeiramente, fazer o recorte dos trechos de áudio de interesse, ou seja, as falas da informante que desempenhava o papel de entrevistadora nas gravações das entrevistas de experiência pessoal pertencentes ao banco Varsul, conforme especificado na seção 4.2 deste capítulo. Para isso, fez-se uso do software Ocenaudio, versão 3.5.4, 64 bits.

Depois de salvos os arquivos com os recortes da fala da informante, fez-se a codificação dos fatores de cada variável mencionados anteriormente na Seção 4.3.2 deste capítulo. Para a codificação foi criada uma tabela em Excel²² para o rótico em coda e outra para /t,d/ em ataque, contendo todas as variáveis sociais e linguísticas e seus fatores.

Após a codificação, os arquivos em Excel foram submetidos ao tratamento estatístico oferecido pelo programa Rbrul (versão 3.0.1), que analisa dados linguísticos na plataforma R²³. Segundo Johnson, o Rbrul, uma das ferramentas disponíveis para análise de dados em Sociolinguística, é utilizado para avaliar, quantitativamente, a influência dos fatores na aplicação da regra. Isso quer dizer que o programa avalia os efeitos de múltiplos fatores em uma escolha linguística binária – a presença ou ausência de um elemento, ou qualquer fenômeno tratado como uma alternância entre duas variantes (JOHNSON, 2009).

Primeiramente, foi selecionado o campo *load/save data* que permite carregar o arquivo de Excel com a codificação realizada. Depois, através do comando *adjust data*, foram realizados os amálgamas de fatores que não se mostraram estatisticamente diferentes para análise. Para tanto, foi selecionado o campo *recode* para a reunião de fatores em um único. Nesse processo, reuniram-se fatores linguisticamente semelhantes, assim como proposto por Guy e Zilles (2007).

Feita a recodificação, retornamos ao menu principal e selecionamos o campo *modeling* para executar a análise de regressão. Primeiramente, escolheu-se a variável dependente binária, opondo, para a variável rótico em coda, o fator *retroflexa* aos

²² Microsoft Office Excel, 2010.

²³ R “é um conjunto de instalações de programas para manipulação de dados, cálculo e exibição gráfica” (VENABLES; SMITH, 2019, p. 2).

fatores *tepe* e *apagamento* e, para /t,d/ em ataque, o fator *dental* aos fatores *palato-alveolar*, *africada dental* e *oclusiva palatalizada*.

Após estabelecer a variável dependente, foram selecionados os preditores, isto é, as variáveis independentes para a execução do cálculo de regressão logística. Neste modelo de regressão, verifica-se o efeito das variáveis independentes para a variável dependente, bem como a identificação de quais variáveis independentes são significativas para o uso da variante em estudo, neste caso, o *r* retroflexo em coda e as oclusivas dentais em ataque.

Para a realização da rodada, foi selecionada a opção *step-up*, que verifica a significância dos preditores. Esse processo é utilizado para a identificação da hierarquia dos grupos de fatores, por ordem de significância (GUY e ZILLES, 2007). Durante esse processo, que se dá em níveis, nos quais os grupos de fatores entram em iterações cumulativas, os preditores que tiveram maior efeito nos resultados são informados inicialmente. O processo é repetido até que variáveis não significativas não possam ser adicionadas.

O resultado desse processo, expresso nas chamadas *rodadas estatísticas*, informa o peso relativo de cada fator, de 0 a 1, sendo 0,5 o ponto neutro. Se o valor está acima de 0,5, o fator favorece a aplicação da variante em estudo. Se o valor está abaixo de 0,5, a aplicação do fator em estudo não é favorecida para a variável dependente. Além do peso relativo, deve-se levar em consideração os valores de *logodds*, que devem ser positivos para a aplicação da regra; dos *graus de liberdade*, que se referem ao número de parâmetros; de *p* (*centered input probability*), que apresenta a média dos valores previstos para cada célula; de *R2*, que representa a proporção de variação sendo que a regressão é validada com valores mais próximos ou iguais a 1e, por fim, do valor médio de aplicação da variável.

Sumariando, neste capítulo foram apresentadas a amostra em exame, o instrumento utilizado para a análise estatística das ocorrências coletadas e as variáveis operacionais para análise. Os Quadros 6, 7, 8 e 9 a seguir apresentam as variáveis independentes que serão examinadas para cada variável dependente e as hipóteses relacionadas:

Quadro 6 - Variáveis Independentes Sociais - Retroflexa em Coda

Variáveis Independentes Sociais	Hipótese
Ano	A variante retroflexa apresentará taxas decrescentes de produção na fala da informante de 1994 a 2010 devido ao contato com as variedades paulista, florianopolitana e porto-alegrense, nas quais a retroflexa não é predominante em coda.
Escolaridade	Taxas mais baixas de retroflexão em coda quando a entrevista se deu com interlocutores mais escolarizados.

Fonte: A autora (2020)

Quadro 7 - Variáveis Independentes Linguísticas - Retroflexa em Coda

Variáveis Independentes Linguísticas	Hipótese
Contexto Linguístico Precedente	Após vogal [-alto, +baixo] e vogal central
Contexto Linguístico Seguinte	Diante de consoante [+coronal] e de pausa ou ausência de contexto seguinte
Classe de Palavra	Verbos no infinitivo
Tonicidade	Sílaba tônica
Posição da Sílabla na Palavra	Posição final de palavra

Fonte: A autora (2020)

Quadro 8 - Variáveis Independentes Sociais - Dental em Ataque

Variáveis Independentes Sociais	Hipótese
Ano	Acredita-se que a variante dental apresentou variação na fala da informante ao longo de 16 anos, com taxas mais altas durante o período de contato com a variedade florianopolitana e taxas mais baixas com o contato com a variedade porto-alegrense.
Escolaridade	Taxas mais baixas da variante dental quando a entrevista se deu com interlocutores mais escolarizados.

Fonte: A autora (2020)

Quadro 9 - Variáveis Independentes Linguísticas - Dental em Ataque

Variáveis Independentes Linguísticas	Hipótese
Sonoridade	Consoantes [+voz]
Contexto Linguístico Precedente	Após pausa, consoantes e vogais com exceção de /s/
Contexto Linguístico Seguinte	Diante de palatais e alveolares
Status da Vogal	Status fonético
Posição da Sílabas na Palavra	Em posição inicial e final de palavra
Tonicidade	Sílabas átonas
Classe de Palavra	Preposições e advérbios

Fonte: A autora (2020)

No capítulo a seguir, serão apresentados e analisados os resultados referentes ao rótico em coda e às oclusivas /t,d/ em posição de ataque obtidos a partir das rodadas estatísticas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados referentes à produção da variante retroflexa em coda em 5.1 e, em seguida, os resultados referentes à realização das oclusivas dentais em posição de ataque em 5.2.

Como citado no capítulo anterior, o instrumento estatístico utilizado para a obtenção dos resultados foi o *Rbrul* (versão 3.6.0), a partir de sua função *step-up*, para a identificação dos fatores estatisticamente relevantes às realizações de cada variante.

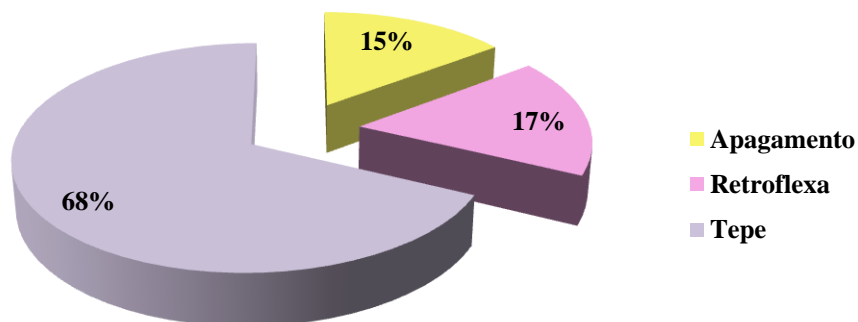
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: O RÓTICO EM CODA

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos de acordo com as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes para a produção da variante retroflexa pela informante. Primeiramente, será apresentada a frequência global de cada variante encontrada na amostra considerando todo o período coberto, a saber, 1994, primeiro ano de residência da informante em Florianópolis-SC; 1995 e 1996, anos em que a informante teve constante contato com a variedade florianopolitana; 2000 e 2001, anos em que a informante residia em Florianópolis-SC, mas já frequentava Porto Alegre-RS; e 2010, ano no qual a informante já residia em Porto Alegre. Após, são apresentados os resultados obtidos para cada variável apontada pelo *Rbrul* como estatisticamente relevante.

5.1.1 Frequência global

A obtenção da frequência de aplicação das variantes do rótico em coda deu-se por meio de um comando do *Rbrul* conhecido por *crosstab* para a realização de uma tabulação cruzada envolvendo a *variável dependente*. Dos 205 minutos de fala gravada das 32 entrevistas foram levantadas 696 ocorrências de *r* em posição de coda silábica. A seguir, apresenta-se a frequência global de cada variante do rótico em coda no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Frequência Global: variantes do rótico em coda



Fonte: A autora (2019)

O que se observa no Gráfico 1 é que a variante tepe foi a mais frequente na fala da informante, com 68% das 696 ocorrências de rótico em coda, como, por exemplo, em ['por], seguida da variante retroflexa, com 17%, como em ['suʃfa] e, por fim, do apagamento, com apenas 15% de aplicação total, como em [puØ'ke].

Assim como apresentado no Capítulo 4, a fala em análise é de uma informante natural de Jundiaí, interior do estado de São Paulo, local onde a retroflexa é considerada a variante predominante do *r* em coda. O que o Gráfico 1 apresenta, corrobora, em parte, a hipótese dessa pesquisa de acordo com a qual se espera que a informante diminua a produção da retroflexa devido ao contato com as variedades paulista, que possui o tepe como variante predominante, a florianopolitana, que possui a fricativa glotal como predominante, e a porto-alegrense, que assim como a variedade paulista, possui o tepe como mais frequente na coda silábica.

Embora o tepe tenha sido a variante predominante na amostra, interessa neste estudo investigar o condicionamento da variante materna da informante, isto é, da retroflexa, e sua produção ao longo dos anos. Para tanto, considerando que o Rbrul realiza iterações a partir de uma variável dependente binária, as variantes apagamento e tepe foram amalgamadas, de forma que as variantes em competição passaram a ser retroflexa x apagamento + tepe. Nesta rodada consideramos apenas as ocorrências de

1994, 1995 e 2010, pois, como será mostrado na seção seguinte, nos anos de 1996, 2000 e 2001 não houve produção da retroflexa na fala da informante.

5.1.2 Variáveis selecionadas

Apresentam-se, nesta seção, as variáveis consideradas para a análise do tipo *step-up* performada pelo Rbrul quanto ao rótico em coda. Todas as variáveis independentes foram consideradas na rodada, com seleção daquelas com mais efeito na produção da retroflexa. Das variáveis apresentadas no Capítulo 4, somente não foram selecionadas as seguintes:

- Classe de Palavra;
- Posição da sílaba na palavra.

As variáveis, portanto, que se mostraram relevantes à retroflexão foram, por ordem de seleção, a partir da mais relevante:

- Ano;
- Contexto Precedente;
- Contexto Seguinte;
- Tonicidade.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos na rodada de acordo com cada variável.

5.1.2.1 Ano

Na rodada em questão, *ano* foi selecionada como estatisticamente relevante. Apresentamos na tabela a seguir a frequência de aplicação da variante retroflexa de acordo com cada ano em análise, ou seja, em 1994 e 1995, anos recentes à mudança da

informante para Florianópolis²⁴, e 2010, ano em que o informante já possuía residência fixa em Porto Alegre. Nesta rodada, os anos 1996, 2000 e 2001 foram excluídos devido à ausência de ocorrências de retroflexa em coda.

Tabela 1- Produção da retroflexa: Ano

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
1994 e 1995	47/422	11,1%	0,325	-0,732
2010	73/235	31,1%	0,675	0,732

Graus de Liberdade: 9 p: 0,098 R2: 0,259 Média: 0,183

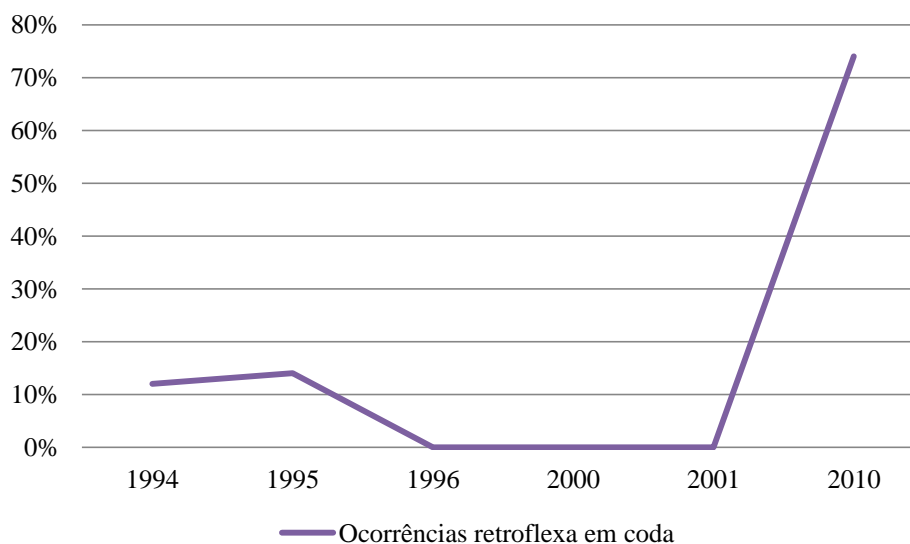
Como se pode observar, a maior frequência de aplicação da retroflexa foi em 2010, com peso relativo referente a 0,675 e *log-odds* 0,732. Em 1994 e 1995, houve a aplicação da retroflexa com peso relativo 0,325 e *log-odds* -0,732, desfavoráveis à aplicação, portanto.

A hipótese para essa variável, com base em Siegel (2010), que constata convergência entre variedades devido à aprovação esperada pelo falante de seus interlocutores, era de que a produção da retroflexa fosse diminuir ao longo dos anos devido não ser uma variante presente nas variedades florianopolitana e porto-alegrense. De acordo com os resultados obtidos na rodada, a informante apresenta baixa produção da retroflexa, sua variante materna, nos anos de contato com a variedade florianopolitana (1994 e 1995), motivada, muito provavelmente, pelo período de residência em São Paulo capital, local em que a variante retroflexa é associada às classes mais baixas da cidade, assim como mencionado no Capítulo 3.

Considerando-se o resultado geral expresso na Tabela 1, no entanto, a hipótese não se confirmou, pois a retroflexa se mostrou com taxas comparativamente mais altas em 2010. A fim de explorar melhor esse resultado, o Gráfico 2 a seguir apresenta a produção da retroflexa na fala da informante em cada ano coberto pela amostra.

²⁴ Amalgamamos os fatores 1994 e 1995 devido ao número baixo de ocorrências.

Gráfico 2 – Percentagem da Retroflexa em Coda por Ano



Fonte: A autora (2019)

O que se observa no gráfico acima é que a informante produzia a retroflexa nos anos de 1994 e 1995, anos de recente mudança de São Paulo-SP para Florianópolis-SC, mas com uma frequência menor do que em 2010, ano em que a informante já residia em Porto Alegre. Em 1994 a frequência de produção da retroflexa foi de 12%, em 1995 resultou em 14% e, em 2010, 74%. Mais especificamente, em 1994 a informante produziu 22 vezes a variante retroflexa em um total de 83 ocorrências de *r* em coda ; em 1995 produziu 25 vezes de 339 no total; em 1996 não houve produção da variante retroflexa de um total de 22 ocorrências; em 2000, de 13 ocorrências de *r* em coda não houve produção da variante retroflexa; em 2001 também não houve produção de retroflexa nas 4 ocorrências; em 2010 houve 120 ocorrências de retroflexa de 696 no total.

Em relação ao tempo de fala da informante referente a cada ano, as entrevistas de 1994 totalizaram 31 minutos, as de 1995, 80 minutos, as de 1996, 5 minutos, as de 2000, 8 minutos, as de 2001, 3 minutos e as de 2010, 66 minutos. Pode-se relacionar o número de ocorrências da retroflexa ao tempo das entrevistas, pois quão maior o tempo de gravação, maiores as chances de ocorrência. Entende-se que devido à duração das gravações em 1996, 2000 e 2001 não foi possível o levantamento de ocorrências.

Uma explicação para o resultado apresentado no Gráfico 1 pode ter relação com o que Siegel (2010) aponta, a saber, em situações de contato dialetal, pode haver

convergência entre as variantes, isto é, adaptação para a nova variedade; pode haver divergência, preferindo o falante manter sua variedade materna para diferenciar-se da outra variedade; ou pode haver a preservação da variedade materna.

No caso em questão, a informante pode ter adaptado sua fala à variedade da região de residência, devido à associação da retroflexa às classes mais baixas na capital paulista e ao interiorano, comprovando que houve convergência entre as variantes. De 1994 a 2001 a informante residia em Florianópolis, e nesse período continuou a produzir tepe, por ser uma mudança recente da cidade de São Paulo. Em 2010, já residente em Porto Alegre, a informante passou a produzir com maior frequência a sua variante materna, comprovando que a informante preserva ainda sua variedade materna. Pode-se constatar que a retroflexa não desapareceu da fala da informante, um resultado que surpreende visto que a retroflexa não é comum em Porto Alegre e parece não estar relacionada às classes mais baixas e/ou à fala do interiorano.

A fim de verificar se a escolaridade do interlocutor tem relação com a produção ou não da retroflexa, fez-se uma segunda rodada excluindo a variável *ano* e incluindo a variável extralinguística *escolaridade*, já que se verificou ausência de ocorrências produzidas em alguns anos, o que provavelmente ocasionou interferência de uma variável em outra. Assim como apresentado na metodologia, a variável apresenta três fatores: 0 a 4 anos; 5 a 8 anos e 9 anos ou mais.

Nessa segunda rodada a variável mostrou-se relevante como se apresenta na Tabela 5 a seguir:

Tabela 2 – Produção da Retroflexa: Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
0 a 4 anos	22/188	11,7%	0,413	-0,350
5 a 8 anos	18/177	10,2%	0,395	-0,428
acima de 9 anos	80/292	27,4%	0,685	0,778

Graus de Liberdade: 9 p: 0,098 R2: 0,259 Média: 0,183

O fator mais propiciador à retroflexão foi encontrado quando a interlocução da informante se deu com indivíduos com 9 anos ou mais de escolarização, com 27,4% de frequência, peso relativo igual a 0,685 e *log-odds* de 0,778. Os outros fatores não se mostraram relevantes à retroflexão, pois os pesos relativos são inferiores ao valor de referência 0,5.

A hipótese que se tinha para essa variável era a de que a produção da retroflexa fosse ocorrer com maior frequência em entrevistas com indivíduos menos escolarizados. Os resultados apresentados não corroboraram a hipótese, pois a informante produziu com maior frequência a retroflexa em entrevistas com interlocutores mais escolarizados, como é possível observar nos resultados constantes na Tabela 2. A explicação para esse resultado pode ter relação com o fato de que, em 2010, ano de maior produção da retroflexa, houve um maior número de entrevistas com indivíduos mais escolarizados. De nove entrevistas realizadas neste ano, sete foram compostas por participantes com escolaridade acima de 9 anos.

5.1.2.2 Contexto Precedente

A primeira variável linguística selecionada como variável relevante à produção da retroflexa foi *contexto precedente*. Os fatores codificados para essa variável foram as vogais [+alto], ou seja, [i] (irmão) e [u] (curte); vogais [-alto, -baixo], [e] (internacional) e [o] (engordar); e vogais [-alto, +baixo], [a] (mar), [ɛ] (perto) e [ɔ] (esporte). Seguem na Tabela 3 os resultados obtidos em relação a essa variável:

Tabela 3 – Produção de Retroflexa: Contexto Linguístico Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
vogal [+alto]	54/211	25,6%	0,632	0,541
vogal [- alto, - baixo]	51/282	18,1%	0,553	0,211
vogal [- alto, + baixo]	15/164	9,1%	0,320	-0,753
Graus de Liberdade: 9 p: 0,098 R2: 0,259 Média: 0,183				

Como se pode observar na Tabela 3, a retroflexão da vibrante em coda apresenta taxa mais alta após vogal [+alto], ou seja, após [i, u], com uma frequência de 25,6%, com um peso relativo igual a 0,632 e *log-odds* de 0,541. Já em relação ao fator vogal [-alto, -baixo], a frequência foi de 18,1%, com peso relativo de 0,553 e *log-odds* de 0,211. O fator que não se mostrou relevante à retroflexão nessa rodada foi vogal [-alto, +baixo] que teve 9,% de frequência, peso relativo igual a 0,32 e *log-odds* de -0,753.

A hipótese para essa variável é de que o contexto precedente composto por vogal [-alto, +baixo] fosse propiciador à produção da retroflexa assim como apresentado por Oushiro (2015) e Carreão (2018), porém o resultado da rodada não corroborou a hipótese, mostrando que o fator vogal [+alto] e, em segundo lugar, [-alto, -baixo] propiciam a retroflexão, ou seja, as vogais [-baixo].

A explicação para esse resultado pode se dar articulatoriamente, pois, para produzir a retroflexa, assim como apresentado no Capítulo 2, seção 2.2, a ponta da língua encurva-se em direção ao palato duro, com a concomitante obstrução das cavidades nasais pela úvula, e para a produção de vogais [+alto] há o levantamento do corpo da língua em direção ao palato duro. A partir desse resultado, pode-se levantar a hipótese de que a produção retroflexa da informante tende a ser um tepe, e não uma aproximante, o que só poderia ser comprovado por meio de uma análise acústica.

5.1.2.3 Contexto Seguinte

A segunda variável linguística apontada como relevante à produção da variante retroflexa foi *contexto seguinte*. Os fatores codificados nessa variável foram amalgamados de acordo com o seguinte critério: labial, composto por [b] (super bem), [m] (irmãos), [v] (serviço), [f] (surfa) e [p] (corpo); coronal, composto por [t] (certo), [n] (internada), [d] (perdeu), [s] (personagem), [z] (barzinho), [ts] (artista), [ʒ] (surgiu), [tʃ] (parte) e [dʒ] (tarde); dorsal, por [k] (porque) e [g] (perguntar). Há ainda o fator ausência de contexto seguinte, para os casos em que a coda é final. Na Tabela 3 apresentam-se os resultados obtidos na rodada em relação ao contexto seguinte ao *r* em coda.

Tabela 4 – Produção de Retroflexa: Contexto Linguístico Seguinte

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Labial	31/127	24,4%	0,731	1,000
Coronal	51/321	15,9%	0,675	0,733
Dorsal	37/173	21,4%	0,652	0,626
Ausência	1/36	2,8%	0,086	-2,358

Graus de Liberdade: 9 p: 0,098 R2: 0,259 Média: 0,183

Como é possível observar na Tabela 4, a maior taxa de peso relativo em relação ao contexto seguinte ao *r* em coda que propicia a retroflexão foi para o fator labial, com 0,731 e valor de *log-odds* de 1,000. O fator coronal foi o segundo maior propiciador à retroflexão, com 15,9% de frequência, peso relativo igual a 0,675 e *log-odds* de 0,733. Em terceiro lugar ficou o fator dorsal, com 21,4% de frequência, peso relativo 0,652 e *log-odds* com valor de 0,626. O fator ausência não se mostrou relevante à retroflexão, pois o peso relativo foi igual a 0,086.

Como apresentado por Oushiro (2015) e Carreão (2018), o contexto seguinte que se mostrou mais propiciador à retroflexão foi [coronal], o segundo peso relativo mais alto neste estudo, com taxa próxima a do fator dorsal, também favorecedor. A preferência pelo contexto seguinte labial pode estar relacionada ao tipo de ocorrência presente neste fator, especialmente em ocorrências como *irmão*, *senhor fez* e *senhor vai*.

Ainda para Carreão (2018), a ausência de contexto seguinte, especificamente na amostra controle, referente aos idosos de Louveira-SP, mostrou-se como propiciadora da variante retroflexa, resultado oposto ao obtido neste estudo, visto que esse fator mostrou-se desfavorecedor.

5.1.2.4 Tonicidade

A última variável selecionada como relevante à retroflexão foi *tonicidade*. Na Tabela 5 a seguir apresentam-se os resultados referentes a essa variável.

Tabela 5 - Produção da Retroflexa: Tonicidade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
tônica	67/323	20,7%	0,579	0,318
átona	53/334	15,9%	0,421	-0,318
Graus de Liberdade: 9 p: 0,098 R2: 0,259 Média: 0,183				

A retroflexão tende a ser mais frequente quando o *r* em coda se encontra em sílaba tônica, com uma frequência 20,7%, peso relativo igual a 0,579 e *log-odds* com valor de 0,318. Em sílaba *átona*, a produção da retroflexa não se mostrou relevante, pois o peso relativo foi igual ao valor de 0,421, com *log-odds* de -0,318.

Conforme apresentado por Oushiro (2015) e Carreão (2018), as retroflexas tendem a serem produzidas em sílaba tônica. Sendo assim, a hipótese deste estudo, baseada nos resultados apresentados por esses autores, confirmou-se, indicando que são as “sílabas produzidas com força articulatória e expiratória maior” (WEISS 1988, p.69) os contextos que favorecem a produção da variante retroflexa.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: OCLUSIVAS /t,d/ EM ATAQUE

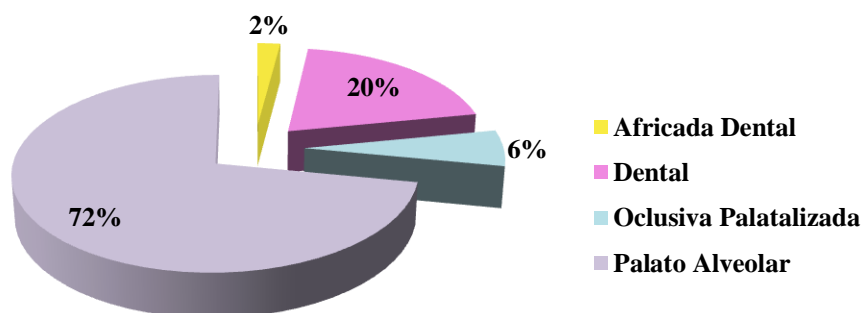
Nesta seção, apresentar-se-ão os resultados obtidos em relação às oclusivas alveolares, baseando-se nas variáveis selecionadas. Primeiramente, assim como nos resultados obtidos para o rótico em coda, será apresentado um gráfico com a porcentagem de ocorrências de cada variante nos anos de 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2010, seguido de uma apresentação detalhada, conforme a seleção estatística de variáveis indicada pelo Rbrul.

5.2.1 Frequência Global

Para obter-se a frequência de aplicação das variantes das oclusivas alveolares em ataque utilizamos o comando *crosstab*, no qual foi feita uma tabulação cruzada entre a variável independente *ano* e a *variável dependente*. Foram levantadas 1.736 ocorrências

das oclusivas alveolares em ataque. Pode-se observar a frequência por ano no gráfico a seguir:

Gráfico 3- Frequência Global: oclusivas alveolares em ataque



Fonte: A autora (2019)

Como se pode observar, a variante que teve maior frequência de produção foi a palato alveolar, resultando em 72%. Após, com 20%, a oclusiva dental foi a segunda produção mais frequente, seguidas por 6% de oclusiva palatalizada e 2% da africada dental.

Devido ao fato de a informante ser natural de Jundiaí, interior de São Paulo, local onde a oclusiva dental é considerada a variante predominante, assim como apresentado nos resultados de Carreão (2018), realizamos uma rodada opondo a oclusiva dental às outras três variantes (palato-alveolar, africada dental e oclusiva palatalizada).

Sendo assim, por meio do software Rbrul, realizamos a rodada de forma binária (dental x palato-alveolar + africada dental + oclusiva palatalizada) para observar quais variáveis condicionaram a produção da oclusiva dental.

5.2.2 Variáveis selecionadas

Na rodada realizada para verificar quais variáveis condicionam a produção da oclusiva dental, apenas a variável *posição da sílaba na palavra* não foi selecionada por não se mostrar estatisticamente relevante à produção da dental.

Na opção *step-up*, todos os preditores apresentados no Capítulo 4 foram incluídos e testados um de cada vez, sendo, ao final da rodada, indicados apenas aqueles que condicionam a produção da oclusiva dental. Portanto, as variáveis estatisticamente relevantes são:

- Ano;
- Sonoridade;
- Contexto Precedente;
- Contexto Seguinte;
- Status da Vogal;
- Tonicidade;
- Classe de Palavra.

A seguir apresentamos as variáveis que se mostraram relevantes à produção da oclusiva dental. Primeiramente, a variável extralinguística e depois, as variáveis linguísticas.

5.2.2.1 Ano

A variável extralinguística *ano*, dividida em seis fatores, 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2010, foi a primeira selecionada. Assim como dito anteriormente, em 1994 a informante fixou residência em Florianópolis, oriunda de São Paulo, capital. Já em 2010, possuía residência fixa em Porto Alegre.

Tabela 6 – Produção da dental: Ano

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
1994	84/164	51,2%	0,890	2,093
1995	182/777	23,4%	0,623	0,501
1996	7/21	33,3%	0,741	1,049
2000	6/59	10,2%	0,259	-1,052
2001	1/27	3,7%	0,155	-1,697
2010	65/688	9,4%	0,290	-0,894

Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

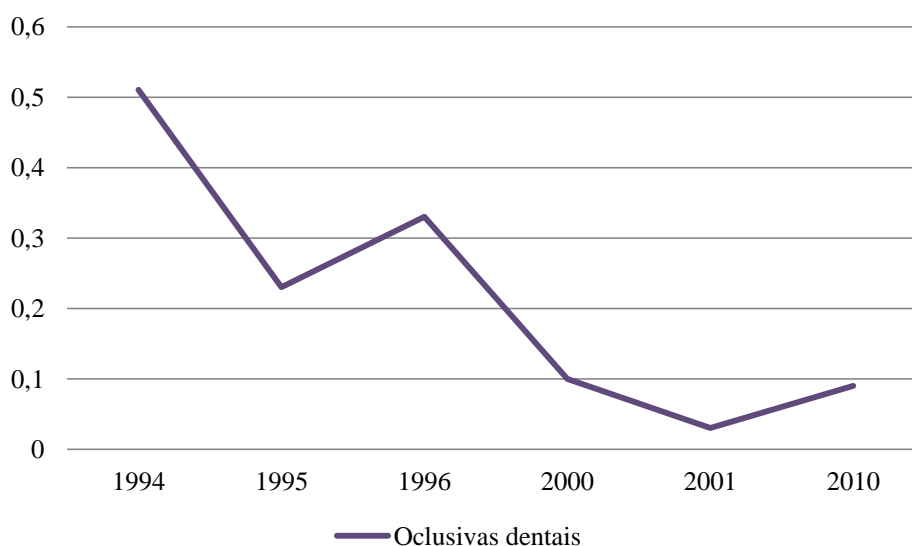
Em relação à variável *ano*, há maior produção da oclusiva dental no ano de 1994, com uma diferença significativa em comparação aos outros anos. A frequência da variante nesse ano foi de 51,2%, com peso relativo igual a 0,623 e *log-odds* de 2,093. O segundo fator que se mostrou relevante à produção da oclusiva dental foi 1996, com uma frequência de 33,3%, peso relativo igual a 0,741 e *log-odds* com valor de 1,049. O terceiro fator favorável foi 1995, com frequência de 23,4%, peso relativo com valor de 0,623 e *log-odds* de 0,501.

Os resultados apresentados indicam que a hipótese de que a produção da oclusiva dental fosse diminuir ao longo dos anos é confirmada. Isso pode ser explicado pelo fato de que a informante, provinda de uma localidade na qual a produção da oclusiva dental era uma marca local, mudou-se para São Paulo-SP, local onde a palatalização é a variante predominante. No ano de 1994 passou a residir em Florianópolis, localidade onde a produção de /t,d/ se aproximava à oclusiva dental, sendo a africada dental a variante predominante.

A partir de 2000, a produção da oclusiva dental passou a diminuir, podendo ser levado em consideração o fato de que não é um fenômeno presente na cidade de Porto Alegre, local onde a informante já residia nessa época. Conforme Battisti (2014), a palatalização é fortemente presente em Porto Alegre em comparação a outras cidades do estado do Rio Grande do Sul, e as variantes palatalizadas são prestigiadas.

No gráfico a seguir é possível observar a frequência da produção da dental ao longo dos anos:

Gráfico 4 - Percentagem da dental em ataque



Fonte: A autora (2019)

Como se observa no Gráfico 4, a frequência da produção da oclusiva dental diminuiu de 1994 para 1995 passando de 51% a 23%. Em 1996 a frequência aumentou para 33% e, em 2000, a frequência diminuiu para 10%. Em 2001, a percentagem caiu para 3% e, em 2010, houve um aumento para 9%. Especificamente, de 1994 a 1995, o número de ocorrências passou de 84 para 182. Em 1996, o número de ocorrências diminuiu, apenas 7, diminuindo também em 2000 para 6 ocorrências. Em 2001 houve apenas 1 ocorrência com produção da oclusiva dental e em 2010, 65 ocorrências.

Considerando que as entrevistas de 1994 totalizaram 32 minutos, as de 1995, 86 minutos, as de 1996, 5 minutos, as de 2000, 8 minutos, as de 2001, 3 minutos e as de 2010, 68 minutos, ressalta-se que, no caso das oclusivas, pode não haver relação entre tempo de gravação e número de ocorrências, pois não há correlação entre ambos.

5.2.2.2 Sonoridade

A primeira variável linguística selecionada foi *sonoridade*, composta pelos fatores [+voz], ou seja, [d], e [-voz], [t]. É possível observar os resultados referentes à essa variável na Tabela 7 a seguir:

Tabela 7 - Produção da dental: Sonoridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
[+voz]	268/936	28,6%	0,639	0,572
[-voz]	77/800	9,6%	0,361	-0,572

Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

Assim como se apresenta na Tabela 7, o fator [+voz] foi mais favorecedor à produção da oclusiva dental, com uma frequência de 28,6%, peso relativo igual a 0,639 e *log-odds* com valor de 0,572. O fator [-voz] não se mostrou relevante, pois o valor de peso relativo foi inferior à 0,5, sendo apenas 0,361, com frequência de 9,6% e *log-odds* negativo.

A hipótese inicial era de que o fator [+voz] mostrar-se-ia condicionador à produção da oclusiva dental com base nos resultados de Carreão (2018) acerca das oclusivas alveolares no interior de São Paulo. Conforme os resultados dessa rodada, a hipótese foi, portanto, corroborada.

5.2.2.3 Contexto Precedente

Como variável linguística, *contexto precedente* também se mostrou relevante à produção da oclusiva dental. Os fatores que compuseram essa variável foram *fricativa*, *vogal posterior*, *vogal anterior*, *líquida vibrante* e *pausa*. Os resultados estão apresentados na tabela a seguir:

Tabela 8 – Produção da dental: Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
Fricativa	35/99	35,4%	0,727	0,978
Pausa/ Ausência	21/70	30,0%	0,578	0,314
Vogal Labial	167/729	22,9%	0,575	0,303
Vogal Coronal	119/726	16,4%	0,444	-0,225
Líquida Vibrante	3/112	2,70%	0,203	-1,369
Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199				

De acordo com os resultados, fricativas como [s] e [z] antes de oclusivas, como em *castigo* e *luz de*, foram as que mais influenciaram na produção de oclusivas dentais, com frequência de 35,4%, peso relativo igual a 0,727 e *log-odds* com valor de 0,978. O segundo fator que se mostrou relevante à produção da oclusiva dental foi *pausa* ou *ausência de contexto precedente*, com frequência de 30%, peso relativo igual a 0,578 e *log-odds* de 0,314. *Vogal posterior* foi o terceiro fator propiciador à produção da oclusiva dental, com frequência de 22,9%, peso relativo igual a 0,575 e *log-odds* com valor igual a 0,303. Os fatores *vogal anterior* e *líquida vibrante* não se mostraram relevantes à produção da dental.

A hipótese que se tinha em relação à produção da dental era de que os contextos precedentes propiciadores envolvessem vogais e consoantes, exceto /s/, com base em Albano (1999), além da ausência de contexto precedente, com base em Pagotto (2001) e Carreão (2018).

Em parte, a hipótese foi corroborada, pois o fator *pausa* se mostrou relevante à produção da oclusiva dental em nossos resultados. Já o fator mais significativo, de acordo com esse resultado, consoante *fricativa*, apontado por Albano (1999) como condicionador da variante palatalizada em Jundiaí-SP, cidade onde nasceu a informante e viveu até a vida adulta, pode ser explicado pelo fato de que a informante entrou em contato com outras variedades do PB e, de certo modo, distanciou-se do processo de

mudança em curso na sua cidade de origem. A comprovação dessa possibilidade de explicação depende de estudos comparativos futuros entre a fala da informante e de indivíduos de sua mesma geração naturais e residentes em Jundiaí-SP.

5.2.2.4 Contexto Seguinte

Em relação ao contexto seguinte, os fatores selecionados na rodada foram *alveolar*, composto por [t], [d], [n], [r], [s], [z] e [l], *vogal posterior*, composto por [o], [u], [ã] e [a], *velar*, por [k], [g], [x], [ʒ], [dʒ], [tʃ] e [ŋ], *labial*, composto por [p], [b], [m], [f] e [v], *vogal anterior*, composto por [i], [e] e [ɛ], e *ausência de contexto seguinte*, quando não há segmentos seguintes à vogal. Os resultados obtidos na rodada em relação a essa variável se apresentam na Tabela 9 a seguir:

Tabela 9 – Produção da dental: Contexto Seguinte

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
Alveolar	171/525	32,6%	0,770	1,206
Vogal Posterior	45/211	21,3%	0,579	0,318
Velar	56/389	14,4%	0,491	-0,034
Labial	58/397	14,6%	0,411	-0,361
Vogal Anterior	7/65	10,8%	0,386	-0,463
Ausência	8/149	5,4%	0,340	-0,665

Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

O fator que mais influenciou a produção da oclusiva dental foi o *alveolar*, como em *disse*, com uma frequência de 32,6%, peso relativo igual a 0,770 e *log-odds* de 1,206. O segundo fator propiciador à produção da dental foi *vogal posterior*, como em *durante o*, com frequência de 21,3%, peso relativo com valor de 0,579 e *log-odds* igual a 0,318. Os outros fatores não se mostraram relevantes.

Nossa hipótese acerca dessa variável, com base em Pagotto (2001), era a de que o contexto seguinte à vogal composto por alveolares e palatais fosse relevante à produção da oclusiva dental. Sendo assim, a hipótese foi confirmada.

Conforme apresentado na Tabela 9, os resultados corroboraram a hipótese de que a produção da oclusiva dental tende a ocorrer quando seguida por um segmento alveolar.

5.2.2.5 Status da Vogal

Tratando-se do status da vogal seguinte às oclusivas alveolares em ataque, os fatores que compuseram essa variável foram *fonético*, como em dent[i], e *fonológico*, como em t/i/nha. A tabela a seguir apresenta os resultados referentes a essa variável:

Tabela 10 – Produção da dental: Status da Vogal

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Fonológico	181/789	22,9%	0,644	0,592
Fonético	164/947	17,3%	0,356	-0,592

Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

O fator que se mostrou significativamente relevante à produção da dental foi o fonológico. A frequência foi de 22,9%, com peso relativo equivalente a 0,644 e *log-odds* com valor de 0,592. Desse modo, constata-se que a informante produziu com maior frequência a oclusiva dental quando a vogal seguinte é a realização de /i/, como em t[i]nha, por exemplo, e não fruto do alçamento de /e/.

A hipótese que se tinha em relação a essa variável, com base nos resultados de Carreão (2018), era de que a oclusiva dental ocorreria preferencialmente antes de vogais com status fonético, ou seja, quando fruto de alçamento das mesmas, o que não se confirma com base na amostra considerada.

5.2.2.6 Tonicidade

No que se refere à variável *tonicidade*, os fatores que a compuseram são tônica, como em *partir*, ou átona, como em *curte*. Os resultados são apresentados a seguir, na Tabela 11.

Tabela 11 – Produção da dental: Tonicidade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Átona	154/905	17%	0,567	0,269
Tônica	191/831	23%	0,433	-0,269

Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

De acordo com resultados da Tabela 11, o fator *átona* foi propiciador à produção da oclusiva dental com frequência de 17%, peso relativo igual a 0,567 e *log-odds* de 0,269. O fator *tônica* não se mostrou relevante para a produção da oclusiva dental.

Nossa hipótese foi, portanto, confirmada quanto ao fator átona, conforme Albano (1999) e Pagotto (2001).

5.2.2.7 Classe de Palavra

Quanto à variável linguística *classe de palavra*, os fatores que a compuseram são nome, como em *dia*, verbo, como em *sentir*, e clíticos, como em *te*. Os resultados referentes à essa variável se apresentam na Tabela 12 a seguir:

Tabela 12 – Produção da dental: Classe de Palavra

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Clítico	114/409	27,9%	0,680	0,754
Verbo	84/430	19,5%	0,456	-0,175
Nome	147/897	16,4%	0,359	-0,578

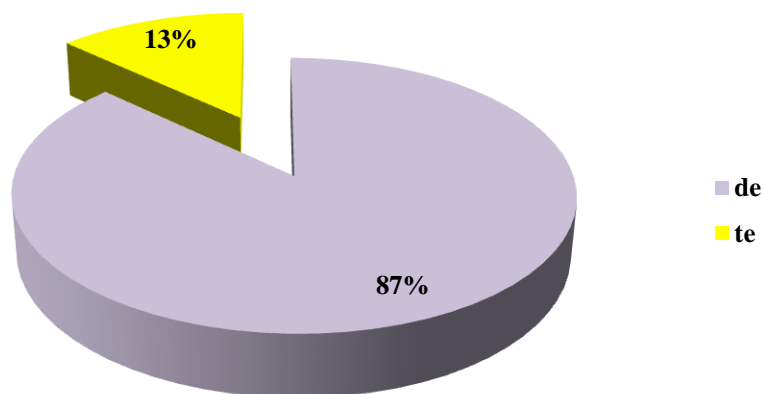
Graus de Liberdade: 21 p: 0,103 R2: 0,448 Média: 0,199

O fator que se destacou por propiciar a produção da oclusiva dental foi o clítico, com frequência de 27,9%, peso relativo igual a 0,680 e *log-odds* de 0,754. Os outros fatores, como *verbo* e *nome*, não se mostraram relevantes à produção da dental.

A hipótese que se tinha, com base em Carreão (2018), era de que a produção da oclusiva dental ocorreria mais frequentemente em preposições, e também com base em Pagotto (2001), que ocorresse em advérbios. Conforme os resultados apresentados na Tabela 10, a maior ocorrência de produção da dental foi em clíticos, como, por exemplo *te* e *de*, confirmando a hipótese, baseada em Carreão (2018).

No gráfico a seguir é possível observar a frequência dos clíticos *de* e *te* que foram produzidos com oclusivas dentais:

Gráfico 5 - Frequência dos clíticos *de* e *te*



Fonte: A autora (2019)

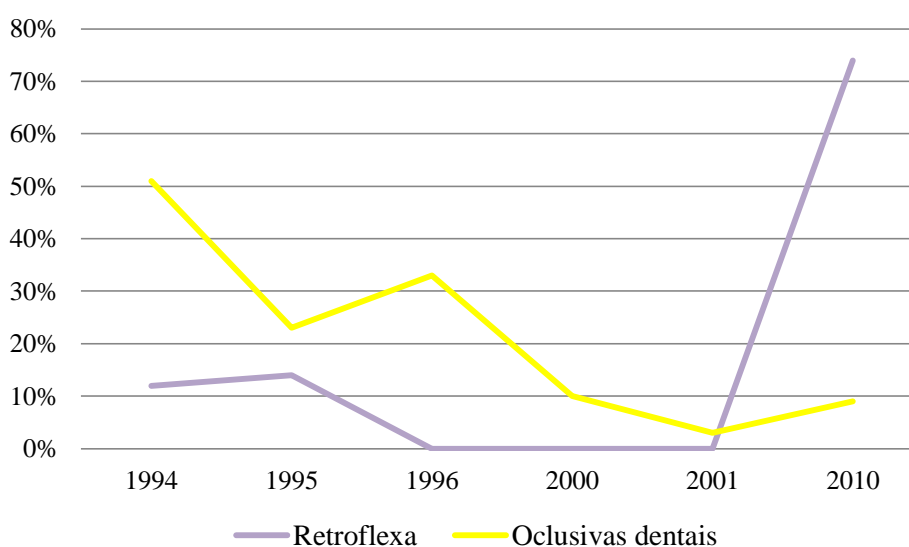
Como se pode observar no Gráfico 5, a maior frequência de clítico com oclusivas dentais foi *de*, ou seja, com o segmento [+voz], corroborando ainda o resultado da variável sonoridade, apresentado nesta seção. No total, foram produzidas 110 vezes o clítico *de* e apenas 16, o clítico *te*.

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos a partir das rodadas realizadas a fim de verificar se houve mudança na fala da informante em relação ao /R/ em coda e ao /t,d/ em ataque. Verificou-se que, na amostra em exame, não predomina a variante materna, pois em relação ao rótico em coda a variante que ocorreu com maior frequência foi o tepe e, em relação às oclusivas em ataque, a variante palatalizada ocorreu com maior frequência.

Conforme indica o Gráfico 6, que compara a produção da retroflexa em coda e as oclusivas em ataque, observou-se que quando a informante se mudou para São Paulo-SP houve convergência entre a variedade materna e a variedade paulistana quanto à produção do *r* em coda, o que não ocorreu com o contato com a variedade florianopolitana, na qual predomina a fricativa glotal, pois a informante seguiu produzindo preferencialmente o tepe. Em Porto Alegre-RS houve aumento da retroflexa, indicando que essa variante não desapareceu da fala da informante.

Com relação ao /t,d/, a variante predominante na fala em exame é a palatalizada. Conforme o Gráfico 6 a seguir, a produção da variante dental é mais frequente se comparada com a retroflexa quando a informante residiu em Florianópolis, de 1994 à 2001. Ao longo do período em análise, a variante dental mostra uma tendência de diminuição, o que não ocorre com a variante retroflexa no ano de 2010 (residência em Porto Alegre-RS), quando atinge a taxa de 74%.

Gráfico 6 - Percentagem retroflexa em coda e oclusivas dentais em ataque



Fonte: A autora (2020)

No Gráfico 6, é possível observar a diminuição da produção da retroflexa, com um aumento significativo no final do período considerado e a diminuição da produção da oclusiva dental. O que se supõe é que a informante passou a produzir com maior frequência a retroflexa em 2010, período de residência em Porto Alegre-RS, por não ser uma variante associada às classes mais baixas, assim como é em São Paulo-SP, e conseqüentemente, por haver um menor monitoramento de sua própria fala. Em relação às oclusivas dentais, a produção diminuiu de 1994 a 1995, período recente à mudança de São Paulo-SP para Florianópolis-SC, aumentando um pouco em 1996. Pressupõe-se que o aumento se deve à presença da variante dental em Florianópolis, mesmo que a predominante seja a africada nessa localidade. De 2001 a 2010 houve um pequeno aumento, período em que a informante já residia em Porto Alegre-RS.

A variante predominante na fala da informante converge com a variante predominante em Porto Alegre. No entanto o contexto apontado por Albano (1999) como condicionador da variante palatalizada entre os mais jovens de Jundiaí-SP, a saber o /s/, mostra-se condicionador da variante dental, o que pode indicar que a informante não participou do processo de mudança apontado pela autora em Jundiaí-SP.

As considerações finais serão apresentadas a seguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho constitui uma pesquisa referente à produção da variante retroflexa em coda e da oclusiva dental em ataque na fala, ao longo de 16 anos de vida, de uma única informante adulta, paulista, com histórico de contato com a variedade paulistana, florianopolitana e porto-alegrense. As variantes predominantes do rótico em coda nessas localidades diferem-se da variante materna da informante, a retroflexa: o tepe na variedade paulistana; a fricativa velar/glotal na variedade florianopolitana; e o tepe na variedade porto-alegrense, conforme revela a revisão da literatura. Com relação às variantes de /t,d/ em ataque, enquanto na variedade materna tem-se as oclusivas dentais, a palatalizada se mostra predominante na variedade paulistana, a africada alveolar na florianopolitana e a palatalizada na porto-alegrense.

A primeira hipótese era a de que a informante diminuiria a produção da variante retroflexa, em relação ao rótico em coda, e aumentaria a palatalização, em relação à /t,d/ em ataque. No primeiro caso, a partir do contato com a variedade paulistana, cuja amostra de fala é inexistente para análise, mas somente verificável a partir do contato com a variedade florianopolitana, verifica-se tendência para queda da produção da retroflexa, sobretudo a partir do contato com a variedade porto-alegrense e, no segundo caso, a da diminuição da produção da dental.

De acordo com os resultados obtidos, que consideram a fala da informante nos anos de 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e de 2010, em um total de 32 gravações e 205 minutos de fala, a única hipótese que não se confirmou estatisticamente foi a da diminuição da retroflexão, pois houve um aumento da produção no ano de 2010. A produção da palatalização foi crescente, com redução, portanto, da variante dental.

A segunda hipótese era de que os condicionamentos linguísticos sofreriam alterações ao longo do tempo, tornando-se mais próximos aos verificados nos estudos referentes à região de moradia.

As variáveis selecionadas como relevantes para a retroflexão foram *ano*, ou seja, em 2010 a informante produziu mais retroflexas em relação a 1994; *contexto precedente*, com maior tendência à retroflexão antes de vogal [+alto]; *contexto seguinte*, em que o fator labial foi mais propiciador à retroflexão; e *tonicidade*, que

apontou a sílaba tônica como condicionadora à retroflexa. Está de acordo com a literatura acerca da produção da retroflexa no interior paulista o resultado referente à variável *tonicidade*.

Em relação às oclusivas dentais, a informante produziu com maior frequência a palatalização. Os resultados da rodada mostraram que as variáveis propiciadoras à produção da oclusiva dental foram *ano*, ou seja, em 1994 a informante produziu mais oclusivas dentais do que em 2010; *sonoridade*, na qual o fator [+voz] se mostrou relevante; *contexto precedente*, mostrando que fricativas tendem a propiciar a produção da dental, um resultado que vai de encontro ao apontado por Albano (1999), de acordo com a qual /s/ seria propiciador da palatalização dos jovens em Jundiaí-SP; *contexto seguinte*, destacando as alveolares como relevantes; *status da vogal*, mostrando que a vogal fonológica propicia a produção da oclusiva dental; *tonicidade*, segundo a qual oclusivas em sílaba átona tendem a ser dentais. Por fim, clíticos mostraram-se relevantes à produção da dental quanto ao resultado para a variável *classe de palavras*. Estão de acordo com a literatura acerca da produção da dental as variáveis *sonoridade*, *contexto seguinte*, *tonicidade* e *classe de palavra*.

O que parece é que a informante produziu mais retroflexão no ano de 2010 devido a essa variante estar menos associada às classes mais baixas e/ou à fala do interiorano em Florianópolis-SC e, por hipótese, em Porto Alegre-RS, comparativamente à capital São Paulo-SP. Já no caso de /t,d/ em ataque, a maior frequência de palatalização na fala da informante pode estar relacionada ao contato dialetal com a variedade porto-alegrense, motivada sobretudo por maior inserção social em Porto Alegre, onde passou a residir em 2003.

Estudos complementares poderiam apontar para a avaliação da retroflexa em Florianópolis e Porto Alegre, assim como da variante dental. Além disso, considerando a amostra em exame, a investigação das outras variáveis diatopicamente marcadas, como entoação e produção da sequência *en/em*, são necessárias para o aprofundamento da análise referente ao papel do contato dialetal. Assim, ao apresentar uma análise acerca dessas duas variáveis, produção retroflexa do rótico em coda e da oclusiva dental em ataque, espera-se ter contribuído para a descrição variacionista do português brasileiro e, sobretudo, para os estudos referentes a variedades em contato e à mudança linguística ao longo da vida, ainda pouco explorados no cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria B. M.; PAGOTTO, Emílio G. **Palatalização das oclusivas dentais do português do Brasil**. In: ABAURRE, Maria Bernardete; RODRIGUES, Angela C. S.. Gramática do português falado. Campinas: Unicamp, 2002. vol. 8. p. 557 – 601.

_____.; SANDALO, Maria F. Os róticos revisitados. In: HORA, Demerval; COLLISCHONN, Gisela (org). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 144 – 180.

ALBANO, Eleonora C. **O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória**. São Paulo: Delta, vol. 15, p. 23-50, 1999.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955.

BATTISTI, Elisa. Palatalização de t e d. In: BATTISTI, Elisa; BISOL, Leda. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 105-120.

BAXTER, Gareth; CROFT, William. Modeling language change across the lifespan: Individual trajectories in community change. Cambridge: **Language Variation and Change** 28(02): 129–173, 2016. doi:10.1017/S0954394516000077.

BISOL, Leda; HORA, Demerval. **Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical**. Letras. Santa Maria, n. 5, p. 25-40, jan./jun. 1993.

BOTASSINI, Jacqueline O. M. **A variação no uso dos róticos em Porto Alegre**. São Paulo: Estudos Linguísticos. n. 40, p. 1060-1072, 2011.

BROWMAN, C. & GOLDSTEIN L. **Articulatory gestures as phonological units**. Phonology, 1989. 6, 201-251.

BRENNER, Teresinha de Moraes. **Variação: a coda [R] em Santa Catarina, Brasil**. Belo Horizonte: Revista de Estudos da Linguagem. v. 13, n. 2, p. 181 – 202, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 1981.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antonio; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s,r,l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete (org.). **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro; Organização Simões, 1953.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 14ª ed. (1984). Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMPOY, Juan M. H.. **Research methods in Sociolinguistics**. Zurich: AILA Review, v. 27, p. 5-29, 2014.

CARDOSO, S.; MOTA, J.; AGUILERA, V.; ARAGÃO, M.; ISQUERDO, A.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, v. 2, 2014.

CARREÃO, Vitor. **Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2018.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, Publishers, 1968.

CHAMBERS, J. K.. **Dialect Acquisition**. Great Britain: Language, v. 68, n. 4, p. 673-705, 1992.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge: Blackwell, 1995, pp. 245-306.

CLICRBS. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/praias-sc/capa-interna,860,0,0,0,Florianopolis.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

CLICRBS. **Redescobrimo Floripa**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/floripa-285/19,0,3229636,Cinco-setores-movimentam-a-economia.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

COLACI, Daniela. **Caipira por vocação**. Disponível em: <<https://danielacolaci.com/2015/04/08/caipira-por-vocacao/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

COMISSOLI, Adriano. **Do arquipélago ao continente: estratégias de sobrevivência e ascensão social na inserção açoriana nos campos de Viamão (séc. XVIII)**. Porto Alegre: AEDOS, v. 2, n. 3, 2009.

CORREIO DO POVO. **Porto Alegre**. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/porto-alegre-%C3%A9-a-6%C2%AA-maior-economia-do-brasil-aponta-ibge-1.249421>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

DB. **Geografia de Jundiaí**. 2019. Disponível em: <<https://pt.db-city.com/Brasil--S%C3%A3o-Paulo--Jundia%C3%AD>> . Acesso em 25 de abril de 2019.

_____. **Geografia de Porto Alegre**. 2019. Disponível em: <<https://pt.db-city.com/Brasil--Rio-Grande-do-Sul--Porto-Alegre>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

ESTADÃO. **Economia e Negócios**. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,sete-municipios-detinham-25-do-pib-em-2017-sao-paulo-era-responsavel-por-mais-de-10,70003124859>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

G1. **São Paulo.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/29/cidade-de-sao-paulo-tem-122-milhoes-de-habitantes-e-e-a-mais-populosa-do-pais.ghtml>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. **Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data.** *Language in Society*, vol. 2, 177-192, 1973.

_____.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J.. *Accommodation theory: communication context, and consequence.* In: GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. (Eds.), **Studies in emotion and social interaction.** Contexts of accommodation: developments in applied sociolinguistics. New York: Cambridge University Press, 1991.

_____.; OGAY, T.. *Communication Accomodations Theory.* In: WHALEY, B.; SAMTER, W. (Eds.), **Explaining communication: contemporary theories and exemplars.** Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2007.

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental phonology.** Thesis (Ph.D).Massachusetts Institute of Technology, 1976.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALL, T. Alan. **The phonology of coronals.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.

_____. **História de Florianópolis.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/historico>> . Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **História de Porto Alegre.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/historico>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **História de São Paulo.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/historico>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **Panorama de Florianópolis.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **Panorama de Jundiáí.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jundiai/panorama>>. Acesso em 25 de abril de 2019.

_____. **Panorama de Porto Alegre.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **Panorama de São Paulo.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

_____. **Mapa de São Paulo.** Disponível em: <ftp://geofpt.ibge.gov.br/produtos_educacionais/atlas_educacionais/atlas_geografico_escolar/mapas_do_brasil/mapas_estaduais/fisico/sao_paulo.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2020.

_____. **Mapa do Brasil.** Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/divisao-politica.html>>. Acesso em 8 de janeiro de 2020.

JOHNSON, Daniel Ezra. **Getting off the GoldVarb standard:** Introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, vol. 3, p. 359-383, 2009. Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/johnson_compass_final.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2019.

_____. **Rbrul Manual.** Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html>. Acesso em 10 de maio de 2019.

KAMIANECKY, Fernanda. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis:** uma análise quantitativa. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 2002.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of linguistic change.** Oxford: Blackwell, v. 1, 1994.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sound's of the world's languages.** Cambridge: Blackwell, 1996.

LEITE, Cândida Mara Britto. **Atitudes linguísticas:** a variante retroflexa em foco. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Campinas: UNICAMP, 2004.

LOPEZ, Barbara S. **The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect).** Tese. (Doutorado, PhD). Los Angeles: University of California, 1979.

MACKENZIE, Laurel. **Frequency effects over the lifespan:** a case study of Attenborough's r's. New York: Linguistics Vanguard, 2017.

MATZENAUER, Carmen L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 11 - 74.

MONARETTO, Valeria. **Um reestudo da vibrante na fala do sul do país**. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 1997.

_____. **Descrição da vibrante no português do sul do Brasil**. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 119-127.

_____.; QUEDNAU, L. R.; DA HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 202 – 235.

NSC. **Florianópolis**. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/florianopolis-e-a-capital-com-melhor-desenvolvimento-economico-aponta-pesquisa>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

OCENAUDIO. **O que é o Ocenaudio**. 2015. Disponível em: <<https://www.ocenaudio.com/whatis>>. Acesso em 29 de abril de 2019.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2015.

PAGOTTO, Emilio G.. **Variação e identidade**. Tese (Doutorado). Campinas: Unicamp, 2001.

PLAZA, Luna S. **O dialeto caipira no município de Itatiba-SP**. Dissertação (Mestrado). Campinas: Unicamp, 2019.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ. **História**. Disponível em: < <https://jundiai.sp.gov.br/cidade/historia/>> . Acesso em 25 de abril de 2019.

RENNICKE, Iiris. **Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares**. Belo Horizonte: SCRIPTA, v. 20, n. 38, p. 70-97, 1º sem. 2016.

RIGONATTO, Mariana. **O que é fonética?** Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-fonetica.htm>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

SANKOFF, Gillian. **Age: apparent time and real time**. 2a. ed. Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics, 2006.

_____. **Language change across the lifespan**. Pennsylvania: Annual Reviews, 2018. p. 297-316.

_____.; BLONDEAU, H.. **Language change across the lifespan: /r/ in Montreal French.** *Language*, 83, p.560–614, 2007.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período /** Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

_____.;NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português.** São Paulo: Contexto, 2015.

SIEGEL, Jeff. **Second dialect acquisition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SILVA, Ana K. B. **Os róticos na ilha de Santa Catarina.** Anais do CELSUL, 2008.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7. ed São Paulo: Contexto, 2003.

_____.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO. K.. **Revisitando a palatalização do português brasileiro.** Belo Horizonte: Revista de Estudos da Linguagem. v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012.

_____.; SEARA, Izabel Christine; SILVA, Adelaide; RAUBER, Andreia Schurt; CANTONI, Maria. **Fonética Acústica: os sons do português brasileiro.** 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. v. 1.

TRIBUNA DE JUNDIAÍ. **Economia.** Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/videos/jundiai-o-brasil-que-deu-certo-economia-maxima-e-investimento-no-cidadao/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

_____. **Jundiaí.** Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/cidades/jundiai/jundiai-364-anos-a-verdadeira-historia-da-nossa-cidade/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in contact.** Oxfordshire: Basil Blackwell, 1986.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics.** Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.].

WEISS, Helga Elisabeth. **Fonética Articulatória: guia e exercícios.** 3ª. ed. rev. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br